

A COMUNIDADE CUIDA DE SUA SAÚDE

— Página 10 —

POR QUE CRESCER NO MATO GROSSO?

-- Página 13 --

UM PULGÃO DIFERENTE NO TRIGO

— Página 9 —

HÁ 23 ANOS A SEMENTE FOI LANÇADA. SEUS FRUTOS COLHEMOS ATÉ HOJE

— Página 3 —

A NOVA FUGA DO RIO GRANDE

— Página 6 —



Cooperativismo

A ÉPOCA É OUTRA

— Página 16 —

**COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, esquina
Porto Alegre — Caixa Postal 111
IJUI — RS
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-
ner, Eduardo Augusto de Menezes,
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinholdo Luiz
Kommers, Ido Marx Weiller, João
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chlapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	84.000 t
Dourados	29.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOOCOOP
Associação dos Agricultores e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de
propriedade industrial M/C11 n.
022.775 de 13.11.1973 e figurativa
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. de Brum Lucchese

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e
impresso no Jornal do Comércio,
Porto Alegre.

Ao leitor

No calendário do mês de julho estão assinaladas duas datas importantes para a Cotrijuí. A primeira, que ocorreu dia 5 de julho, primeiro sábado do mês, é na verdade importante para todas cooperativas do mundo, pois marca o Dia Internacional do Cooperativismo. A segunda, dia 20, é o aniversário da Cotrijuí, que este mês completa 23 anos de atividade junto aos associados que hoje se espalham pelo Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

Para marcar a primeira data a diretoria Regional de Dom Pedrito organizou uma mesa-redonda com a participação de associados e líderes sindicais. Ali foi muito discutido o papel do cooperativismo no mundo de hoje. Os participantes também opinaram sobre qual deve ser a posição assumida pela Cooperativa e seus associados frente aos problemas que um sistema como o cooperativismo, que visa essencialmente ao homem, enfrenta dentro de um outro sistema, como o capitalismo, que prega acima de tudo o lucro e a propriedade individual. A mesa-redonda começa na página 16.

O aniversário da Cotrijuí também não passou em brancas nuvens. Festa não teve que hoje é impossível convidar os quase 19 mil associados para comemorar este acontecimento. Primeiro que o número é muito grande para reunir num lugar só. Segundo que os tempos andam brabos e para comemorar uma data destas não é preciso fazer festa no estilo que se conhece, regada a comida e bebida. Se espera que cada associado tenha comemorado lá no seu íntimo este dia, pensando na sua cooperativa e avaliando os serviços que ela prestou nestes 23 anos. Isto foi o que aconteceu, por exemplo, durante o programa Informativo Cotrijuí, que acontece todos os domingos em duas rádios da Região Pioneira. Sócios fundadores da Cotrijuí analisaram seu crescimento e avaliaram os serviços que ela vem prestando até agora.

Coisas antigas foram lembradas então. São coisas que muitos associados novos não podem nem saber. Um exemplo é a construção do terminal marítimo em Rio Grande, a solução encontrada pelo pequeno número de associados que existia na Cotrijuí no final da década de 60, para o problema quase insolúvel do escoamento das suas safras. O terminal mostra a garra destes associados, a maioria minifundiários, que resolveram descer a serra para chegar ao mar, uma coisa grande e

desconhecida para muitos de nós. É a primeira etapa da expansão da Cotrijuí. Veja, na página 3, o que produziu a semente plantada há 23 anos atrás.

Uma nova fuga do Rio Grande começa a preocupar. Colonos e mais colonos estão vendendo seu pedacinho de terra para tentar a sorte em paragens mais distantes, no Paraná, Mato Grosso e até Rondônia. O fato não é novo, pois anualmente centenas de agricultores saem de suas terras e vão para a cidade ou mesmo para outros estados. O que preocupa é a intensidade deste novo ciclo de êxodo rural. Ao que tudo indica pode acontecer o mesmo fenômeno do início da década de 60, quando verdadeiras massas de agricultores saíram do Estado a procura de terras mais baratas em outros lugares. O pior é que o problema principal — a falta de terra para os filhos — será apenas transferido para outro lugar. Veja na página 6.

Pelo menos primeiros socorros não são mais problemas para duas comunidades rurais de Dom Pedrito. Curativos, injeções, tratamento de vermes e até mesmo partos são assuntos resolvidos lá no interior mesmo em ambulatórios montados pela Cooperativa, sindicatos e apoio de toda comunidade, nos distritos de Três Vendas e Ponche Verde. É a primeira experiência em Saúde Comunitária que está sendo implantada na área da Cotrijuí. Tentativas já existiram para que este programa estivesse instalado há tempos na Região Pioneira. Aqui, apesar do desejo dos associados, problemas bem diversos impediram que a Saúde Comunitária também fosse realidade na região. A experiência em Dom Pedrito está contada na página 10.

Construir 12 armazéns numa pegada só não é brincadeira. Mas é isto que está sendo feito no Mato Grosso, na região da Cotrijuí. Região, por sinal, que já na próxima safra de soja produzirá mais do que a Região de Dom Pedrito e toda Região Pioneira juntas. Só que não existia lugar para guardar este produto. Numa região onde o "perto daqui" está a 200 quilômetros, os associados vinham enfrentando sérios problemas para armazenar suas safras, gastando somas consideráveis em frete. O porquê investir em armazém no Mato Grosso está na página 13.

Do leitor

AJUDA

Sendo formado em Cooperativismo na Universidade Federal de Viçosa e atualmente trabalhando na Cooperativa Regional Mista de Plantadores de Cana de Minas Gerais — COPLACAN — no Departamento de Comunicação e Educação Cooperativista, gostaria de solicitar-lhes assinatura do "Cotrijornal".

Na oportunidade, gostaríamos de dizer-lhes que também estamos editando um jornal, e acreditamos que o Cotrijornal muito poderá nos ajudar para que possamos a cada dia, melhorar o nosso órgão de comunicação.

Cooperativa Regional Mista dos
Plantadores de Cana de Minas Gerais Ltda.
— Ponte Nova — M.G.

PORTA-VOZ

Tenho lido algumas reportagens do jornal Cotrijuí, e achei valiosos os trabalhos ali publicados, devido a seriedade em defender os interesses dos agricultores junto ao governo, que até o presente desejo permanecem marginalizados das decisões inerentes à sua própria área. Quero me congratular com todos os diretores dessa Cooperativa, pela missão que desempenha, como porta-voz livre de seus associados, defendendo com ousadia os seus interesses, ou seja da classe rural.

Gostaria de acompanhar, através do jornal, os trabalhos desenvolvidos por esta cooperativa. Neste sentido gostaria de passar à lista dos destinatários, da referida publicação.

José de Oliveira do Espírito Santo
Universidade Federal de Viçosa

TEMAS IMPORTANTES

Há pouco tempo atrás conheci o COTRIJORNAL e, sem dúvida alguma, achei-o bastante interessante, por ser um jornal que desenvolve temas de fundamental importância. De um lado, assuntos que se relacionam com o cotidiano; por outro lado, temas que retratam o cooperativismo, principalmente na região.

É importante citar que tenho interesse em acompanhar o desenvolvimento do Cooperativismo na região sul, principalmente após a queda do confisco da soja. Ressalto ainda a erradicação da saúva na região, coisa que se consegue somente com educação e organização.

Antônio Carlos Ferreira de Moraes
Universidade Federal de Viçosa

JORNAL DUPLO

Comunico que às vezes tenho recebido dois exemplares iguais. Quando isto acontece, procuro doar um exemplar à

pessoas que sabem valorizar o COTRIJORNAL, ou a Bibliotecas. Mas deve estar havendo algum engano, sendo assim é meu dever comunicar a V. Sa. do que está acontecendo, contudo quero continuar merecendo a mesma atenção que sempre tem me dispensado, recebendo normalmente esse valioso jornal.

José Cândido Vieira
Cuiabá — MT.N

NR: Já providenciamos a regularização de nosso cadastro.

ATUALIZAR CONHECIMENTOS

Sou estudante do 2º grau no Colégio Teutônica, onde faço o curso agropecuário. Escrevo-lhes pois cada vez mais sinto a necessidade de atualizar os meus conhecimentos técnicos em agropecuária. Justamente por isto peço a compreensão e o auxílio dos senhores, para pedir uma assinatura gratuita do jornal que, para mim, como futuro técnico, seria de grande utilidade.

Décio Schneider
Linha Paissandú — Teutônia/RS

NR: Todas as assinaturas do Cotrijornal são gratuitas, como uma cortesia dos associados da Cotrijuí para as pessoas interessadas em conhecer o trabalho desenvolvido em relação à agropecuária e ao Cooperativismo na sua área de ação.



HÁ 23 ANOS FOI PLANTADA A SEMENTE

O Brasil vivia a alegria da construção da nova capital, Brasília. As coisas no Rio Grande do Sul, contudo, não eram das melhores. A época era de euforia. Agricultores em todos os recantos do Estado abandonavam o cultivo de outras culturas para se dedicar a um novo produto, o trigo. Mesmo pessoas que sempre viveram na cidade, abandonavam suas profissões e dirigiam-se para o interior afim de também plantar o produto "enriquecedor".

As pragas começaram a aparecer nas lavouras, pegando os "novos" e velhos agricultores desprevenidos. Eles não possuíam armazéns para a conservação e segurança do produto, e com isso entregavam suas safras aos moinhos por qualquer preço.

A situação dos agricultores se agravava a cada dia. Até que um grupo deles, aqui de Ijuí, cansados de só levar na cabeça, decidiu que a solução estava na união de todos sob o mesmo objetivo.

Foi com este espírito de união, que este grupo de agricultores se reuniu no dia 20 de julho de 1957, e ao som da sinfonia dos pingos da chuva, que caía torrencialmente, fundaram a COOPERATIVA TRITICOLA SERRANA LTDA.

O INÍCIO

Seu problema de não ter onde armazenar foi resolvido: guardaram a produção numa instalação da Cibrazem. Neste mesmo ano, foi iniciada a construção do primeiro armazém próprio. A safra de 57/58 foi de quase 4.000 toneladas.

Nos primeiros anos as dificuldades eram muitas, mas a força de vencer era maior ainda.

Em 1968, o então presidente Luiz Fogliatto cria dois novos departamentos: Departamento de Crédito e Departamento Técnico. Ainda neste ano foi construído em Santo Augusto um armazém interiorizado. Inicia-se aí a descentralização do sistema de recebimento e armazenamento de cereais. Logo depois foram construídos armazéns em Tenente Portela, Coronel Bicaco, Vila Jóia, Augusto Pestana e Ajuricaba.

Quatro anos antes a Cooperativa deu início a um novo tipo de prestação de serviços, atendendo a reivindicações dos associados. Instalou postos para recebimento de produtos e armazém para o fornecimento de artigos de primeira necessidade. No município de Ajuricaba foi instalado o primeiro posto e a este seguiram-se outros nas demais unidades da Cooperativa.

1970 foi o ano da construção do primeiro graneleiro com fundo inclinado e totalmente hermético do Brasil, com capacidade de armazenar 45 mil toneladas.

DESCENDO A SERRA

Os agricultores sentiram a necessidade, para o desenvolvimento de sua Cooperativa, de superar os graves problemas existentes no escoamento de suas safras até os portos marítimos. Numa assembléia de maciça participação, decidiram construir um terminal graneleiro em Rio Grande. A construção iniciou em meados de 1970 e, no final de 1972 estava sendo inaugurado o Terminal Luiz Fogliatto, uma homenagem ao presidente da Cooperativa e idealizador da obra, que não chegou a vê-la inaugurada.

Com o objetivo de conscientizar os diversos grupos humanos de sua capacidade de discutir e achar soluções para os diversos problemas vividos, a Cotrijuí assinou em 1970 um convênio com a Fidene. Desta forma, se procurou estender o trabalho de educação aos demais municípios da área de ação da Cooperativa.

Em 1973 foi ampliado o primeiro supermercado da Cotrijuí. Isto aconteceu em Ijuí, expandindo-

se este serviço às demais unidades. Hoje existem 24 lojas e mercados na área de ação da Cooperativa.

A AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS

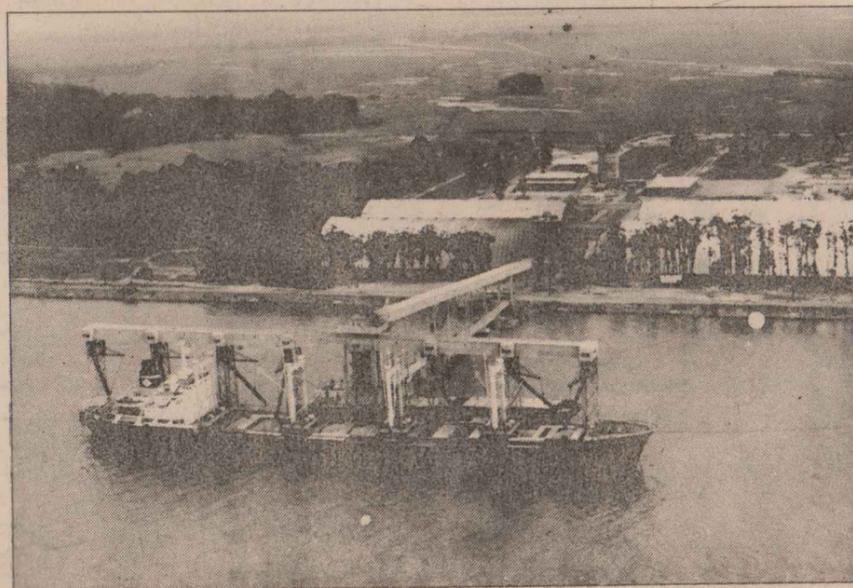
Em 1974 foi adquirido a Casa de Saúde Santa Terezinha, em Santo Augusto, atualmente denominado Hospital Bom Pastor. O objetivo foi facilitar aos associados da região o atendimento de uma de suas maiores reivindicações: assistência hospitalar.

O Centro de Processamento de Dados da Cotrijuí (CPD) surgiu em junho de 1976 pela necessidade de uma centralização e agilização dos serviços de processamento de dados, que até então eram feitos em Porto Alegre. Hoje a empresa é denominada Cotridata, e é uma das subsidiárias da Cotrijuí, prestando ainda serviços de computação para terceiros.

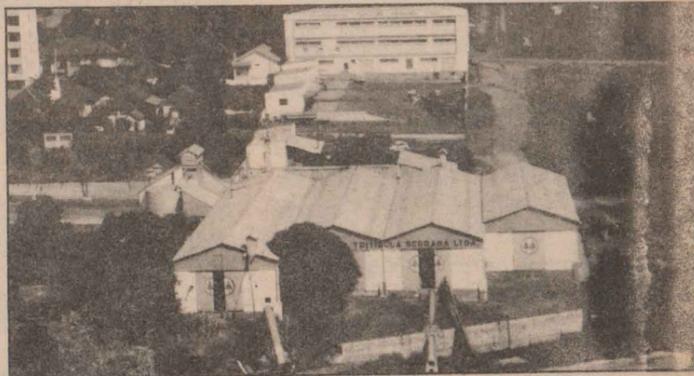
A Cotriexport, fundada em 1975 com a finalidade de agir na comercialização interna e externa da produção da Cooperativa, foi ampliada em 1977, passando a se chamar Cotriexport Cia. de Comércio Internacional. Além de trabalhar com soja, farelo e óleo, ela também opera com outros produtos, como óleo de soja refinado, arroz, milho, madeira, cacau, pi-

Coisas que marcaram

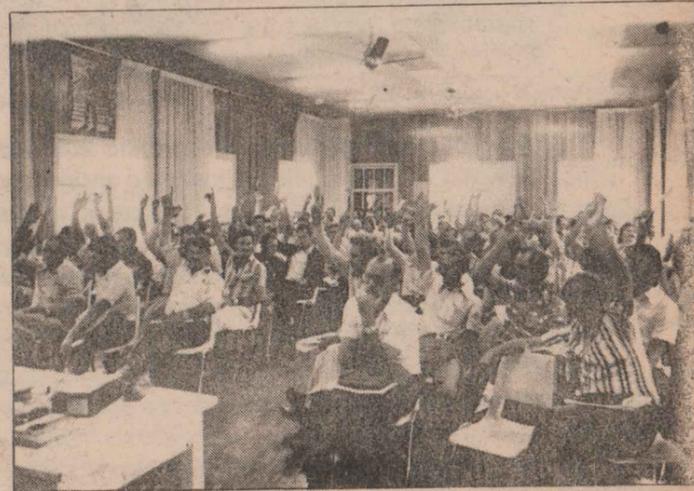
Durante estes 23 anos, alguns fatos foram marcantes na vida da Cotrijuí.



A construção do terminal marítimo em Rio Grande hoje com 8 armazéns.



O primeiro armazém da Cooperativa



A discussão sobre a Estrutura do Poder

menta, lã e artigos de lã. Ela possui filiais em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Campo Grande, Belém, Rio Grande e Dom Pedrito.

Paralelamente à Cotriexport, foram criadas a Cotriexport Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários e a Cotriexport Corretora de Seguros.

NOVAS FRONTEIRAS

O ano de 1977 marca a ampliação das fronteiras da Cotrijuí. Em fevereiro, mais precisamente no dia 17, a Cooperativa Pedritense de Produtos Agropastoris de Dom Pedrito, foi incorporada à Cotrijuí. Desta forma foi antecipado o ingresso da Cooperativa no setor da pecuária e também expandida sua fronteira agrícola.

No final deste mesmo ano a Cotrijuí chega ao Mato Grosso, com a incorporação de outra cooperativa, a Coopemara, que já atingia com suas unidades os municípios de Macajú, Sidrolândia e Rio Brilhante. Ali, as principais atividades eram as culturas de soja e arroz. No início de 1979 a área de ação expande-se até Dourados. A sede da diretoria e os escritórios centrais estão instalados na capital do estado, Campo Grande.

Ainda em 1977, a Cooperativa entra no setor de laticínios, participando da CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite). A Cotrijuí, como as demais cooperativas filiais à Central, cuida da produção leiteira, enquanto a CCGL responsabiliza-se pela industrialização e comercialização do produto.

Em termos de participação em centros cooperativas, a Cotrijuí ainda integra a CCGTel (Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Rurais), proporcionando a utilização do telefone na propriedade rural, e da CCGC (Cooperativa Central Gaúcha de Carne), que se responsabilizará futuramente, pela industrialização e comercialização da carne no estado do Rio Grande do Sul.

Outra das participações da Co-

trijuí é no IRFA (Instituto Rio-grandense da Febre Aftosa), que produz vacinas para o controle desta doença. São também da empresa a Fecolã e a Fecocarne.

A PARTICIPAÇÃO

Nestes 23 anos os primeiros associados viram o que foi o crescimento da Cooperativa que fundaram em 1957. Hoje somos mais de 18 mil associados. Do primeiro e acanhado armazém, que abrigava pouco mais de 4.000 toneladas de produto, hoje podemos armazenar mais de 1 milhão de toneladas, protegendo nossas safras do tempo e das oscilações de mercado, na tentativa de garantir os melhores níveis de comercialização.

Só que a Cotrijuí não conta apenas por seus armazéns, prédios e equipamentos. O que mais conta é o homem e a sua participação no crescimento da Cooperativa. Uma participação que a partir de 1979, quando se ampliou a discussão sobre a Estrutura do Poder, foi adquirindo uma perspectiva mais ampla. Pelo número atual de associados, abrangendo áreas distantes uma das outras, a participação individual em Assembléias, por exemplo, torna-se praticamente impossível. Mas não é na Assembléia que os associados vem participando das decisões. Isto deve acrescentar no dia a dia da Cooperativa, pois se hoje a Cotrijuí é uma Cooperativa de 18 mil associados, que cresceu num ritmo acelerado, a ponto de se tornar uma das maiores cooperativas de produção do Brasil foi porque o associado participou deste crescimento.

COTRIJORNAL

A data de 20 de julho marca também o aniversário do Cotrijornal que começou a circular em 1973, quando a Cotrijuí completava seu 16º ano de atividade. Tanto não foi um lançamento meramente comemorativo que o Cotrijornal atinge neste mês de julho 7 anos de trabalho e 75 edições de um jornal aberto às discussões do corpo social.

Dieter nasceu com a Cotrijuí

Exatamente no mesmo dia em que um grupo de 25 agricultores se reunia para fundar a Cooperativa Tritícola Serrana Ltda, nascia um menino lá na Linha 8 Oeste, também no município de Ijuí. Era o Dieter Herter, que completa junto com a Cotrijuí 23 anos no dia 20 de julho, e que há dois anos é associado da Cooperativa.

Dieter nasceu na colônia, filho mais velho de proprietário de pouca terra que sempre trabalhou mais como ferreiro do que como agricultor. Família grande sempre foi difícil de sustentar sem ter lugar que chega prá plantar. O próprio Dieter diz que se tornou agricultor mesmo há coisa de 2 anos, quando se casou e passou a trabalhar na terra do sogro, o também associado da Cotrijuí, seu Silvino Uecker:

— Antes mesmo de começar a trabalhar me associei na Cotrijuí. O agricultor sozinho não tem muita força porque não tem onde se esconder. Dá para trabalhar sem a Cooperativa, só que é mais difícil pois se fica sozinho. Assim, os planejamentos e os negócios grandes tem gente que faz pró agricultor na Cooperativa e a gente tem mais tempo de trabalhar em casa. Com a cooperativa a gente tem muita vantagem na parte de assistência, porque tem veterinário, tem agrônomo, tem loja, mercado, tem tudo à disposição.

Na Cooperativa o que o Dieter acha mais importante é a união dos agricultores entre si dentro da Cooperativa. Com a união, ele conta, dá mais fácil para resolver os problemas que aparecem:

— Nós temos muito ainda que



Dieter: sozinho é difícil

melhorar o nosso modo de trabalhar na terra e de produzir.

Dieter diz que é uma honra ser associado da Cotrijuí e existir uma cooperativa assim na região. Por que isto Dieter?

— Justamente pela grandeza do empreendimento, por estar indo para a frente, progredindo. Juntamente com a cooperativa cada agricultor vai também crescendo e progredindo.

Por isto Dieter, o associado de matrícula número 20219/39, acha que tanto a Cooperativa como os seus associados tem uma função a desempenhar:

— A função primeira da Cooperativa é dar orientação ao agricultor e assistência para ele produzir. Todo associado, sendo produtor, deve produzir para a Cooperativa ter o que comercializar.

"Consumidores e produtores constituirão por meio do Cooperativismo livre, a nova força econômica da sociedade do futuro".

A frase, escrita logo abaixo do símbolo internacional do cooperativismo (os dois pinheirinhos) e do antigo logotipo da Cotrijuí, era vista de longe por quem chegava no prédio onde a Cooperativa funcionava até 1975. Naquele ano, no mês de outubro, um incêndio destruiu completamente seu terceiro andar, o que acabou acelerando a transferência dos serviços administrativos para um prédio que estava sendo construído junto à área de operações (armazéns e secadores) da Cotrijuí. Atualmente este prédio abriga a Cotridata e o Departamento de Assistência Médica e Social. Os dizeres da frase são uma coisa realmente para fazer pensar.



AGORA É DE VERDADE?

A cripta da Igreja Matriz de Tenente Portela estava pela metade de gente. Cadeira não tinha mais para sentar. Metade do pessoal ficou de pé. Tinha o colono, a mulher, os filhos, os parentes, os amigos. Todos estavam lá para ouvir o que o pessoal da Coopercana tinha para dizer. E não era para menos a presença de tanta gente. Já vai fazer um ano que a Coopercana prometeu vir buscar as 83 famílias expulsas da área indígena da Guarita para levar ao Mato Grosso.

Essas famílias, logo após a expulsão da área indígena, foram envolvidas pela Cooperativa Mista Agropecuária Canarana Ltda — Coopercana —, num programa de colonização. A promessa era de que até o fim de setembro do ano passado, essas famílias seriam levadas para Terra Nova no Mato Grosso. Para poderem viajar, o antigo presidente da Coopercana, Norberto Schwantes, aconselhou a todos que se livrassem de seus pertences. E foi o que os colonos fizeram. Só que a Coopercana não deu mais sinal de vida. Esse pessoal, desde aquela época, vem passando por tudo quanto é dificuldade. As coisas estavam nesse pé, quando os colonos resolveram pedir ajuda aos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela e Miraguaf. Os Sindicatos e alguns colonos andaram até por Porto Alegre querendo



Bertoni: sem culpados

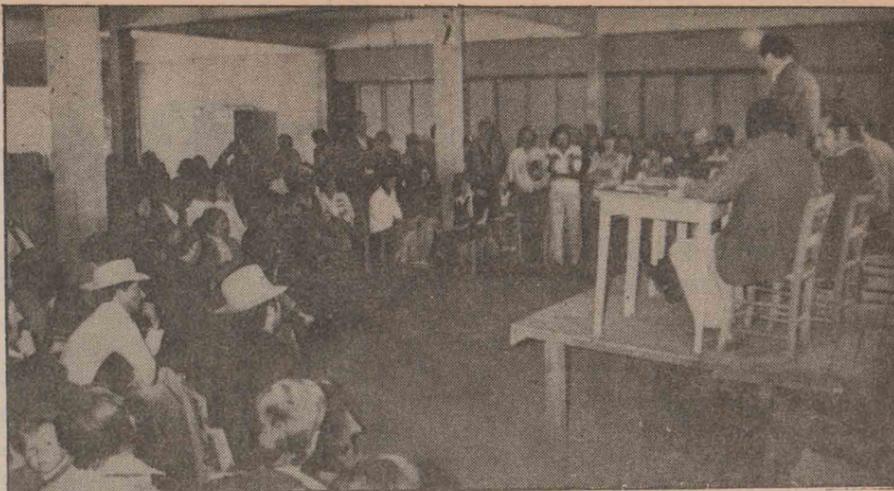
do saber notícias da Coopercana. E o pessoal não sossegou até que a Coopercana não apareceu para conversar frente a frente com os colonos.

AS JUSTIFICATIVAS DO ATRASO

O novo presidente da Coopercana, Sérgio Bertoni, veio até Tenente Portela acompanhado do Coordenador do Incra, Alcione Burin, e mais José Alfredo da Rocha, da Secretaria da Agricultura e que também estava representando o Governador Amaral de Souza.

Bertoni, muito à vontade, chegou dizendo que estava ali para conversar, esclarecer dúvidas e trazer notícias oficiais. Explicou que os colonos poderiam fazer as perguntas que quisessem, porque estava ali para respondê-las. Só que logo de saída, antes de qualquer pergunta, Bertoni foi dizendo que não se devia pôr as culpas na cooperativa e "muito menos no Incra", pelo atraso da transferência dos colonos. E justificou o longo silêncio da Coopercana, dizendo que somente em junho deste ano é que foi liberada a verba para a construção de casas, estradas... na agrovila 9, onde essas famílias deverão ficar. Também culpou as chuvas pelo atraso das obras. Com essas justificativas, os colonos concluíram, de saída, que não era desta vez que iriam ser transferidos. E Bertoni confirmou que somente em setembro poderá ser levada a primeira gleba de famílias (cerca de 20). As outras famílias, segundo Bertoni, serão levadas até o fim do ano.

Os colonos reclamaram da nova promessa, dizendo que queriam ir ainda no mês de julho, enquanto o período chuvoso não começa. O presidente da Coopercana explicou que no momento é impossível. E o motivo alegado é de que a partir de agosto não dá mais para fazer derrubada e nem queimada de matas. E que as casas ainda não estão prontas. Explicou ainda que essas famílias terão que trabalhar na retirada de madeira para vender para a Cooperativa. "É a única maneira de vocês obterem recursos para sobreviver". Somente no mês de março, quando



Os colonos querem uma solução agora. Cansaram de esperar.

passa a época das chuvas, é que os colonos poderão trabalhar na derrubada de matas para fazer suas lavouras. E Bertoni disse mais ainda:

— Estamos correndo riscos com as transferências de vocês assim fora de época. Se pudéssemos transferir vocês no ano que vem, em abril, seria bem melhor. Mas vocês devem decidir isso.

CANSADOS DE ESPERAR

Os colonos não gostaram muito das justificativas e até não acreditaram muito nas novas promessas. E como era para conversar à vontade, eles resolveram falar. Disseram que já estavam cansados de tanto esperar pela transferência e que a Coopercana precisava saber das suas dificuldades. Seu Alcindo Macali, por exemplo, lembrou a Bertoni, que eles nada mais tem para viver e que precisam de um auxílio para passar o inverno. Num só tempo, muitas perguntas foram feitas. Todos queriam saber como vão viver até a transferência se há muito perderam seus empregos e estão vivendo de favores de parentes. "Nossa situação é muito difícil".

Sem muita vontade de conversar ou de responder qualquer pergunta, Bertoni, foi logo respondendo, no seu jeito meio áspero de falar.

— Sabemos das dificuldades de vocês, mas não estamos aqui para falar do passado. O que passou, passou. Não temos tempo a perder e muito menos para analisar o passado. Vamos deixar as discussões de vocês para mais tarde. E além disso, não é só o problema de vocês que temos de resolver. Também não vamos responder à críticas infundadas.

E informou aos colonos que a co-

operativa não dispõe de recursos para dar qualquer tipo de ajuda. "Quem tiver meios que agüente até setembro".

É claro que a resposta não agradou aos colonos que tentaram mais uma vez, pressionar o presidente pedindo datas exatas da viagem. "Queremos uma solução agora, no momento. Não dá mais para esperar". Os colonos até acharam que a Cooperativa só vai ter prejuízos em levá-los somente no mês de setembro, porque terá que sustentá-los até março. Mas a resposta foi simples e curta.

— Não posso precisar datas. E ninguém é obrigado a ir. Quem quiser poderá desistir.

E fez um alerta aos agricultores que desejam ir de momento.

— Será da responsabilidade de vocês todos os problemas que surgirem da ida antecipada.

Para conformar os colonos que reclamaram da situação difícil em que se encontram, o representante do Governo e também da Secretaria da Agricultura, José Alfredo saiu-se assim:

— Não são apenas os senhores que estão em dificuldades. O País inteiro está assim.

Nestas alturas, alguns colonos já estavam se retirando da igreja. Cabisbaixos, iam pensando se deviam ou não acreditar nas palavras do novo presidente da Coopercana. "Será que vamos em setembro ou será mais um ano de espera? E como viver até lá? Sem casa, para morar, o emprego já se foi há muito tempo, sem terras... o que fazer?" Outros saíram mais satisfeitos. Foram os que resolveram, mais uma vez, dar um crédito à Coopercana.

Revolta misturada com tristeza

Seu Alcindo Macali e sua esposa, Dona Érica, saíram bem antes da reunião terminar. E não gostaram das palavras do presidente da cooperativa.

— Não é que a gente não acredita nas promessas deles, mas é que a nossa situação tá bastante braba e temos que pensar num jeito de viver até que eles venham nos buscar. A gente tá cheio de conversas que não dão em nada.

E Seu Alcindo não acredita que o problema todo da transferência seja o atraso na liberação de verbas. Para ele o que falta é boa vontade.

— Essa história de que é problema de verbas é pura mentira. É só prá nos conversar por mais tempo. E eles ainda dizem que nós não temos direito de reclamar. Eles têm o direito de nos iludir? Isso aí tá muito errado.

O que mais entristece Seu Alcindo, além de ter perdido as terras, máquinas, plantação... é que sua esposa, a dona Érica, era professora e deixou o emprego porque iam ser transferidos naqueles dias. "Agora perdeu o direito de ser professora".

Revoltado com tal situação, seu Alcindo diz que se as coisas não se resolverem até setembro, ele vai voltar para a área indígena.

— Vou invadir a área indígena e pegar as terras de volta. Se eles estão pensando que o colono não tem força estão enganados. Essa estória de que "o que passou, passou não é bem assim". Nós perdemos tudo o que tínhamos com toda essa situação.

Já o seu Luis Panassolo, está bas-



Alcindo: falta de boa vontade

tante confiante nas palavras das autoridades.

— Acho até que não devemos nos precipitar muito. Se eles disserem que não é muito bom a gente ir agora é porque não é mesmo. Eles é que têm conhecimento da situação lá em cima.

Só que seu Luis diz que não sabe o que vai fazer para viver até a época da transferência. Emprego ele não tem. Trabalha pelos vizinhos, fazendo alguns serviços.

Valdomiro Ferreira Cardoso não vai



Érica: deixou o emprego

para o Mato Grosso. Estava na reunião só para ouvir as desculpas do pessoal da Coopercana.

— A gente também se preocupa porque tá vendo a situação difícil deles. Eles tão precisando de terra prá trabalhar. Valdomiro fica meio indeciso: não sabe se acredita ou não nas novas promessas do pessoal da Coopercana.

— Eles falam bonito e parece que entendem do assunto. Só espero que estejam falando a verdade e levem essa gente de vez.

Houve um tempo em que os pequenos agricultores, endividados e com famílias grandes, vendiam suas terras, abandonavam a agricultura e vinham para a cidade, à procura de um emprego que lhes proporcionasse melhores condições de vida e um salário fixo. Mas também nas cidades nem sempre as coisas andaram muito bem e a crise da agricultura também se refletiu nelas. Faltam empregos e os que existem exigem

mão-de-obra, ou seja, empregados especializados. E o que acontecia então? Esse agricultor acostumado a trabalhar duro na lavoura, acabava marginalizado pelas vilas das cidades, sem emprego, às vezes até sem casa para morar e tendo que fazer biscates ou trabalhos simples para poder alimentar sua família. Hoje essa situação mudou bastante. O agricultor, mesmo endividado, não quer deixar a lavoura. Bem pelo contrário, ele quer se fixar e também quer fixar os filhos. Ele quer terra para os filhos trabalharem. Essa procura de mais terras está fazendo com que os pequenos agricultores estejam indo embora para outros Estados. Eles vendem suas terras por aqui e compram o dobro no Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e até em Rondônia. E não são poucos os agricultores que estão indo embora. Só em Chiapetta, mais de 20 agricultores foram embora nestes últimos dois meses. Em Tenente Portela, Coronel Bicaco, Miraguaí, Santo Augusto, Ijuí, e outros municípios da região a situação não é diferente.



Foto de Assis Hoffmann/Coojournal

MAIS UMA VEZ COM O PÉ NA ESTRADA

— Não dá mais prá ficar aqui. Não consigo mais terras prá comprar. O jeito então é ir embora.

E Seu Pedro Orlando Monteiro, de Esquina Pinhalzinho, em Tenente Portela vai embora mesmo. Já vendeu sua terrinha, suas 9 vaquinhas, porcos e algumas galinhas e já está de mudança pronta para ir embora para o Paraná. Perto da cidade de Pitangas, seu Pedro comprou coisa de uns 35 hectares de terra.

— Eu só tinha 15 hectares de terra e com isso não via a possibilidade de crescer. Como é que eu ia comprar mais terras, se elas não existem? Por aqui o pequeno agricultor não tem mais nenhuma chance. Quando aparece alguma, e a gente tá conversando o negócio, chega um grande e oferece muito mais dinheiro e lá se vai a nossa vez.

Seu Pedro tem 5 filhos e isso vinha deixando-o bastante preocupado há um bom tempo. Como colocar melhor seus filhos? Como ensiná-los a trabalhar se a terra era pouca? E como dar estudo para eles com tão poucas condições? Se bem que Seu Pedro diz que até já não acredita muito no tal de estudo, e se seus filhos nasceram trabalhando na terra, acha que eles devem continuar.

— No meu pensamento, não tou mais vendo futuro nenhum no estudo. Quanta gente que se vê por aí, que vai prá cidade estudar, se forma e depois não consegue arrumar emprego. Hoje em dia, só os filhos de "papai" é que conseguem trabalhar. Então o jeito é ficar na terra mesmo. É muito mais seguro.

TERRA PARA OS FILHOS

Lá na Esquina do Pinhalzinho, outros 5 vizinhos de seu Pedro já venderam as suas terras e foram embora para o Paraná. E todos, pequenos agricultores, foram na busca de mais terras, pensando sempre em assegurar um futuro melhor para seus filhos. Seu Pedro mesmo, diz que se não fosse seus filhos, não haveria necessidade de ir embora.

— Se fosse só eu e a mulher, até que tava bom de continuar por aqui mesmo. A gente ia vivendo. Mas tenho que deixar um pedaço de terra prós meus filhos. Não vou dizer que a gente não fica meio triste de ter que deixar a terrinha que morou por tantos anos, mas lá no Paraná, vou ter muito mais chance de, com o tempo, comprar mais um pedaço de terra e assegurar o futuro de meus filhos.

Não é de hoje que o Seu Pedro tá pensando em ir embora, em pegar outros rumos, para ver se melhora um pouco de vida. Isso é coisa de dois anos ou até um pouco mais. O que lhe atrasou a viagem foram as dívidas causadas por tantas frustrações. Aliás, seu Pedro diz que os culpados pela atual situação, pela crise dos pequenos agricultores, são o trigo e a soja.

— Foi aí que os pequenos se perderam. As frustrações endividaram demais os agricultores e eles terminaram ficando mais pobres ainda.

Quem não está muito satisfeita por ter que ir embora para longe é a Dona Catarina. Ela diz que até

não gosta muito de falar sobre a mudança.

— Já faz mais de 20 anos que a gente mora por aqui e não está acostumada a andar mudando de lugar. Conheço as terras do Paraná e sei que vou demorar bastante tempo prá me acostumar por lá.

TERRAS BOAS PARA O FEIJÃO

É claro que seu Pedro está sabendo que as coisas lá em Pitangas não serão fáceis. Ele mesmo comenta as dificuldades que terá de enfrentar logo de saída, começando pela terra, que deverá ser toda trabalhada.

— Lá eu só tenho a terra. Logo que chegar, terei que construir um galpão prá morar. Mas não desanimou porque sempre gostei de trabalhar. E a agricultura prá mim não tem mistério, ainda mais que levo daqui a técnica que lá eles não conhecem.



Pedro: o estudo não tem mais futuro. →

A lição do sul — a monocultura — serviu de exemplo e seu Pedro diz que lá no Paraná vai começar plantando de tudo e um pouco. Vai plantar o milho, "o que mais dá", e criar muitos porcos. Comprar umas vaquinhas, galinhas, plantar feijão e arroz.

— O bom das terras de lá é que elas não estão desgastadas e a gente não precisa escolher terra prá plantar feijão. Ele dá muito bem em qualquer canto. Só quero ver se de início não planto soja e nem trigo.

PENSANDO EM VENDER AS TERRAS

Seu Eurico Costa Pinheiro, da Esquina Evangélica, em Coronel Bicaco, ainda não vendeu os seus 17 hectares de terra, mas já anda pensando no assunto. Propostas de compra é que não lhe faltam, mas seu Eurico ainda está decidindo.

— A gente sabe que tá difícil de viver só com um pedacinho de terra, ainda mais prá quem tem filhos trabalhando na agricultura.

Se decidir vender a sua terra, seu Eurico diz que quer comprar no mínimo, o dobro, que tanto pode ser no Paraná como em Santa Catarina. Ele até já andou olhando terra lá prá cima, como diz.

— A terra de lá é muito boa e tem a vantagem que não está desgastada que nem a nossa.

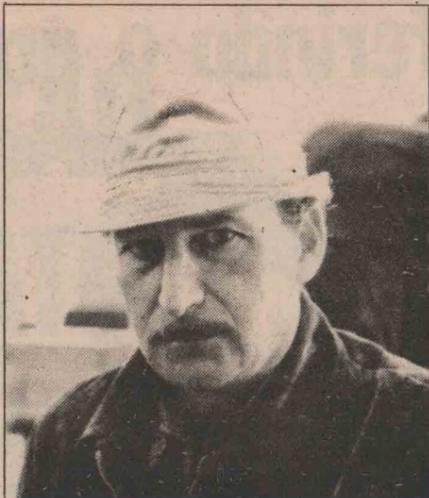
COM UM PÉ NA ESTRADA

Depois de vender seus 21 hectares de terra localizados na Esquina Evangélica, em Coronel Bicaco, Seu Firmino de Moura Reis já está quase com "o pé na estrada", como diz, para ir embora para o Paraná. As terras que comprou, cerca de 40 hectares, ficam localizadas em Vila Campina do Simão, a 56 quilômetros de Guarapuava. Seu Firmino explica porque só agora com seus filhos crescidos, é que decidiu ir embora.

— Há muito que queria aumentar minha área de terra porque a gente tem que pensar um pouco na família e eu precisava amparar meus filhos. Por aqui não dava mais e do jeito que andam as coisas, só pode crescer quem tiver dinheiro. Prô pequeno as coisas não andam nada boas. Ainda bem que coragem prá trabalhar é que nunca me faltou e vou prá lá na certeza de que vou ter de trabalhar muito duro e começar tudo de novo.

Dona Eliese, esposa de seu Firmino diz que não tem medo de começar tudo de novo, porque é uma chance de melhorar de vida. Apesar de ter nascido e se criado em Esquina Evangélica, ela diz que não lamenta ter de ir embora.

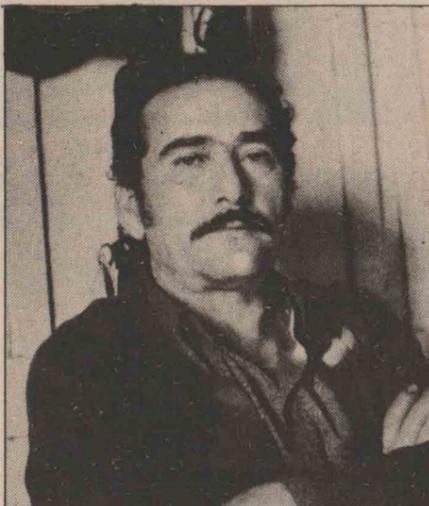
— Agora tá só em Deus nos ajudar. Vamos ter mais terras e lá é um lugar de futuro. Na verdade não é um lugar tão bonito, mas isso não interessa e mesmo porque não gosto de lugares bonitos. Se gostasse, há muito tempo já estaria morando na cidade. Vamos embora e não temos medo, mesmo sabendo que o começo vai ser difícil.



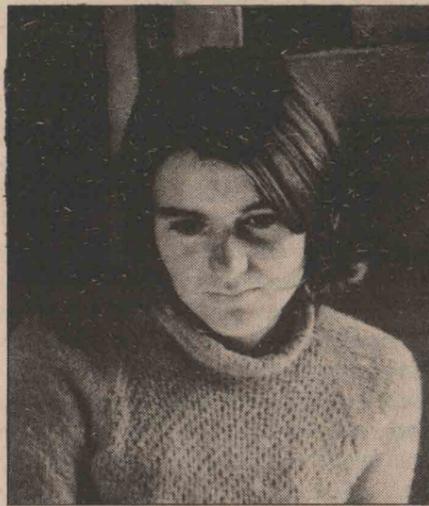
Eurico: pensando em vender as terras



Firmino: amparar os filhos.



Aquino: o pequeno precisa tomar outro rumo.



Fani: É na lavoura que temos de trabalhar

PLANTANDO DE TUDO UM POUCO

Como todos os outros agricultores que estão indo embora, Seu Firmino está disposto, apesar da idade já não ser tão pouca, a trabalhar muito, para com o tempo, depois que o aperto passar, comprar mais terras lá por aqueles lados mesmo. Para isso ele vai começar plantando de tudo, milho, feijão, arroz, soja . . . enfim tudo o que a terra tiver condições de produzir:

— Quero ver se capricho e me dedico à criação de porcos. Lá vale a pena a gente investir na suinocultura. Alimento a gente mesmo vai produzir, não é problema. A terra é muito boa pró milho. Se pode plantar os pés bem juntinho, que dá do mesmo jeito.

A TERRA ME DESGOSTOU

Apesar de ter vendido a sua terra, perto de 15 hectares, Aquino Dorneles, também de Coronel Bicaco, ainda está pensando se deve ou não comprar terras. Por enquanto a única coisa de certa que tem é que vai trabalhar com um caminhão, fazendo frete. Diz ele que dá mais dinheiro.

— Me desgostei muito com a minha terra, então me decidi e vendi. A gente que é pequeno precisa tomar outro rumo na vida. Se eu resolver comprar mais terras, vai ser lá pelo Mato Grosso ou quem sabe até no Paraná.

A situação para o lado do seu Aquino já andava insustentável. Sua família é grande, e a terra não dava mais prá viver. Eram dívidas atrasadas, frustrações, juros altos demais . . . E o jeito mesmo foi vender

tudo e esperar que a sorte mude. Na verdade seu Aquino mesmo diz que vendeu tudo prá poder escapar, enquanto ainda é tempo dessa situação em que está o pequeno.

— Levei minha propriedade até quanto pude, mas a inflação deixa tudo tão caro, os juros são de matar e o que a gente produz não tem valor, então não adianta insistir. É só para piorar a situação. Tá muito difícil do pequeno viver por esses lados. Até não sei como ele vai se sair desse círculo.

IR EMBORA É A SOLUÇÃO

Vender a terra e ir embora à procura de mais terra, está parecendo ser a solução para todos os pequenos agricultores. Assim também pensa a Dona Fani Weschtir, de Coronel Bicaco. Seu marido já anda lá pelo Paraná ajeitando os papéis dos 38 hectares que comprou. A mudança, deverá sair tão logo o seu Oldemar Weschtir volte. Os 16 hectares daqui foram vendidos ao preço de Cr\$ 75.000,00 cada um e com o dinheiro, seu Oldemar comprou o dobro em Cantagalo, distrito de Guarapuava, no Paraná. E assim como os demais, já fazia um bom tempo que os Weschtir estavam pensando em deixar o Rio Grande do Sul, pelo mesmo problema: a falta de terras. Diz Dona Fani.

— Já fazia algum tempo que nós andava com vontade de ir embora, de procurar melhorar de vida. Nem dá prá viver, do jeito que estão as coisas e com mais terras, a gente não vive tão apertada. E depois tem outra: como é que nós ia dar condições, de mais tarde, os nossos dois

filhos poderem trabalhar? E lá nós vamos dobrar a terra.

Não é só os Weschtir que estão saindo. Ali naquela região alguns de seus vizinhos já estão subindo lá para o Paraná à procura de mais terras. E mesmo os parentes dos Weschtir já estão quase todos por lá. E o importante, como Dona Fani explica, é não abandonar a agricultura:

— É na lavoura que nós sabemos trabalhar. Não adianta vender a terra e ir embora prá cidade. Af do que a gente vai viver?

A corrida à procura de mais terras em outros Estados é grande e isso até já está encarecendo o preço do hectare, principalmente no Paraná. Mas nem todos estão indo para o Paraná. Alguns vão para o Mato Grosso, embora achem as terras caras demais, outros prá Santa Catarina, outros para Roraima ou Rondônia. Seu Gabriel Lauer, da Esquina Nossa Senhora, em Santo Augusto, só não foi embora ainda prá Rondônia porque está esperando um filho casar. Ele quer levar toda a família. E até um caminhão ele já comprou prá fazer a mudança.

Proprietário de 21,5 hectares de terra em Santo Augusto, Seu Gabriel vendeu e comprou 105 em Ariquenes, distante 200 quilômetros de Porto Velho, a capital. E por que seu Gabriel decidiu ir embora, carregando todos os filhos juntos? E logo para Rondônia?

— Vou embora por falta de meios de vida. Como é que vou comprar mais terras aqui se o grande já comprou e está comprando tudo? Agora eu só queria saber da onde o grande tá tirando dinheiro prá comprar tanta terra. Vou prá Rondônia porque as terras são melhores e mais baratas. As terras do Paraná tão ficando caras demais e além disso, tem lugares que é só samambaia e capim rabo de burro.

Como um homem que viveu sempre trabalhando na terra, seu Gabriel lamenta a situação do pequeno. E fala em exploração, a causa de toda essa situação.

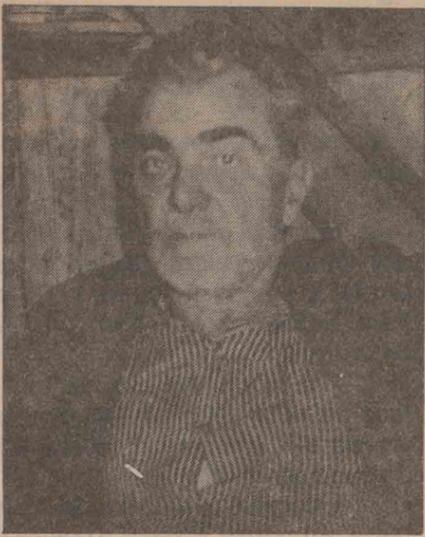
— Essa exploração, por todos os lados, é que tá nos matando. Nós pequenos agricultores andamos trabalhando de peão prá nós mesmos e no final das contas tudo o que a gente produz na terra não vale nada. É o quanto dá prá pagar as dívidas e a família fica sempre sacrificada. Nunca sobra prá ela.

PLANTAR ATÉ CACAU, CAFÉ . . .

As terras que seu Gabriel comprou são viradas em sertão e apenas 33 hectares estão em condições de serem plantadas. Mas ele diz que não está preocupado. Sempre foi acostumado a trabalhar muito. Vai derrubar o sertão e plantar o que a terra produzir.

— Vou roçar o que puder e plantar desde cacau, café, soja, trigo, feijão, milho . . . Sei que as coisas não vão ser nada fáceis logo de início.

A vida não foi nada fácil para



Gabriel: a exploração está matando o pequeno.

o Seu Gabriel. Teve que sustentar os seus 13 filhos do que a sua pequena área de terra lhe dava. Nunca soube o que foi andar folgado.

— Criei meus filhos sempre muito apertado. Nunca sobrava nada prô amanhã e muito menos prá gente pensar em construir uma casinha maior ou comprar nem que fosse só um pedacinho de terra. O que me salvou, é que eu não me endividava muito, então sempre deu prá ir vivendo. Só que agora meus filhos estão crescidos e também precisam de terra prá trabalhar.

Seu Gabriel reconhece que em verdade a situação não está boa para ninguém e é por isso que ele até que dá razão para os vendedores, quando eles procuram só fazer negócios com os grandes. É eles mesmos que têm dinheiro.

— O pequeno tá cada vez ficando mais massacrado. Resta ao agricultor que ainda quiser ser teimoso e ficar por aqui, vender as suas terras e trabalhar de empregado.

NOÉ FICA

Mas nem todos estão pensando em ir embora. É o caso de seu Noé Alves dos Santos, dono de 13 hectares de terra em Coronel Bicaco e pai de 9 filhos. Seu Noé pensa muito em seus filhos, mas não quer vender sua terra para comprar em outro lugar. Ele mesmo diz que não resta dúvida de que precisa de mais terra. Só que não quer sair daqui, porque aqui é o seu lugar.

No seu pensamento de homem simples, de agricultor que luta para sobreviver com tão pouca terra, seu Noé só vê uma saída para essa situação: a Reforma Agrária. Mas ele explica bem direitinho como é que tem que ser essa reforma agrária para dar certo.

— No meu pensar, essa reforma agrária tem que começar por deixar cada um no seu lugar. O homem do campo deve ficar no campo, na lavoura, onde sempre trabalhou. A terra deverá ser de quem trabalha na terra. O homem da cidade deverá ficar na cidade, trabalhando dentro da sua profissão.

Nesse seu pensamento simples, se resume toda a esperança de um dia conseguir terra também para seus filhos, que sempre estiveram na lavoura.

Transferindo o problema

Não é com bons olhos que o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Augusto, Valcir Luís Gonzatto, vê esta corrida de agricultores para outros Estados em buscas de mais terras.

— O que realmente me preocupa é que essas terras vendidas aqui, vão parar nas mãos de grandes proprietários. Nunca é o pequeno ou o médio quem compra.

Por outro lado, Valcir fica um tanto que receoso: será que este pessoal que está indo embora terá condições realmente de melhorar de vida? Concorde que essas famílias, geralmente numerosas, não têm mais como viver aqui, com apenas um pedacinho de terra. Comprar, mais terras aqui no Estado é impossível. O preço está alto e o grande é quem acaba ficando.

— Dá em tristeza a gente saber que os pequenos estão vendendo as suas terrinhas sempre para grandes proprietários, ou então, para pessoas de outras classes. Até religiosos, que são pessoas que não vivem no meio rural, que não trabalham na lavoura estão comprando terras. Isso não está certo.

Valcir ressalta que nos primeiros tempos esses agricultores vão enfrentar tantos problemas como aqui. "No início eles vão sofrer muito". Por isso Valcir se coloca um tanto que temeroso quanto a essas saídas. As lavouras precisam ser feitas, matos precisam ser derrubados, todas as espécies de benfeitorias precisam ser construídas, desde a casa para morar. Além disso, os agricultores não terão a mesma estrutura que existe aqui em termos de comercialização de seus produtos.

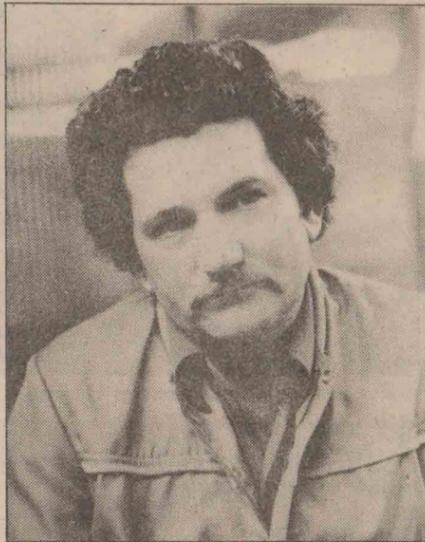
— A terra é fraca, cheia de samambaia e precisa ser feita. Quando ele começar a produzir alguma coisa, vão aparecer problemas de comercialização. Não vão ter uma vida nada fácil... Quem sabe, para o futuro, as coisas melhorem.

Na realidade o problema que os pequenos agricultores estão vivendo aqui, o de falta de terra, é o mesmo que os paranaenses ou catarinenses estão enfrentando. E é por isso, explica Valcir, que eles estão vendendo as suas terras, por pouco mais de Cr\$ 30.000,00 o hectare e comprando o dobro ou até mais lá no Mato Grosso ou em Rondônia.

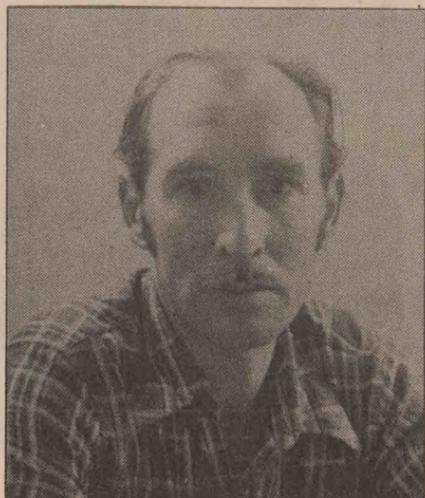
— É um círculo. Se na realidade o Paraná fosse tão bom assim, os agricultores de lá não estariam indo embora para outros Estados, à procura de mais terras. Alguma coisa tem que existir por trás de tudo isso.

O PEQUENO ESTÁ MASSACRADO

E Valcir diz mais ainda. Diz que o pequeno está indo embora, porque está desestimulado. Ele cansou de ver o grande sempre privile-



Valcir: receoso com a saída



Eduardo: o problema dos filhos não termina.

giado com tudo na mão.

— As queixas do pequeno são muitas e ele tem razão prá andar indo embora. Foram frustrações em cima de frustrações e o pequeno não conseguiu se recuperar. Enquanto que o grande continuou tendo dinheiro para comprar mais terras. Isso é a grande mágoa dos pequenos. E a consequência disso, é que ele está desanimado porque não consegue ter melhores condições de vida. Ele até se sente mal perto dos grandes. Se sente cercado, massacrado no meio dos grandes, que o enfrenta com a oferta do dinheiro.

REFORMA AGRÁRIA PRECISA SER EXECUTADA

O presidente do Sindicato Rural de Santo Augusto só vê uma solução para o caso dos pequenos agricultores ou então daquele que trabalha na agricultura e não tem terra: executar a Reforma Agrária.

— A Reforma Agrária já existe há muito tempo, só falta por em prática. Será que as pessoas não vêm que é impossível um agricultor com 5 ou mais filhos, viver com apenas 15 hectares de terra? Foi por isso, que muitos venderam suas terras e acabaram se marginalizando nas cidades.

Valcir não crê muito no tal de crédito fundiário, para comprar mais terras. Não acredita que se resolveria o problema. Acha até um

tanto perigoso, porque poderia cair em mãos erradas e a situação do pequeno até poderia se tornar ainda mais difícil. Só vê solução na execução de uma reforma agrária "muito bem feita, que realmente atinja os anseios do homem rural, do homem que está na agricultura".

TRIGO/SOJA, OS GRANDES RESPONSÁVEIS

Por outro lado, Valcir responsabiliza a política do trigo e da soja pela situação de endividamento dos agricultores. E como sair desse círculo vicioso? Essa é uma das grandes preocupações do presidente do Sindicato.

— Essa política de trigo e soja, acenando aos pequenos com certas facilidades, é a grande responsável pelos problemas que estamos vendo hoje no meio rural. É uma vergonha, mas o agricultor chegou a deixar de produzir o seu alimento para aproveitar tudo que era cantinho com trigo ou soja. E o que aconteceu? Hoje ele está pobre. As frustrações foram acontecendo e muitas vezes ele não tinha dinheiro nem para alimentação da família. O agricultor se deixou influenciar demais, chegando até a comprar maquinaria, quando na realidade não podia pagar.

NÃO É A MELHOR SOLUÇÃO

Eduardo da Rocha Neto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coronel Bicaco, também acredita que vender terras aqui e ir embora não é a solução, mas não deixa de dar razão a esses agricultores.

— Na medida em que não existe outra solução, essa migração é válida. Cada um tem o direito de procurar melhorar as condições de vida. Se aqui não dá mais, o jeito é sair mesmo. E tem os filhos que precisam ser colocados.

Seu Eduardo diz que o interessante seria que o Governo estabelecesse uma espécie de crédito, que proporcionasse a que pequenos comprassem essas terras que estão sendo vendidas e não os grandes, como está acontecendo.

— Um pequeno iria embora procurar mais terras e o seu vizinho lhe compraria a sua parte e ficaria vivendo por aqui mesmo.

Na verdade o problema dos filhos continua. Daqui mais uns anos, como explica seu Eduardo, essas terras que foram compradas em dobro no Paraná ou em qualquer outro Estado, terão que ser divididas entre os filhos e então, novamente, a área volta a diminuir e aí começa tudo outra vez.

— Um agricultor que sai daqui com 5 filhos e compra uma outra área de 70 hectares, mais tarde terá de dividir novamente. Realmente, a saída para o pequeno não é fácil de encontrar. Tudo está concentrado nas mãos dos grandes.

PULGÃO DÁ ATÉ NA RAIZ

Uma praga nova está deixando técnicos e triticultores alarmados. De nova, na verdade, a praga tem pouco. É o velho pulgão. Só que agora ele está atingindo a raiz do trigo e também da aveia, comprometendo seriamente a produção.

Desde o ano passado alguns agricultores da região de Santo Augusto estão conhecendo uma nova praga do trigo: é o tal de pulgão da raiz ou então pulgão preto, como também está sendo chamado devido a sua cor escura. Em verdade, o pulgão da raiz não está só atacando lavouras de trigo. Lá pelos lados de Redentora e Coronel Bicaco o pulgão até já andou aparecendo nas lavouras de aveias plantada no cedo. Partes destas lavouras atingidas pelos pulgões não tiveram recuperação. Os técnicos quase nada podem dizer sobre o pulgão da raiz por considerarem uma praga nova. As informações que existem a seu respeito são poucas.

No ano passado, quando o pulgão começou a aparecer alguns pesquisadores da Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — de Passo Fundo andaram pelas lavouras de trigo de Santo Augusto colhendo alguns bichinhos para pesquisa e estudo.

UMA NOVA PRAGA NA REGIÃO

Os técnicos e mesmo agricultores que tiveram suas lavouras atingidas pelo pulgão da raiz estão preocupados, porque embora a incidência não seja muito grande, temem que o pulgão se alastre para outras áreas trazendo novos prejuízos a agricultura. E como combatê-lo, se ele está localizado na raiz da planta? Essa é uma das maiores preocupações do agrônomo Antonio Vieira dos Santos, do Departamento Técnico da Cotrijuf em Santo Augusto.

— Como o pulgão da raiz é uma praga nova em nossa região, pouca coisa existe a seu respeito. As poucas informações que existem dizem que o pulgão da raiz aparece esporadicamente em regiões do Rio Grande do Sul, principalmente em épocas de estiagem.

Em Santo Augusto, o pulgão da raiz começou a aparecer no ano passado. Em anos anteriores, não foi observada nenhuma incidência. A presença desse pulgão começou a ser notada, quando as lavouras atingidas apresentaram grandes manchas amarelas. Antonio é quem conta tudo de reitinho.

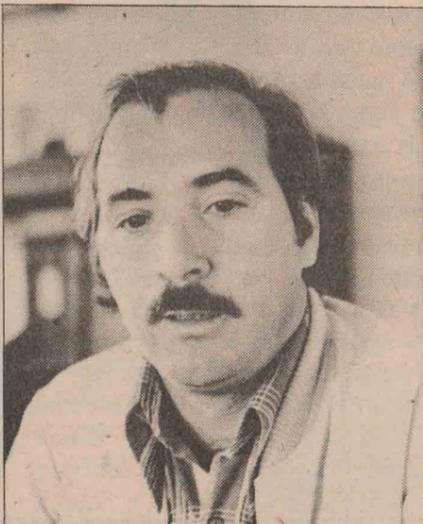
— Essas lavouras atingidas começaram a apresentar, bem na época do espigamento, manchas amarelas. A gente começou a observar melhor e notou que aos poucos o pé de trigo atingido, começava a

enfraquecer até que acabava morrendo. Arrancamos um pé para melhor examinar a planta e qual foi a nossa surpresa, quando encontramos grande quantidade de pulgões na raiz.

Esses pulgões de cor escura, mas semelhante ao pulgão verde, se encontravam bem emaranhados no meio das raízes. E não eram um ou dois, mas cerca de 50 em um só pé a sugar a seiva da planta. Só numa das lavouras atingidas no ano passado, os prejuízos foram quase totais e não houve forma de recuperação.

— E o pior de tudo é que o controle do pulgão na raiz é um ponto de interrogação. Como as informações a respeito do comportamento do pulgão são poucas, ficamos na dependência de fazermos aplicações de inseticidas e esperar os resultados, que tanto podem ser positivos como negativos. No ano passado numa lavoura de 20 hectares, conseguimos salvar a plantação, só que o agricultor acabou gastando muito mais do que o previsto.

Já este ano, os resultados não foram nada bons. Numa lavoura de trigo atacada pelo pulgão na raiz, bem na época do perfilhamento, foi feita aplicação de um inseticida, mas alguns dias mais tarde, mesmo com as constantes quedas de temperatura e chuvas, o pulgão voltou a atacar novamente com a mesma intensidade. O maior problema para o controle, segundo Antonio, está no fato do pulgão se localizar na raiz, bem junto ao colo da planta. Eles procuram sugar principalmente as raízes mais novas. Além de sugar a seiva, Antonio explica que o pulgão injeta um produto tóxico (toxina) que mais tarde



Antonio: controle é um ponto de interrogação



Já na safra passada a praga atingiu algumas lavouras

vai causar a morte dos tecidos da planta. Então se a planta não morre por falta de nutrição, ela acaba morrendo pela injeção de produto tóxico.

E Antonio faz um alerta aos agricultores para que observem bem suas lavouras. Se começar a aparecer manchas amarelas, é bom arrancar um pé e examinar no meio das raízes para ver se não encontram pulgões de cor escura.

— Muitas vezes os agricultores não se preocupam muito porque pensam que é qualquer outra doença que está atacando a lavoura e na verdade é um ataque de pulgão na raiz.

O PULGÃO TAMBÉM NA AVEIA

Pelos lados de Coronel Bicaco e Redentora, o pulgão da raiz começou a aparecer na aveia plantada no cedo. E os estragos, segundo o técnico agrícola Valdomiro Dallabrida, não foram poucos. Até foram piores que no trigo, porque neste caso não houve recuperação. A aveia morreu de verdade. Dallabrida conta quando começou a incidência do pulgão na aveia.

— No ano passado, houve uma pequena incidência em algumas lavouras de aveia, principalmente de Redentora. Só que este ano, a praga voltou a atacar mais acentuadamente e as lavouras atingidas não tiveram recuperação. Os agricultores tiveram que replantar a aveia ou então lavar a terra e prepará-la para a próxima safra.

Também Dallabrida diz que não conhece essa nova praga e muito menos sabia como combatê-la.

— Por ser uma praga quase desconhecida, não tivemos nem idéia do que aplicar nas lavouras. Além do mais, algumas dessas lavouras eram para pastagem e não dava para aplicar produtos tóxicos.

A maior incidência de pulgão na



Dallabrida: lavouras de aveia não tiveram recuperação.

raiz aconteceu na aveia branca e na amarela. "Essas foram as mais atingidas". No centeio e azevém, não houve incidência.

O trigo daquela região, em pequenas partes, também foi atingido pelo pulgão da raiz. Dallabrida explica:

— Só que no trigo nós fizemos uma aplicação de inseticida, mas até o momento não sabemos os resultados. O maior problema é que por ser uma praga nova, não existe um programa de combate e isso está nos deixando muito preocupados porque o pulgão poderá se alastrar. E tem outra, como o pulgão se acumula em família no meio das raízes da planta, como é que vamos fazer o controle? Deverá ser com um produto que atinja a raiz sem danificar a planta.

A PALAVRA DA EMBRAPA

Luiz Antônio Salles, pesquisador da Embrapa de Passo Fundo é quem fala sobre o pulgão na raiz do trigo e da aveia, já que teve a oportunidade de visitar algumas lavouras atacadas. O primeiro contato de Luiz Antônio com essa espécie de pulgão foi no ano passado, na região de Condor.

— Visitando umas lavouras no ano passado, constatei o ataque de uma espécie de pulgão (*Rhopalosiphum rufabdominalis*), que atacava o sistema radicular do trigo (raiz).

E Luiz Antônio explica que esse pulgão em verdade não se constitui num problema sério em toda a região tritícola do sul e só ataca em períodos de estiagem e temperaturas amenas. Outro detalhe observado por Luiz Antônio, é que até o momento, ainda não existe um combate químico, de forma curativa que seja eficiente.

— Seu ataque na região é imprevisível. Fica dependendo de períodos de estiagem. Ainda neste ano, na região de Santo Ângelo e São Nicolau foi constatado uma incidência com o mesmo pulgão, e mais o pulgão da aveia (*Rhopalosiphum padi*) e também incidência de pulgão verde.

O pesquisador conta ainda, que o ataque do pulgão na aveia jovem, se dá logo acima do solo, na haste da planta e não propriamente na raiz. Ao sugarem a seiva da planta, os bichinhos injetam uma substância tóxica, que pode causar a sua morte. Luiz Antônio explica que normalmente estes pulgões não são problemas na fase inicial do trigo.

— Só ocorrem em condições de climas anormais na época. Para combatê-los, inseticidas sistêmicos, aplicados com pulverizadores, dão um controle relativamente satisfatório.

PELO MENOS O SOCORRO NÃO É MAIS PROBLEMA

Duas comunidades de Dom Pedrito já estão resolvendo por si mesmas seus problemas mais urgentes de saúde. Curativos, aplicação de injeção, remédio para gripe e tosse, tratamento de vermes e até mesmo partos não são mais assuntos que exigem uma viagem até a cidade para serem resolvidos. Tanto em Ponche Verde, como em Três Vendas, localidades distantes 40 e 60 quilômetros da sede do município, a comunidade é atendida no local mesmo, por um enfermeiro que foi treinado para prestar os primeiros socorros aos habitantes da campanha.

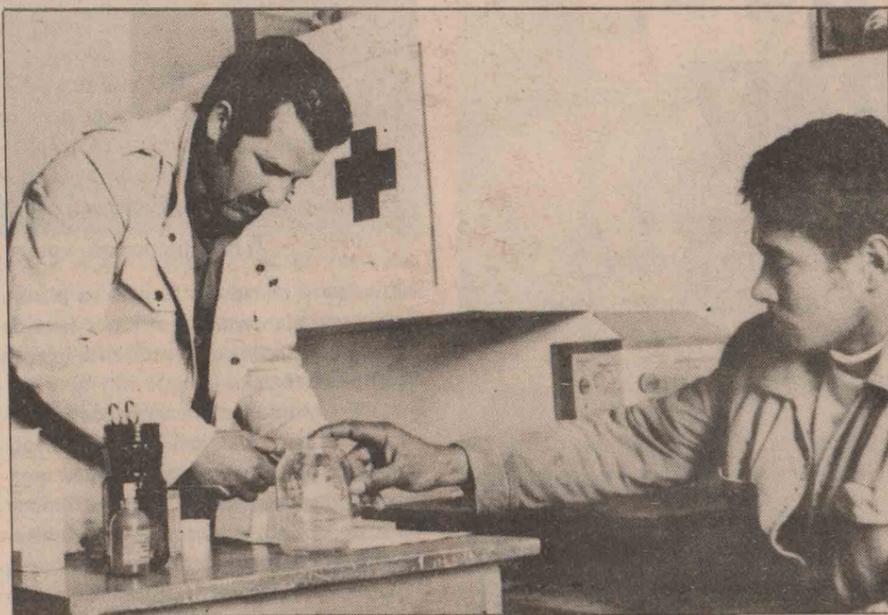
Este é o programa de saúde comunitária implantado pela Cooperativa e os Sindicatos do município, tanto o de Trabalhadores Rurais como o Patronal, que montaram ambulatórios e contrataram um enfermeiro e uma enfermeira para atender à população. Desde o dia 15 de dezembro, quando foi iniciado o serviço, até agora, centenas de casos foram resolvidos na própria comunidade.

"Este é negócio mais bem inventado dos últimos tempos", conta o Ciro Neto, produtor lá em Três Vendas, depois de encaminhar um empregado, o Vicente Ramires, até o ambulatório instalado na capela da localidade. Ele continua:

— É uma maneira da gente encaminhar pelo menos os primeiros socorros e até salvar muitas vezes uma vida.

O Vicente, por exemplo, estava lidando para desmontar um arado do trator. Num descuido, que é coisa que acontece, acabou cortando feio uma unha na lâmina do arado. Enquanto Vicente é atendido pelo enfermeiro Antônio Maria Machado, ele conta:

— Não tivesse aqui este atendi-



Curativo, injeção e até partos são atendidos na própria comunidade

mento, o patrão tinha que me levar até Dom Pedrito.

E uma viagem de Três Vendas a Dom Pedrito, não é coisa das mais fáceis. A estrada é praticamente intransitável em dia de chuva. Já em dia de sol às vezes se leva coisa de duas horas até chegar na cidade.

SEM FAZER MILAGRE

É claro que o Antônio, que atende o ambulatório em Três Vendas, e a Jandira, que atende em Ponche Verde, não são fazedores de milagre. Muitos casos eles encaminham até o hospital em Dom Pedrito, inclusive acompanhando o doente quando é preciso internar. Um dia antes de atender o Vicente, por exemplo, o Antônio levou um caso que ele achou difícil de resolver lá na campanha: era um parto e ainda por cima de gêmeos. Dona Jandira também encaminha para os médicos casos um pouco mais complicados do que curativos ou uma tosse.

Foi assim com uma senhora que estava com uma forte hemorragia, perdendo muito sangue. Levou até o doutor e ele é quem fez os exames e encaminhou o tratamento.

A dona Santa Alice da Rocha, lá do Ponche Verde, foi uma das pessoas encaminhadas por Jandira para tratamento com médico em Dom Pedrito. Ela conta que se não fosse o ambulatório era bem capaz de deixar o negócio como estava, prá depois correr até a cidade. Aí podia até ser tarde para resolver o problema:

— Este ambulatório vale muito mesmo, que Ponche Verde é um lugar muito isolado. Até agarrar e ir prá cidade, pode ser tarde às vezes.

Foi o que aconteceu com o seu Derli Tarouco Martins, que se acidentou há um ano atrás caindo do cavalo e machucou feio a perna:

— Não quis ir na hora para a cidade e só fui quando já estava nas últimas. Até hoje estou mal da perna por causa disto. O médico me

disse que até enxerto eu devia ter feito, mas como fazia já 10 dias que eu tinha me acidentado de pouco adiantava fazer isto. Se na época tivesse aqui a dona Jandira a gente vinha buscar socorro na hora.

A ESCOLHA DA COMUNIDADE

Pois tanto a dona Jandira, em Ponche Verde, como o Antônio, em Três Vendas, foram escolhidos pela própria comunidade para ficarem no ambulatório atendendo o pessoal. A dona Jandira, por sinal, já sempre andava socorrendo um caso de parto ou receitando um chazinho quando alguém estava mal. E lá na casa do Antônio sempre também o povo de Três Vendas batia procurando uma ajuda. Sua mãe, a dona Maria Machado, nunca negou socorrer alguém no caso de precisão. Há pouco tempo, inclusive, eles atenderam um parto em casa mesmo:

— "Não se ia deixar a pobrezinha lá no ambulatório", conta a dona Maria. "Graças a Deus, tudo correu bem".

Em Três Vendas é bastante comum o Antônio atender casos até mesmo do Uruguai, que a localidade fica bem na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. "É um ambulatório internacional", ele brinca. Um dos pacientes, que atravessou a fronteira atrás do atendimento, foi Carlos Goulart:

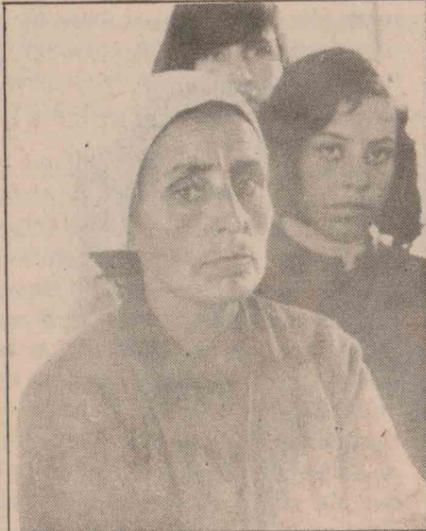
— A primeira vez me tratei de uma queimadura e depois foi de uma gripe forte. Antes, no caso de queimadura, se passava manteiga ou leite de magnésia, mas custava a sarrar. Aqui foi muito mais ligeiro.

A COLABORAÇÃO

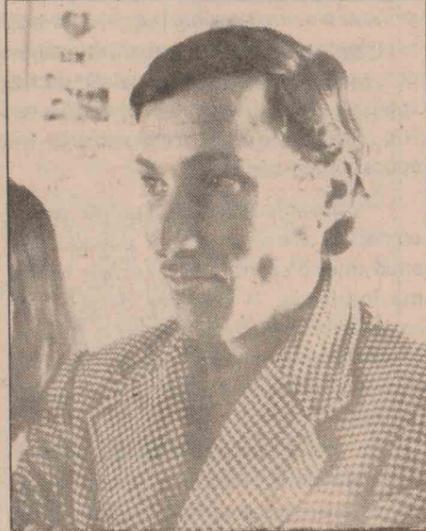
Nas duas localidades, o povo só está vendo vantagens em ter estes



A Comissão de Saúde das localidades se reúne eventualmente



Santa: podia ser tarde



Derli: socorro na hora

ambulatórios à sua disposição. É claro que existem muitas deficiências. O que o pessoal mais sente é a falta de remédio, ainda mais quando acontece como neste inverno que quase toda população de Três Vendas caiu de cama por causa de gripe. E gripe das fortes, como se comentava numa reunião da Comissão de Saúde que aconteceu no dia 11 de julho. "O caso", explica o Antônio, "é que muita gente adoeceu e acabou o estoque de xarope".

Os remédios, que são dados gratuitamente aos doentes, são fornecidos pelos Sindicatos, pelo Hospital São Luiz e ainda pela Guarnição do Exército sediada em Dom Pedrito. Alguma coisa os enfermeiros compram com as colaborações em dinheiro que alguns doentes podem dar. É pouca coisa que se arrecada, pois as duas comunidades são bastante pobres.

O seu Delfino Aguiar, que é um dos elementos da Comissão de Saúde de Ponche Verde, é quem conta que a colaboração da comunidade é muito importante para que este serviço de saúde possa chegar a um ponto ideal:



Delfino: colaboração da comunidade

— Só o tempo vai deixar que se veja todos os benefícios. Esta saúde comunitária é uma coisa que a gente tinha na idéia há muito tempo e que só aconteceu depois de um ano e meio de reunião. Na campanha não é fácil nada. Qualquer caso é preciso ir na cidade, perder dias de trabalho, gastar dinheiro. E se fica aborrecendo num hotel, longe de casa.

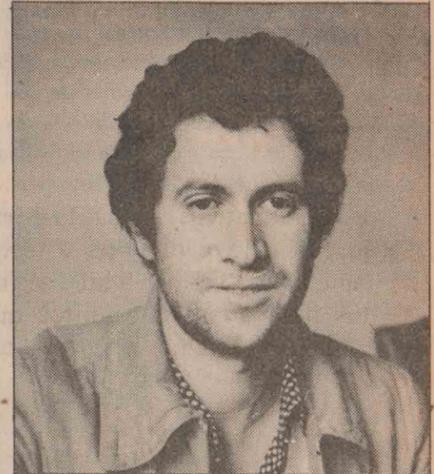
O apoio de quem entende

"Quando alguém está doente, não adianta só querer dar remédio para vencer a crise. Se deve procurar dar mais orientação e menos medicamento, para que o doente consiga superar seu problema".

Isto quem diz é o médico pedritense Valmir Sanches, um dos profissionais que está colaborando bastante para que o programa de saúde comunitária instalado em Três Vendas e em Ponche Verde realmente consiga ir sempre para a frente. Tanto que ele, como outros cinco colegas, se dispõe até a sair da cidade e do seu consultório para uma vez por mês ir conversar lá no interior com o pessoal das comunidades. Conversar para orientar este povo a ter uma saúde melhor:

— Nossas deficiências em termos de saúde pública são muito grandes. É problema de verminose, de desnutrição, de higiene. . . Tudo motivado por questões financeiras, pois as famílias são grandes, pobres e mal orientadas. O que falta de orientação é impressionante. E em saúde pública cada um tem que dar um pouco de si para auxiliar na solução destes problemas.

O médico acha que a experiência que vem sendo desenvolvida nas duas



comunidades rurais do município só pode ser apoiada:

— Em termos de primeiros socorros é muito válido, pois é uma ajuda muito grande até mesmo para nós, os médicos. Os casos que os enfermeiros sabem que não são fáceis de resolver lá fora, eles trazem para nós. Com isto o doente ganha tempo, pois ele já sabe onde procurar o socorro, e é bem orientado. Os casos de primeiros socorros eles estão sabendo prestar muito bem, até mesmo salvando vidas.

Toda comunidade está envolvida

Toda comunidade acabou envolvida na implantação deste programa de saúde que atende as localidades de Três Vendas e Ponche Verde. E não só as comunidades rurais, como também muita gente que vive na cidade. A colaboração vem vindo de tudo quanto é lado. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Sindicato Rural e a Cotrijuí coordenam o programa e pagam o salário dos enfermeiros; a Prefeitura, através da Coordenação do Ensino, cedeu uma escola desativada em Ponche Verde para a instalação do ambulatório; a Igreja Católica cedeu um salão e uma peça na localidade de Três Vendas para o funcionamento do ambulatório, além de apoiar no trabalho de conscientização sobre a medicina preventiva e comunitária; a Guarnição do Exército colaborou com camas, colchões, travesseiros, fronhas, cobertores e alguns remédios; o Hospital São Luiz tem colaborado com material para o trabalho dos enfermeiros e remédios; os professores e alunos das localidades fazem o cadastramento nas casas, fornecendo informações sobre os problemas de saúde sanitária das localidades; os médicos dão seu apoio e inclusive elaboraram um programa

de palestras nas comunidades, onde deverão levar informações sobre primeiros socorros, higiene, etc.

Em cada uma das comunidades também existe uma Comissão de Saúde, que identifica problemas e trabalha como um grupo de apoio aos Sindicatos e à Cooperativa para o desenvolvimento da Saúde Comunitária e Preventiva nas comunidades.

Antes de iniciar o atendimento nos ambulatórios, os dois enfermeiros, o Antônio em Três Vendas e a Jandira em Ponche Verde — passaram 45 dias no Hospital da Cotrijuí em Santo Augusto. Ali eles receberam um treinamento básico para que eles entendessem os casos que aparecessem no ambulatório. Agora, como ficou decidido numa reunião realizada com os médicos de Dom Pedrito, eles farão mais um estágio, desta vez em Dom Pedrito mesmo. Desta forma, eles terão ainda melhores condições para desempenhar seu trabalho junto às comunidades. E, naturalmente, poderão avaliar melhor ainda quais os casos que irão exigir uma internação hospitalar e um atendimento médico especializado.



Em Três Vendas o ambulatório fica na capela e . . .



. . . em Ponche Verde numa escola desativada.

A AJUDA DO BOM PASTOR

Não é de hoje a preocupação da Cotrijuí com relação aos problemas de saúde de seus associados. Lá por volta de 1967 foi elaborado o primeiro projeto referente à assistência médica e hospitalar dirigido ao quadro social. Em 1971, voltou-se a pensar no assunto e a Cotrijuí chegou até a encarregar a Fidene (Fundação de Integração e Desenvolvimento Educacional do Noroeste do Estado) de elaborar um estudo sobre a viabilidade de implantação de um hospital na região. Esse estudo deveria analisar as necessidades do setor da saúde em toda a área de ação da Cotrijuí. Mas ainda não foi em 71 que a Cotrijuí entrou para o ramo hospitalar.

Dois anos após estes estudos, mais precisamente em 1973, durante uma reunião realizada com lideranças de Santo Augusto, para discutir comercialização, um outro assunto veio à tona e tomou conta da reunião: saúde. Os associados se queixaram muito e chegaram a afirmar que não havia problema mais grave do que a saúde. Nesta reunião chegou a ser levantada a hipótese da Cotrijuí adquirir o Hospital de Santo Augusto. Essa compra veio acontecer um ano mais tarde. A par-

tir de então, a Cotrijuí passou a participar de uma atividade bem diferente da que estava acostumada. Com o hospital Bom Pastor (que até algum tempo atrás se chamava Santa Terezinha) a Cotrijuí entrou para o ramo hospitalar, prestando, através de seu corpo clínico, assistência médica a toda uma comunidade. Dona Clair Leal dos Santos, diretora administrativa do Bom Pastor, é que fala melhor sobre o hospital:

— Naquela época a assistência hospitalar era muito cara e além disso o atendimento era precário, por isso a grande queixa dos associados. A Cotrijuí, por sua vez, tinha apenas um convênio com a OSMIRA — Corretora de Seguros S.A. (que cobria acidentes de trabalho) uma assistência pequena demais para atender a todos os associados. Por outro lado, a Cotrijuí comprou o hospital pensando em adquirir experiência em assistência hospitalar.

O MÉDICO SEMPRE POR PERTO

É claro que os problemas do hospital não terminaram logo. E estes problemas não eram poucos: começavam desde a instalação dos consultórios médicos fora

do hospital, até as precárias condições de atendimento aos pacientes. Transferir os consultórios médicos para dentro do hospital foi uma das primeiras iniciativas da administração:

— Logo que assumi a direção administrativa, uma das minhas maiores preocupações era a instalação desses consultórios, e não descansei enquanto não conseguí levá-los para dentro do hospital. Foi uma maneira de colocar o médico sempre à disposição de seus pacientes hospitalizados, tendo condições, inclusive, até de lhes dedicar uma maior atenção.

Como a experiência hospitalar foi considerada positiva e muitos problemas puderam ser resolvidos com o decorrer do tempo, a Cotrijuí resolveu investir no Hospital Bom Pastor, já que as condições atuais não atendem à procura de pacientes. O antigo prédio será remodelado e um novo pavilhão deverá ser construído. As obras do novo pavilhão já estão em andamento. De apenas uma sala cirúrgica, o Bom Pastor passará a contar com um centro cirúrgico e um centro de obstetrícia (sala para partos), uma central de esterilização de material e uma unidade de tratamento intensivo (UTI). O hospital, que conta atualmente com cerca de 70 leitos, receberá após a conclusão do novo pavilhão mais 30 leitos, (todos apartamentos). Conta dona Clair:

— Na verdade, esses 30 leitos novos, que darão um total de 105, serão suficientes por apenas uns 3 anos no máximo.

A UNIDADE DE PEDIATRIA

Dona Clair mostra-se satisfeita com o progresso que o hospital vem obtendo e faz questão de salientar que uma das grandes conquistas foi a instalação de uma Unidade de Pediatria.

— A nossa Unidade de Pediatria está formada de 20 leitos, feitos dentro da técnica e das normas de Saúde Pública. As

crianças, com idade até 12 anos são deixadas sob os cuidados das enfermeiras e de um médico responsável, recebendo todo o atendimento necessário.

O Hospital Bom Pastor conta atualmente com um corpo clínico formado por 4 médicos, atendendo a 5 especialidades diferentes. Um grupo de 7 religiosas coordena os diversos setores e o quadro funcional é formado de 55 pessoas, sendo que 20 são enfermeiras.

PARA APRENDER

Ruy Polidoro Pinto, Diretor de Comunicação e Recursos Humanos da Cotrijuí, diz que a intenção da cooperativa, quando ingressou na área de Saúde, foi mais no sentido de aprender. E foi procurando resolver os problemas mais imediatos que a Cotrijuí começou a adquirir experiência. E os problemas, como fala o Ruy, não foram fáceis de resolver.

— Os problemas continuaram por muito tempo. Lembro que em 76, durante uma reunião de líderes que aconteceu em Ijuí, foi reivindicada a construção de um hospital no município. Em Ijuí a situação não era nada boa, tanto em termos de atendimento, como de administração. Só que naquela época a direção relutou em função de outros compromissos, mas hoje essa reivindicação já está sendo atendida com a aquisição de um prédio que será reformado para a instalação de um hospital.

Para a construção do novo pavilhão e remodelação do antigo prédio do Hospital Bom Pastor em Santo Augusto, estão sendo utilizados recursos do FAS (Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social) financiados através da Caixa Econômica Federal. O valor do financiamento já liberado é de 14 milhões e 955 mil cruzeiros. O novo pavilhão que tem o prazo de 10 meses para ser concluído, terá aproximadamente uma área de 1.700 metros quadrados.



O prédio será remodelado

Um bom passo

Lufs Richter, de São Valério, Santo Augusto, diz que apesar de não ocupar o hospital, está sabendo pelas conversas de seus vizinhos que ele melhorou em muito o atendimento aos pacientes.

— Graças a Deus eu não tenho ocupado o hospital. Minha família e eu andamos muito bem de saúde, mas a gente ouve falar por aí que o hospital agora tá muito bom. Tudo o que sei é pelo disque-disque.

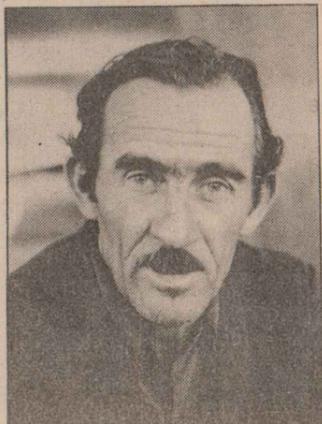
Mesmo não ocupando o hospital há um bom tempo, seu Lufs não é de acordo que se cobre do paciente certa quantia em dinheiro, quando ele vai dar baixa.

— Sei que isso é uma exigência e que muitos hospitais sempre cobram uma entrada, mas acho isso errado. Não deveria cobrar.

Seu João Zulmiro Nicoli,

Coroados, Santo Augusto, diz que está satisfeito com o atendimento do Bom Pastor.

— A gente que tá sempre ocupando o hospital quando precisa, notou que prá mais ruim ele não foi. Até tá cada vez procurando melhorar mais o seu atendimento. Sempre que precisei, fui muito bem atendi-



Lufs: não deviam cobrar na entrada

do.

Para seu João, a Cotrijuí deu um passo muito certo quando comprou o hospital.

— Nós andava muito mal de assistência médica. A gente pagava o Funrural, mas era muito mal atendido. Isso quando era atendido. Depois que ele passou para a Cotrijuí, as coisas



João: tá melhorando o atendimento

melhoraram muito. Agora não é tanto o dinheiro que interessa, basta só a gente dizer que é associado da cooperativa, que pode dar baixa na hora. E o bom de tudo é que o hospital até já vai aumentar. Ouvi dizer que vão construir mais uns pavilhões e reformar esse prédio antigo...



Alberto: foi um passo grande da cooperativa.

UM PASSO CERTO

Quem teve um pequeno probleminha com o hospital, mas que não gosta de falar porque diz que não quer criar atritos e até acredita que foi um mal entendido, é o seu Alberto Marchioro. Seu Alberto até faz uns elogios à direção do hospital dizendo que o atendimento, para quem conheceu antes, melhorou muito.

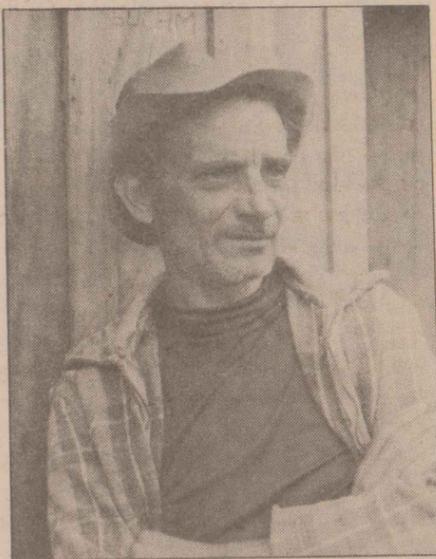
— A Cooperativa deu um passo muito bom quando comprou o hospital. Uma Cooperativa grande como a Cotrijuí e com tantos sócios tinha que entrar na área da saúde. E ela não pode parar. Tem que procurar aumentar esse seu tipo de serviço, estendendo a outros associados de outras cidades. Vai ver que eles também enfrentam grandes problemas quando precisam de um hospital.

O ARMAZÉM MAIS PERTO DA LAVOURA

O Mato Grosso do Sul, um Estado bastante novo (menos de dois anos de vida política) cresce num ritmo acelerado. A produção agrícola vai tomando novas áreas a cada safra e a produtividade normalmente alcançada supera de longe os níveis conhecidos pelos agricultores do Rio Grande do Sul. Mas de pouco adianta produzir bem se não existe uma infra-estrutura adequada para receber e escoar esta produção.

Hoje o Mato Grosso do Sul produz coisa de 3 milhões de toneladas de grãos anualmente. É o trigo, a soja, o milho, o arroz, o feijão, o amendoim. Isto sem contar o algodão, o café e vários outros produtos agrícolas que se desenvolvem nas lavouras da região. Pois para toda esta produção existe uma deficiência muito grande em termos de armazenagem. Ninguém sabe, na verdade, qual a capacidade de armazenagem no Mato Grosso. Dados, por sinal, são muito difíceis de serem obtidos, pois com a divisão do Mato Grosso em dois estados, muita coisa precisa ser refeita. Mas a falta de armazéns é bastante clara.

E a agricultura cresce mesmo no Mato Grosso, uma região até coisa de 10 anos atrás coberta apenas pela vegetação de natural — de campos cerrados e matas — onde a prin-



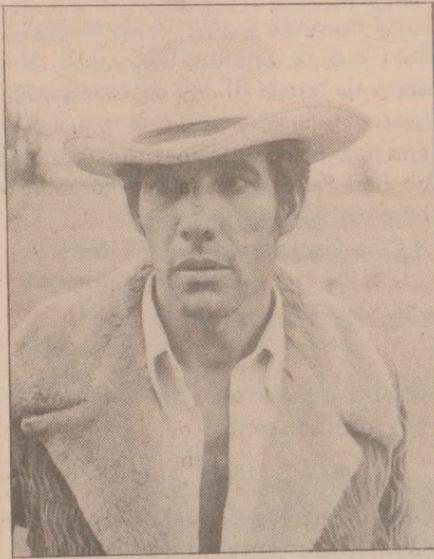
Irineu: desconsolado com o frete

cipal atividade econômica era a criação de gado.

Só na região de atuação da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, que abrange mais da metade do Estado, por exemplo, se prevê que a produção agrícola das safras de verão (arroz, milho, soja, amendoim, feijão) tenha chegado a 1 milhão e 300 mil toneladas. A capacidade de armazenagem instalada, porém, não chegava a 200 mil toneladas até o final do ano passado.

AMPLIAÇÃO

Pois foi a partir destes dados e de uma estimativa de produção para os próximos anos, que a Cotrijuí



Luiz: economia no frete

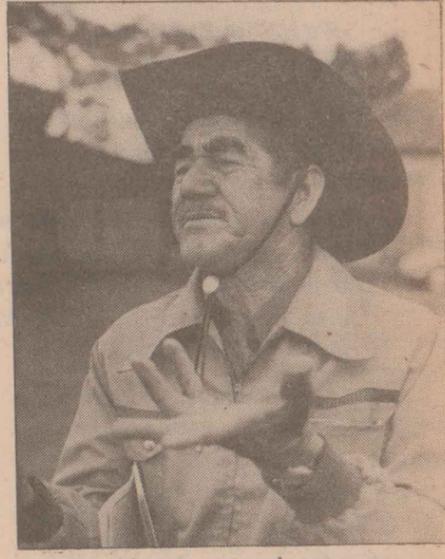
decidiu ampliar consideravelmente sua capacidade de armazenagem na região. Além de um armazém com capacidade para 40 mil toneladas inaugurado em Sidrolândia agora no mês de abril (com a presença inclusive do ministro da Agricultura, Angelo Amaury Stábile) foi iniciada também a construção de 12 outros armazéns, com a capacidade de 17 mil toneladas cada um. Os recursos para estas obras, feitas a partir de um único projeto de características técnicas idênticas para todos armazéns, foram obtidos através de um financiamento junto ao BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo), com juros de 12 por cento ao ano e prazo de 12 anos para pagar.

Quatro destes armazéns já estarão prontos para receber o trigo deste ano: Vista Alegre (em Maracaju), Montese (em Itaporã), Douradina e Rio Brillante. Os outros armazéns estarão concluídos até a safra de soja e estarão localizados em Caarapó, Indápolis, Itaum (em Dourados), Bonito, Amambai, Anhanduí (em Campo Grande), Ponta Porã e Deodápolis.

Ao definir os locais para a construção destas novas unidades, não se levou apenas em conta que faltavam armazéns no Mato Grosso. Foi feito um estudo detalhado da produção de cada município e de cada localidade para só então determinar o local onde cada armazém seria construído, procurando com isto aproximar mais o armazém das lavouras dos associados.

SATISFAÇÃO

Os agricultores, quando sabem da construção destas unidades se manifestam completamente favoráveis a este empreendimento. O seu



Geraldo: um ponto de segurança

Geraldo Carlos, conhecido em Douradina pelo apelido de "Cherai" (pois é assim que ele se dirige a quem conversa), vai até mesmo tratar de transferir todos seus papéis da cooperativa em Rio Brillante para posto em Douradina:

— É um ponto de segurança pra gente este armazém aqui. Gente de valor está achando muito importante este caso.

A grande vantagem que o seu Geraldo enxerga neste negócio de existir um armazém ali pertinho da lavoura é uma economia no frete:

— O carro está ficando uma coisa absurda demais. Eu andei pagando em 90 sacos de soja Cr\$ 1.800,00 para entregar em Rio Brillante. Com o armazém aqui vou ganhar a metade do carro. É também uma garantia do depósito do produto, porque aqui mesmo na cidade tem comprador que sumiu com as vendas do agricultor. Abriu o bigode. E esta cooperativa a gente sabe que não faz isto.

O seu Irineu Alves Rosa, lá de Montese é outro que tem muita fé nos armazéns pertinho da lavoura. Produtor pequeno, proprietário apenas de 2 alqueires (coisa de 5 hectares) e arrendatário de outro pedaço de terra, anda desconsolado com o frete que é preciso pagar para transportar o produto.

É também a economia no frete a primeira vantagem que Luiz Rodelini, que planta 115 alqueires (perto de 350 hectares) em Itaquiri, no município de Itaporã, (a 20 quilômetros de Dourados), enxerga no armazém que está sendo concluído em Montese:

— O frete este ano para Dourados paguei Cr\$ 15,00 o saco. Isto que fizeram na conta, que o frete dá de Cr\$ 18,00 a Cr\$ 20,00.



Todos armazéns estarão concluídos até a safra de soja.

A VACA QUE NÃO PEGA CRIA

Às vezes acontece de inseminar artificialmente ou cobrir uma vaca e ela não ficar prenha. A primeira coisa que se pensa é que o sêmen não prestava, o serviço foi mal feito, ou o touro falhou. Porém, as razões podem não ser apenas estas.

Dona Ivone Maria Toniazzo, de São José da Boa Vista, em Santo Augusto, vem enfrentando problemas em relação à inseminação de alguns animais do rebanho de vacas holandesas da família. São 67 vacas que estão em permanente observação de veterinários. Mesmo assim, há animais que já foram inseminados cinco vezes e não pegaram cria, quando pelo certo, só poderiam ser inseminadas duas vezes ou no máximo três:

— Acredito que estas falhas de inseminação existam de tanto que se insemina e o animal acaba ficando deficiente. Talvez também estejam sendo mal inseminados, não sei direito o que acontece. O certo é que está atrasando a produção da leiteira.

Não são apenas estas duas razões apontadas por dona Ivone a causa de muitos insucessos que o produtor observa na inseminação de seus animais. Existem muitas outras causas, que estão na dependência de três fatores principais: o animal, o proprietário e o inseminador. Isto sem contar que a inseminação artificial não garante um sucesso de 100 por cento, como lembra o Ronaldo Soares de Oliveira, veterinário da Cotrijuí na Unidade de Ijuí. "O

normal a que se tem que chegar é de 80 a 85 por cento".

A RAZÃO DAS FALHAS

As falhas na inseminação artificial ocorrem, na maioria das vezes por culpa da própria fêmea inseminada. "Pode ser tanto por mau funcionamento de seus órgãos, como por doenças", conforme conta o veterinário Volney Frizzo Nemitz, que atende na Unidade de Ijuí da Cooperativa. O mau funcionamento dos órgãos, por exemplo, implica em observação deaios inadequados e que às vezes nem existem. A vaca parece que está de "barulho", mas isto não passa de um rebate falso. Deste jeito, a inseminação só pode não dar certo. Pode acontecer ainda da inseminação ser feita no início do cio ou mesmo tardiamente, quando a fêmea já se acha numa fase posterior à ovulação. Desta forma a inseminação não conduz a prenhez.

O seu Flávio Bonfada, de Salto, em Ijuí, não usa o método de inseminação artificial, mas, mesmo assim, enfrenta problemas de vacas que não pegam cria. Ele é dono de dez vacas e diz que não sabe exatamente a causa disto. Ele acredita, contudo, que isto possa acontecer



por um descuido na observação do cio, já que não notou sinais de doenças em seus animais.

Doenças como a endometrite (inflamação do útero), que ocorrem muitas vezes pela retenção da placenta depois de um parto, também podem ser responsáveis pela falha na inseminação. Esta retenção, segundo o veterinário Ronaldo Soares de Oliveira, se deve à deficiência de sal mineral, de farinha de ossos e de sal comum. Outras doenças, como a brucelose, a tricomonose e a vibriose, que são transmitidas durante a cobertura da fêmea e por um parto contaminado (feito sem maiores cuidados na esterilização de quem atende a fêmea), podem também atrapalhar a inseminação.

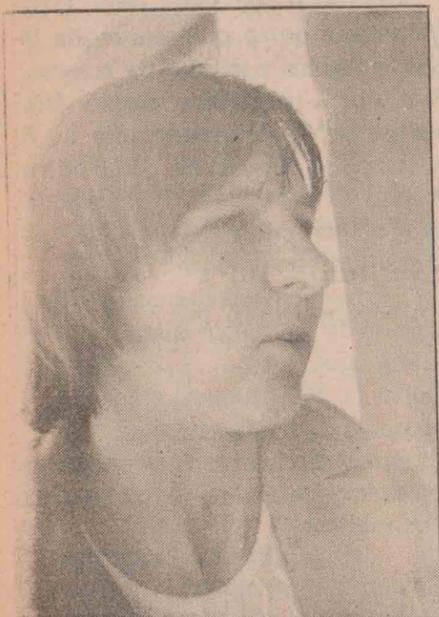
A IMPORTÂNCIA DA ALIMENTAÇÃO

A nutrição e a reprodução são dois aspectos que não podem ser separados. Uma deficiência no primeiro compromete seriamente o segundo. Durante o inverno, quando rareia o pasto, uma alimentação deficiente, além de prejudicar o desenvolvimento físico do rebanho, é fator determinante no aumento da infertilidade, tanto de machos como de fêmeas. Neste período, como já foi bastante observado tanto por técnicos como por produtores, os índices de retornos de cio (a vaca inseminada volta a apresentar os sintomas de cio) e infertilidade são bastante elevados. No verão as pastagens são mais ricas em vitaminas, já que a luminosidade dos dias influi bastante no desenvolvimento do pasto. Os dias são mais longos, escurece mais tarde, logo a lumino-

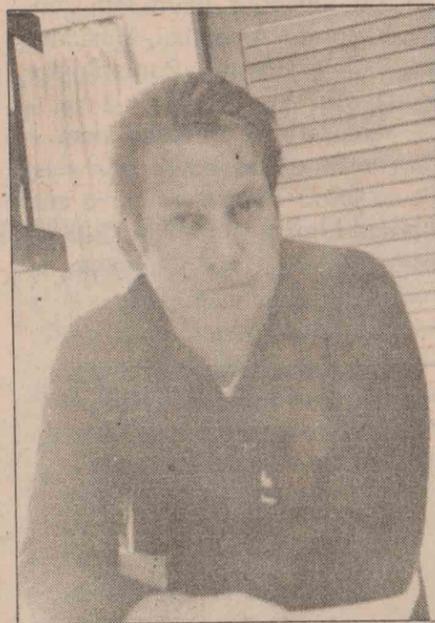
sidade incide mais tempo sobre o corpo dos animais, aumentando a circulação do sangue e fazendo com que aumente a taxa de proteínas, vitaminas e cálcio, o que facilita maior fertilidade das fêmeas. Já no inverno a luminosidade incide menos tempo no corpo dos animais, portanto neste período os animais devem ter a alimentação triplicada para suprir e aumentar as taxas de vitaminas, cálcio e proteínas existentes no verão.

OS CUIDADOS

Muita coisa deve ser observada pelo produtor para que a inseminação do rebanho atinja os melhores níveis. O cuidado começa pelo manejo das pastagens, que devem sempre fornecer ao rebanho as vitaminas necessárias ao seu completo desenvolvimento. O manejo com os animais também não deve ser esquecido. O ideal seria que o produtor



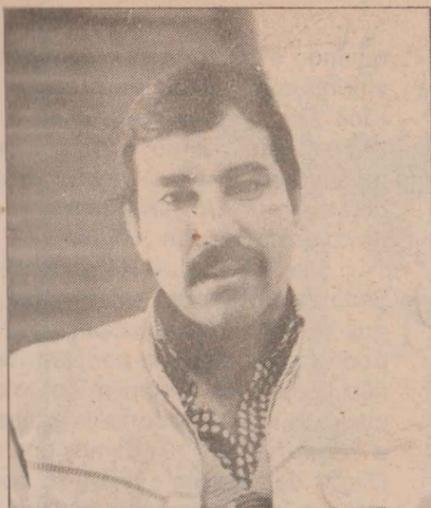
Ivone: atrasando a produção



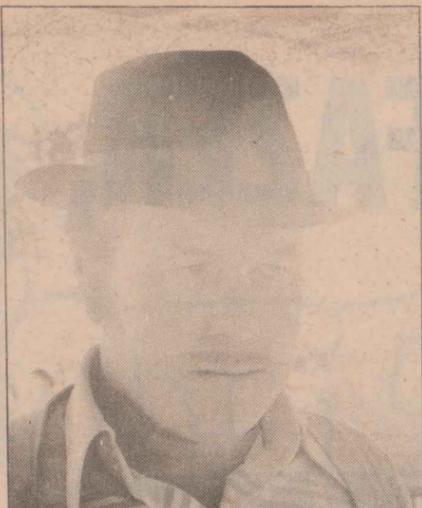
Volney: sêmen sem problema



Flávio: descuido na observação do cio



Ronaldo: inseminação nem sempre é 100%



Armando: a inseminação que não deu certo

fizesse uma ficha para cada animal, onde estariam anotados sua idade, estado geral, etc. Devem ser observados ainda o manejo com as instalações, mantendo-as limpas, e ainda o horário de aviso para a inseminação. Quando se notar os sintomas de cio, é preciso procurar o inseminador o mais rápido possível, pois a inseminação precisará ser feita de 12 a 14 horas após a entrada do cio.

"Comigo tem acontecido seguido das vacas não pegarem cria. Os veterinários botaram culpa na vaca, mas depois coloquei em cobertura com touro e ela pegou cria. Eu acho que foi por causa do atendimento inadequado do inseminador que não deu certo", como conta o seu Armando Manhadosco, de Ponte Conceição, em Ijuí.

É natural que o inseminador deve ter cuidados na inseminação, já que o sucesso desta operação também depende muito de sua habilidade. Mesmo sendo simples inseminar um animal, ele deve dispensar cuidados especiais aos materiais utilizados, para que não aconteça qualquer contaminação, e ainda usar sêmen de boa qualidade.

"Quanto à qualidade do sêmen usado pela Cotrijuí, o associado não precisa se preocupar", afirma o veterinário Volney. "Seu manejo é muito bem feito e ele está sempre guardado em recipiente com temperatura baixíssima (190 graus centígrados negativos), necessária à sua conservação".

O sêmen empregado na inseminação artificial é recolhido de touros que comprovadamente apresentam um bom potencial de reprodução e também características físicas que garantam uma cria de qualidade. Já nos casos de cobertura das fêmeas é preciso também escolher o reprodutor mais adequado. Se deve optar por um touro que venha trazer um melhoramento na qualidade do rebanho. Outra coisa que é bom procurar saber são as porcentagens de fertilidade e de transmissão de características do reprodutor a ser escolhido. Ainda existem outros pontos a observar: o nível de produtividade de leite do touro deve ser maior, para transmitir essa aptidão,

as suas filhas, e também os resultados práticos obtidos em outras propriedades que trabalham com sêmen do reprodutor escolhido.

A ÉPOCA

Também é preciso cuidar o tamanho do animal posto em cober-

tura. Neste ponto, o que interessa mais é o seu peso e não sua idade. Colocando-se em cobertura cedo demais um animal subnutrido, acontecerá que ele irá absorver o feto ou abortá-lo. Se isto não acontece pode ainda a vaca jamais produzir aquilo que teria condições se a cobertura fosse feita no momento adequado. O ideal é inseminar pela primeira vez uma vaca holandesa quando ela atingir o peso em torno de 310, 320 quilos, o que pode acontecer já aos 18 meses de idade se a terneira for bem alimentada. Para as fêmeas da raça Jersey a inseminação pode acontecer mais cedo, por volta dos 15 meses, desde que ela tenha atingido o peso de 220 a 240 quilos.

Para as demais inseminações logo após o primeiro parto, não é preciso esperar muito tempo para inseminar outra vez o animal. O ideal, como conta o veterinário Ota-

liz de Vargas Montardo, coordenador da área de pecuária leiteira, é deixar passar uns 60 dias após o parto. "Normalmente os produtores esperam de seis meses ou até 10 meses, para inseminar novamente o animal. Com isto, se perde muito tempo e produção. Este período de 60 dias é o suficiente, desde, é claro que a vaca se encontre em bom estado de alimentação".

O INDISPENSÁVEL

Para evitar os prejuízos e transtornos de uma inseminação que falhe, é bom analisar e colocar em prática alguns itens indispensáveis:

- Implantação de pastagens forrageiras, gramíneas e leguminosas.
- Utilização de sal comum e uma fonte mineral permanente no cocho (farinha de ossos ou sal mineral).
- Alimentar de forma muito especial as vacas dois meses antes e três meses após o parto.
- Animais com sintomas de cio pela manhã devem ser inseminados a tardinha. Animais com sintomas de cio pela tarde devem ser inseminados na manhã seguinte.
- Manejar com calma o animal a ser inseminado, deixando-o, de preferência, na pastagem de costume.
- Evitar contaminações durante o parto, lavando bem as mãos e o material empregado.
- Em casos de animais inseminados pela segunda vez, que repetirem o cio, comunicar ao veterinário.



O estado alimentar da vaca também é muito importante

**A TODOS
QUE FAZEM
DA TERRA
UM IMENSO LAR
E DE CADA PLANTA
UM VERDADEIRO
FILHO**

Foi a esperança que os trouxe para cá. Em busca de um pedaço de terra onde pudessem plantar e ter uma vida melhor. É a realização desta esperança que os faz ficar, por gerações e gerações, fazendo da nova terra a sua própria terra e de cada planta um verdadeiro filho. No dia do Colono, 25 de julho, a homenagem da



COTRIJUI

cooperativa regional tritícola serrana ltda.

E POSSÍVEL FAZER, AINDA HOJE, COOPERATIVISMO?

O mês de julho é tempo de festa para o Cooperativismo. No primeiro sábado do mês se comemora, em todo mundo, o Dia Internacional do Cooperativismo. Pois para não deixar passar a data em branco, a diretoria Regional de Dom Pedrito resolveu fazer uma mesa-redonda entre associados e líderes sindicais para analisar o cooperativismo que existe hoje e compará-lo com as iniciativas pioneiras deste sistema. Durante a discussão também foi levantada uma questão: será que as futuras gerações assumem o cooperativismo?

Participaram da mesa-redonda os produtores Abbu Souto Bicca, José Fialho, José Walter Pötter, Florício Barreto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dom Pedrito, Cândido Godóy Dias, presidente do Sindicato Rural, Darci Maciel e Ernandes Dias, secretário do STR. Os outros participantes são Amaro R. Deus, presidente do Sindicato da Indústria da Alimentação, João Bosco Diehl, coordenador do Ensino Municipal, Ivo Bazílio e João Roberto Vasconcelos, da Comunicação e Educação, o agrônomo Jorge Peres e Eduardo Augusto de Menezes, Diretor Regional da Cotrijuí em Dom Pedrito.

Menezes — É possível fazer cooperativismo, atualmente, baseado no passado?

Darci Maciel — Acredito que sim, porque foi o passado quem nos deu os ensinamentos de hoje. No passado foi feito todo esse trabalho de união, de colocação de esforços para se livrar do intermediário. Iniciou com muitas dificuldades, mas foi se aprimorando. Hoje o próprio nome Cooperativa está ligado diretamente à palavra cooperação, no sentido de darmos uns aos outros, um pouco de nosso trabalho, das nossas idéias e da própria ação. De modo que o passado nos deu lições para que hoje possamos utilizar técnicas novas, dentro de um sistema moderno, para poder atingir aquilo que se deseja, que é o de todos trabalharem pelo mesmo ideal na defesa dos nossos próprios interesses.

Abbu Bicca — Nós não podemos nos prender aos lirismos do cooperativismo. A época de hoje nos impõe uma nova condição de trabalho. Embora não se queira fugir aos princípios do cooperativismo, terão que ser considerados outros fatores de concorrência ao cooperativismo. Então acho que se as cooperativas hoje pretendessem somente atingir os princípios do cooperativismo, elas estariam sendo prejudicadas na sua ação e dinamismo das operações. Conseqüentemente, encontrariam uma certa dificuldade, principalmente em termos de comercialização de seus produtos. É lógico que acho que todos os seus princípios são inteiramente válidos e devem ser considerados. No entanto, me parece que a linha de ação da cooperativa, hoje, deve se afastar um pouco dos moldes que instituíram o cooperativismo. Nós vivemos em outra época, cheia

de concorrências estranhas aos interesses da cooperativa.

Menezes — Quem é que está fazendo essa concorrência? Aqueles que fundaram, que são sócios e fazem parte da própria cooperativa? Será o próprio produtor? Aqueles que fundaram o cooperativismo no passado, tinham o quê em mente? E as gerações que os sucederam, têm o que em mente? Está certo que o mundo mudou. As condições econômicas, sociais, são outras. Será que os objetivos dos fundadores eram os mesmos de hoje?

Ivo Bazílio — O comportamento do homem dentro do processo modificou as coisas. Essa mudança tem muitos motivos. E hoje é preciso dinamizar mais esse comportamento dentro da situação atual da cooperativa, dentro de um sistema econômico, político, de produção agrícola. Será que a tendência desse comportamento é modificar muito mais ou parar por aí? Será que aqueles que estão assumindo, poderão modificar o sistema atual, aperfeiçoar o processo ou então distanciar-lo?

Abbu Bicca — O sistema não se modificou. Os métodos é que foram alterados.

Walter Pötter — Mas como alterar os métodos?

Abbu Bicca — Os métodos podem variar em função de vários fatores que concorrem no desempenho de uma cooperativa. Agora sou de acordo que o sistema seja preservado. Isso não quer dizer que determinados meios justifiquem plenamente os fins. Só acho que os métodos de trabalho das cooperativas de hoje não podem ser alicerçados simplesmente em princípios que instituíram o sistema cooperativista.

Darci Maciel — Seria o caminho

mais próximo de cooperativa-empresa?

Abbu Bicca — Acho que sim.

José Fialho — Concordo que o sistema tem que evoluir. Não dá para parar, ainda mais no momento em que estamos vivendo. A nossa geração está sentindo que tem que haver união, porque cada vez mais está se produzindo menos, há mais gente passando fome no mundo e esse problema tem que ser resolvido. E só vejo solução na união, no questionamento. Precisamos saber como produzir mais. E a força está na união, no cooperativismo, mas com evolução.

Walter Pötter — Concordo com o que foi dito, que se deve seguir cooperativismo, sempre evoluindo. Antes ele era apenas uma união, que se preocupava com a comercialização da produção dos agricultores. Hoje, ele evoluiu para outros setores, não só se preocupando com benefícios econômicos, mas também com os sociais.

José Fialho — Deve ser cooperativa até a hora do produto entrar e empresa depois que o produto estiver dentro da cooperativa.

Menezes — Então, vocês acham que o cooperativismo deve mudar um pouco naquilo que foi o seu alicerce fundamental? Até foi dado a entender, que no alicerce fundamental houve muito lirismo, muita poesia, e que no mundo moderno de hoje não cabe esse lirismo cooperativista, porque é um mundo de guerra econômica constante e total. Se falou em cooperativa-empresa, mas é preciso diferenciar aqui duas coisas: quando nós falamos em cooperativa, o que estamos imaginando? Prédios, escritórios, armazéns, com funcionários, etc., e o produtor de fora,

olhando a cooperativa como uma das empresas de opção de comercialização? Ou prédios, basicamente sem importância devida e simplesmente um homem que é o gerador do cooperativismo? Um armazém é o conjunto desse homem . . .

Darci Maciel — Há uma necessidade de unir todas essas coisas para que se forme uma cooperativa. Não poderíamos ter uma cooperativa, se não tivéssemos o homem como associado, se não tivéssemos os armazéns, o frigorífico . . . Teríamos um associação de homens e não uma cooperativa que é o nome que se dá ao tipo da entidade que comercializa, dá assistência social, assistência técnica . . . E a Cotrijuí é cooperativa porque está reunindo todas essas coisas necessárias para que se diga realmente que é uma cooperativa.

Menezes — Exatamente. Acho que quem sentiu mais os problemas foram os fundadores das cooperativas. Naquela época não existia opção de comercialização, então chegou ao ponto de homens se reunirem e formarem coisas. Seria exatamente esta a época do lirismo? Eu acredito que não. Creio que era uma coesão de esforços. Houeram transformações e o cooperativismo está chegando a mais coisas hoje, em função do próprio homem, do que antigamente. Foram os problemas econômicos, num primeiro momento, que levaram as pessoas a se reunir. E quais são as outras necessidades básicas desse homem? Saúde, escola, serviços sociais, educação . . .

Darci Maciel — Na época em que foram criadas as cooperativas, o progresso era um tanto limitado que o homem passou a não se conformar com certas coisas. Começou a exigir bem mais. Há poucos anos passados, o pecuarista, agricultor, não tinha luz elétrica, mas hoje o progresso está fazendo com que todos tenham melhores condições. Por isso as cooperativas não podem ficar restritas apenas



Uma coisa que é deles, mas não é bem deles?

a parte econômica. Ela tem que atender a outros setores que o progresso forçou o homem a desejar. E a cooperativa deverá ser o meio para que o homem consiga o que isoladamente é impossível.

Florício Barreto — É através do próprio homem, do associado que é a cooperativa, que se está exigindo uma maior expansão do cooperativismo. E quanto mais o associado evoluir, mais a cooperativa tem que atender a sua ação de prestação de benefícios.

Menezes — Me parece que novamente está sendo colocada a situação associado de um lado e produtor e a cooperativa como uma coisa que é deles, mas que não é bem deles. A transformação que ocorre numa cooperativa é função explícita de seu quadro social. Se uma cooperativa forte decresce, é porque os seus cooperados assim quiseram. Se uma cooperativa fraca ou pequena começa a crescer, é pela vontade de seus cooperados. Se uma cooperativa não tem uma boa diretoria, é vontade rigorosa de seus associados.

Walter Pötter — E por que o nosso cooperativado está exigindo muito da cooperativa e está entregando pouco? Por que acontece isso?

Darci Maciel — Me parece que as razões são diversas. E até é meio difícil de dizer aqui quais são mesmo as razões. A exigência do cooperativado é daquele que realmente participa da cooperativa. Aquele que não entrega o seu produto, que não está vivendo a sua cooperativa, também não se sente em condições de exigir. Os outros vão ficando de fora e se sentem constrangidos em pedir.

Darci Maciel — Na época da Cooperativa Pedritense, existiu um grupo de associados que fazia um grande sacrifício para manter a cooperativa. Apesar de não se ter capital de giro, existia uma turminha que estava sempre entregando o seu produto, trabalhando para o crescimento da cooperativa. E hoje na Cotrijuí, também existem grupos assim. Só que é preciso uma outra contribuição, como participação em assembleias e uma série de outras coisas, que realmente dão força para uma cooperativa crescer. Acredito que muitos associados se omitem, não entregam seu produto, algumas vezes, por falta da própria cooperativa. Às vezes um tratamento amistoso, traz um associado, ou então, uma pequena coisa afasta-o. São coisas que o associado guarda e fica afastado por muito tempo, simplesmente usando a sua condição de sócio.

Cândido Godóy — O produtor estava nas mãos dos compradores, conseqüentemente, eram eles que determinavam o preço. Com a criação das cooperativas, elas passaram a ser uma opção para certos criadores. A partir daí a situação modificou um pouco e o criador passou a pedir um preço melhor, porque senão ele entregava na cooperativa.

Menezes — É necessário colaborar com a cooperativa? É necessário eu, no meu estabelecimento rural, colaborar comigo mesmo, com aquilo que é meu?

Cândido Godóy — Claro que é. Mas acontece que a cooperativa pode ser vista sob dois aspectos: um no presente e outro no futuro. Se o produtor olhar no presente, vamos supor que ele perde tanto, mas o produtor não está vendo que no futuro ele vai ganhar, porque o dia em que não existirem as cooperativas, ele vai voltar de novo para as mãos dos compradores. Mas como sempre têm aqueles que são conscientes de que as cooperativas pertencem aos associados, en-

tão elas continuam e para eles continua sendo uma opção.

Abbu Bicca — E na nossa região isso é uma realidade, ainda que não exista plena consciência do trabalho da cooperativa. O que se tem que fazer é discutir os métodos de entregas e os rendimentos daquilo que se entrega. Agora o que não existe realmente é uma incondicionalidade da opção. Quer dizer, a opção precisa desaparecer. Tem que entregar o produto na cooperativa. Isso realmente é uma consciência que não está plenamente formada.

O futuro está no presente em razão de um passado

Ivo Bazílio — O que me chama a atenção é que há dois anos e meio atrás, se ouviu de várias pessoas uma coisa importante. Foi nos dito que Dom Pedrito tinha uma consciência cooperativista bem formada. O pessoal entendia de cooperativa... É o comportamento do produtor diante do cooperativismo que começa a dar dimensão ao sistema cooperativa-empresa? O que começa a viabilizar um processo empresa em cooperativa? Será que essa consciência cooperativista dos nossos associados realmente existe como uma teoria e que ainda não chegou a ser uma ação? Nós estamos ainda agarrados naquele princípio de viabilização econômica?

Amaro — Principalmente os maiores, que têm outros meios de comercializar com mais facilidade os seus produtos, são os que pedem com maior facilidade. Quem está mais atento à cooperativa é o pequeno, levado pelas dificuldades até de comercialização. Mas acho que a cooperativa tem que fazer um trabalho de conscientização junto aos associados. Trazer eles aqui para dentro e mostrar o que tem uma cooperativa do porte da Cotrijuí. Tem muito associado que não sabe nem o número de funcionários que tem dentro da cooperativa e nem quem são os beneficiados. Muitas vezes eles só olham o seu lado e só sabem querer vender bem o seu boi, a sua lã, e não olham o outro lado, que é o dos problemas sociais da comunidade, do município. Quem é que se beneficia com uma cooperativa, como a Cotrijuí, que tem quase 500 associados só em Dom Pedrito? É a comunidade pedritense. Então se a maioria dos produtores se unirem e entregarem seus produtos, muito mais benefícios terá a comunidade. Agora o associado tem que saber porque é importante uma cooperativa.

João Bosco — A preocupação do sistema cooperativista é justamente o de participar, de ativar essa parte de educação cooperativa, levando aos núcleos do interior do município, às escolas, uma conscientização do sistema cooperativista. É uma integração junto ao sistema educacional. É o que se falava no início. Será que o

sistema cooperativista do passado, teria validade para o presente e qual a perspectiva para o futuro? Logicamente que sempre a perspectiva do futuro nós achamos que está aqui no presente em razão de um passado. Logicamente também que o futuro, embora incerto, deverá ser em função do presente de hoje e principalmente com aquela diversificação de métodos adequados com sua época e momento exato.

Cândido Godóy — A cooperativa para os grandes proprietários é uma opção muito boa, mas ela é essencial para os que têm pouco. Se um proprietário tem 10 mil quilos de lã, ele consegue muita gente para ir olhar. Agora, se ele tiver apenas uma bolsa, ninguém vai olhar para comprar. Então este é o que tem o maior problema de comercialização do produto. E é para esse que faz mais falta a importância da venda na hora. Por outro lado, a cooperativa deveria estudar um financiamento maior para os que têm pouco, para que eles não caiam nas mãos de outros. Eu sei de gente que compra lã, por exemplo, e entrega na cooperativa.

Abbu Bicca — Eu vejo um grande problema neste sentido e teremos que enfrentar duas formas de tratamento. E esse é o pivô do caso. São os grandes e os pequenos. A cooperativa não pode diferenciar um associado que tem 10 mil quilos de lã, de um que tem bem menos. Simbolicamente, ele tem os mesmos direitos do que aquele que tem 10 mil quilos. Esse é o problema em se determinar duas formas de tratamento para o pequeno e para o grande. É um problema muito difícil, realmente.

Cândido Godóy — Aí entra o problema de preço, assistência social, educação...

Jorge Perez — No passado a cooperativa lidava mais com a parte econômica, mas com o tempo as coisas foram partindo para outro tipo de enfoque que era a parte humana do sistema. Essa parte humana do sistema é que começa a distinguir, com o tempo, o tipo de associado. É lógico que sempre existirão os grandes produtores, médios produtores e pequenos, principalmente dentro do sistema capitalista em que vivemos. Acho que essa humanização do sistema, essa forma de encarar o sistema hoje, não só pelo prisma econômico, mas também pelo lado humano, é que dá condições e obrigações, principalmente com os grandes e médios. E só pelo fato de serem grandes e médios. Além da liderança, tem um nível de educação bastante superior aos demais e pela responsabilidade que eles têm dentro do sistema, já que quem administra uma cooperativa nada mais é do que mero instrumento de seu associado. Isso não é demagógico, é real. Então eu pergunto: por que dar um adiantamento maior para o pequeno? Agora se o pequeno tiver que vender seus produtos à vista porque lhe faz falta essa diferença, que tipo de falta lhe faz? Educação, crédito, assistência completa... Então acho que a responsa-





O sistema cooperativista se desenvolve dentro de um outro sistema conflitante

bilidade do grande, já que ele passa a liderar, é de encontrar soluções humanas, sociais, dentro do sistema, sem abrir exceções, que cubra essa parte econômica pelo outro lado. Eu vejo a cooperativa de hoje conservando o mesmo princípio, mas olhando a coisa mais para o lado humano, encontrando soluções para esses desníveis.

Ivo Bazílio — Estamos num sistema cooperativista dentro de um sistema capitalista. E esse sistema cooperativista é um sistema diferente, é um sistema de cooperação, de trabalho de assistência e de distribuição de renda mais justa, dentro de um sistema capitalista. Mas como sobreviver dentro de um sistema destes, onde muita coisa se contradiz? Será que o sistema cooperativo é o sistema ideal para resolver os problemas sociais e econômicos?

Darci Maciel — É possível, porque senão deixa de ser cooperativa. Deve existir uma cooperação daquele que têm mais por aquele que tem menos. Tem se falado aqui muito em assistência médica, educacional, mas estamos esquecendo que aquele homem lá de fora mais se preocupa é com alimentação, roupas para a família... e a cooperativa não está pensando nisso. Falta o dinheiro para pagar o bolicheiro lá fora, para comprar uma roupa. Isso é que faz com que ele se obrigue a vender fora os seus produtos. Na minha opinião, a cooperativa tem que partir para a solução destes problemas, senão deixa de ser cooperativa no sentido de dar assistência, porque produtor é tanto o grande como o pequeno. Se o grande está defendendo a situação econômica, o pequeno também está defendendo uma situação econômica, tudo dentro de seus devidos lugares.

Menezes — Então para o grande seria uma opção e para o pequeno uma necessidade. Mas aí é que soma as duas coisas, porque na medida em que não existisse o pequeno, para que efetivamente suportasse a existência de uma cooperativa, não existiria a opção para o grande. Se não aplicássemos em assistência social e sim em remuneração melhor de produtos, não deixaria de ser uma opção do grande e sim também uma necessidade devido ao melhor preço. Seria isso importante dentro do próprio sistema ou o grande fica de fora so-

mente como opção? A cooperativa deve fazer isso que o Maciel está propondo, ou deixar de ser somente uma opção para ser de fato uma fixação do grande produtor dentro do processo cooperativista?

Darci Maciel — Bem, acho que as coisas devem ser estudadas. As idéias não podem ser assim, quase que ditatoriais. Deve-se fazer uma tomada de idéias, porque de um todo se consegue uma solução. Temos que ver qual o caminho a seguir. Só acho que o pequeno produtor deve ter um atendimento. Só tem que se estudar a forma. Temos que ver com que meios podemos beneficiar esse pequeno produtor para que não tenha que vender o seu produto ao intermediário. O intermediário sempre vai pagar com uma margem de lucro.

As necessidades do homem em primeiro lugar

Walter Pötter — Seria o caso então do grande financiar esse pequeno? Não com melhores preços, mas financiar a alimentação, subsidiar atendimento médico, hospitalar...

Darci Maciel — Pode-se estabelecer uma tabela, em que todo o produtor que produzisse até tantos quilos de lã, deveria nos deixar "X"... Seria uma forma de ajudar o pequeno.

Menezes — Uma pergunta, por que uma cooperativa de produção, como a Cotrijuí, tem hospital? Já estamos no terceiro. É que cooperativismo não tem limites e as necessidades do homem devem ser as primeiras a ser preenchidas. E uma comunidade... será que Dom Pedrito, tem sentido comunitário? Na medida em que uma produção vai para fora, será que aquele que mora aqui se apercebe? Aquele retorno do ICM, vai ajudar outro município e não o nosso. Aquele produtor que se lastima e que diz que a estrada está horrorosa, será que está se dando conta, que na medida que todos os negócios dele são geridos em Dom Pedrito, há maiores recursos para arrumar essas estradas?

Cândido Godóy — Mas se a cooperativa não tiver o respaldo econô-

mico, ela não vai poder fazer isso. Para que ela possa fazer tudo isso, é necessário que receba os produtos dos associados e aí é que está o ponto.

Menezes — O que faz o produtor entregar sua produção na Cotrijuí?

Cândido Godóy — É o preço.

Walter Pötter — Pelo menos agora em 80, em termos de preço do gado, a cooperativa sempre tem se mantido no topo da tabela, mas a entrega está mais ou menos igual a do ano passado. Então me parece que não é só preço.

José Fialho — O problema é que a tabela da cooperativa não chega em todos e muita gente está pensando que o preço é o mesmo do ano passado.

Darci Maciel — Sei de muita gente que não entregou a produção porque não gostou do preço. A população daqui tem uma concepção totalmente diferente de outros municípios, onde a própria necessidade faz com que eles se envolvam com a cooperativa. Em Dom Pedrito, pela situação de zona de fronteira, existe um sistema independente. O grande produtor nunca esteve muito ligado a cooperativa, porque ele tem estrutura própria e não sentia necessidade. Para mim não são os preços que fazem com que o produtor entregue os seus produtos. É a cooperativa em si, através de seu trabalho, apresentando resultados satisfatórios, que vai aos poucos atraindo os grandes produtores. Já para o pequeno, a necessidade é meio imediata. Ele já se lembra dos benefícios que a cooperativa pode lhe dar. Agora o grande não está dando muita bola para esses benefícios e pode até mandar as cooperativas às favas.

Ivo Bazílio — Está correta a afirmação do Sr. Maciel, quando diz que o grande pode mandar a cooperativa às favas. Agora quando acontece a luta do confisco quem impulsionou mesmo não foi o pequeno? E os tratores e as máquinas foram para as ruas levadas não pelos pequenos. Eles se deram as mãos para fazer peso.

Darci Maciel — Temos que ser realistas. Posso não me associar a um movimento qualquer, agora não posso privar os meus empregados de participarem do movimento, porque necessito do empregado. Muitas vezes sou obrigado a concordar com alguma coisa, mesmo contra a minha vontade. Para eles tudo é festa é movimento e eles querem participar. Não se pode dizer que isso é o correto, é o certo. É claro que nas zonas de pequenos, foram os produtores para a rua.

Ivo Bazílio — A luta, às vezes, não é só de um, é de todos. É uma luta que tem de envolver todo o mundo, porque os resultados vão beneficiar a todos.

Cândido Godóy — Voltando ao assunto preço, alguns anos atrás andou havendo uma liquidação da cooperativa, muito baixa e conseqüentemente no ano seguinte a diminuição de lã entregue na cooperativa foi muito grande. Quando voltou a haver uma liquidação boa, aumentou de

Os jovens se interessam pelo cooperativismo?

novo a entrada de lã. Então me parece que é o preço que faz com que uma grande maioria entregue seu produto na cooperativa.

Darci Maciel — Aqui em Dom Pedrito existe uma coisa muito interessante. Uma das coisas mais difíceis é dirigir aquilo que não é nosso e portanto, existem golpes de sorte da própria cooperativa, como golpes infelizes. A antiga cooperativa pedritense, numa época em que o preço no mercado internacional estava em alta, ela reteve a lã com a intenção de pegar melhores preços. De repente trancou o negócio e houve uma queda brusca no preço e a cooperativa foi obrigada a vender por preços bem inferiores aos que já existiam e isso causou uma demissão muito grande de associados. Hoje acontece o inverso. A Cotrijuí ainda tem lã e o mercado está firme, está em alta, mas se nesta intenção de defender os interesses dos associados, houvesse uma queda, novamente o associado não ia ficar satisfeito.

Menezes — Os herdeiros do cooperativismo, as novas gerações, estão assumindo o processo cooperativista? Explico porque foi feita esta pergunta. O cooperativismo em Dom Pedrito nasceu em 1923. A Cotrijuí foi fundada em 1957. Aqui nós já vamos para a terceira geração praticamente e em Ijuí, vai para a segunda geração. No caso de Ijuí, quem fundou a cooperativa, hoje está com seus filhos em idade de assumir o processo. E o pior é que esses filhos, parece, que estão desligados das causas que levaram seus pais a assumir o processo. Aqui em Dom Pedrito, quem vai assumir é a terceira geração, isto é, os filhos dos filhos. Essa é a razão da pergunta.

Darci Maciel — Primeiro, quero salientar que Dom Pedrito vivia praticamente isolado. O município não possuía meios de comunicação, nem meios de transportes. Então houve a necessidade de se criar uma charqueada, que posteriormente foi transformada em frigorífico para defender os próprios interesses daquela época. Isso ofereceu condições para que aquela primeira geração solucionasse seus problemas. Hoje, Dom Pedrito saiu, praticamente, da pecuária e ingressou na agropecuária. Então as necessidades já são outras. Eu acredito que esta geração que já está participando do cooperativismo, está sentindo as mesmas necessidades da turma de Ijuí. Eles terão que tomar conta do negócio. Queiram ou não. E a responsabilidade talvez seja maior do que a nossa, porque antes o negócio era pequeno mas agora, está crescendo cada vez mais. E hoje o processo não envolve mais pura e simplesmente aquela meia dúzia de pecuaristas, que produziam o que ti-

nham que abater. Precisavam de um abatedouro. Hoje não. Hoje precisa de técnicos, para a orientação na agricultura, na produção de sementes e uma série de fatores que envolvem tanto a parte de pecuária como a parte de agricultura. Eu acredito que esta última geração em Dom Pedrito, terá que olhar muito para seus próprios interesses, que são os interesses da região.

Menezes — Aí surge uma pergunta: será que o cooperativismo é cíclico, de geração para geração? Será que a atual geração saberá transmitir corretamente a seus filhos essa essência, ou na próxima geração que estiver aqui, no ano 2010, vai ocorrer o que aconteceu com a primeira geração, que sentiu necessidade de união e que não aconteceu com as gerações seguintes, pelo menos com a mesma força?

Darci Maciel — Bem, os primeiros, os que desencadearam o processo, parece que foram os que mais se sentiram satisfeitos. Eles cumpriram a missão deles, que era simplesmente abater carne. Naquela época não se tinha nada sobre agricultura. Nem havia a necessidade, por exemplo, de dizer assim: "Precisamos de um técnico para fazer cortes nobres na carne. O negócio era charque". Também os pioneiros do cooperativismo em Ijuí se completaram. Eles conseguiram, com união, suprir as suas dificuldades da época. Me parece que toda a vez que a gente atinge um determinado estágio, vai diminuindo o número de coisas a serem feitas. Eu até perguntaria ao Walter Peter se existem muitas coisas para melhorar no estabelecimento dele.

Quando o produtor deixa de ser independente?

Walter Pötter — Sempre tem alguma coisa.

Darci Maciel — Mas não tanto como quando tu iniciaste.

Walter Pötter — Sempre há algo a fazer, principalmente quem deseja acompanhar o processo evolutivo do mundo.

Darci Maciel — Pois isso foi o que aconteceu em Dom Pedrito com a primeira geração. Eles não tinham opção. Hoje é diferente. Todo o mundo quer evoluir e realmente existem condições. Eu, por exemplo, estou casando pecuária com agricultura. O outro lá adiante já pensa em instalar um haras. Isto também é válido para a última geração de Ijuí. O pior é quando uma geração imagina que já está com tudo pronto. Eu acho que com criatividade, assim como disse o Walter, sempre existiu alguma coisa para fazer. Também acho que Ijuí ainda tem muita coisa a fazer. Não pode é parar. E Dom Pedrito, então, nem se fala. Aqui estamos recém começando.

Cândido Godóy — Eu não acre-

dito muito em retorno, pois a luta pela sobrevivência vai ser cada vez pior e a necessidade de união vai ser talvez muito mais importante do que é hoje, inclusive.

Walter Pötter — Esta geração que está aqui, não pode se descuidar de conscientizar os filhos.

Menezes — Na realidade as coisas se comportam da seguinte maneira. O grande produtor, por exemplo, é independente até certo limite.

Darci Maciel — O grande produtor foi independente, foi . . .

Menezes — As medidas de grandeza são proporcionais. E eu pergunto, quando é que o produtor deixa de ser independente? Vamos exemplificar: hoje um preço é um cruzeiro mais baixo, mas que o produtor tenha consciência de que onde ele vai entregar alguma coisa, no caso a cooperativa, são aqueles recursos que asseguram serenidade para o seu trabalho. Ou seja, quanto mais crescer uma comunidade, sob o ponto de vista social, mais equilibrada ela será. E neste ponto de vista social, o grande tem uma grande parcela, porque não gera desemprego, que a sua participação não gera a ruína de sua própria empresa, seja cooperativista ou não. Que não gera tensão social, estará muito bem. Agora, na medida em que isso possa ocorrer, ele se bota em "xeque" com tudo isso. E na medida em que aumenta essa tensão social, aqueles recursos intangíveis, que ele poderia ter participado, mesmo com um cruzeiro mais baixo, já não lhe asseguram a mesma serenidade para produzir. Agora, será que ele tem essa visão?

Darci Maciel — Hoje em dia temos essa série de vantagens oferecidas pela cooperativa, que ele já quase está obrigado a pertencer a uma cooperativa. No passado, o grande produtor mandava o seu produto para uma determinada firma, mesmo porque, não haviam grandes necessidades, pois ele pagava o armazém no fim do ano. Existiam certas modalidades que hoje não existem mais. Então, o que é mais cômodo, principalmente para o grande produtor? Olha vou mandar a minha lã para a cooperativa. Até mesmo se tiver que viajar, ele sabe que o empregado tem cobertura de remédios para os animais . . . Então, tem que se considerar esses e muitos outros fatores.

Menezes — Então, esta segunda geração em Dom Pedrito foi comodista?

Um monstro muito grande está acima: as multinacionais

Darci Maciel — Não, esta geração não foi comodista, pelas condições de Dom Pedrito. Eles não tinham muita coisa a fazer. Seus pais construíram o frigorífico e o próprio Governo já não oferecia condições. Atualmente, nós estamos completamente distanciados daquele sistema de 57. Temos um preço mínimo, para determinados produtos. Quase que todos. Até já anda se falando em preço mínimo para a lã. De maneira que hoje, apesar da gente se queixar do governo, existe uma garantia por parte desse mesmo governo. Naquela época não tinha isso. Naquele tempo o comprador vinha e degolava mesmo.

Menezes — Aliás, Dom Pedrito foi pioneiro na região. O cooperativismo em Bagé surgiu um ano depois, em 1924.

Darci Maciel — Eu até sei de um caso. Uma anedota. Um cidadão dos lados de Ponche Verde queria vender seu campo. Isso foi mais ou menos em 1951, quando a tricultura estava estourando em Dom Pedrito. Apareceu um comprador da Serra, que queria a terra para plantar trigo, a cultura da moda e estava dando um bom resultado. Na hora de fechar o negócio, o proprietário pediu um preço bem alto pelo campo, mas como era para plantar trigo, o comprador disse que ia pagar. Foi então que o proprietário disse: "se é para lavar o meu campo, não vendo mais". Era essa a concepção da agricultura naquela época. Aquela geração ainda obedecia cegamente os pais. Eles cumpriam à risca tudo o que os pais diziam. Isso acontecia até mesmo em política. O filho sempre pertencia ao mesmo partido que o pai. Hoje as coisas mudaram, não só pela maneira de pensar, como na maneira de agir.

Ivo Bazílio — Quando se fala nas gerações que assumiram ou não as etapas do cooperativismo e se vão assumir ou não no futuro, o proble-

ma é que hoje vão de mãos dadas, o grande, o pequeno e o médio produtor, em função daquilo que é muito comentado. O gigantismo do cooperativismo. Inclusive, hoje, se sabe que acima do grande, médio ou pequeno produtor, existe um monstro muito grande. São as multinacionais. Então vem a pergunta, seguram a peteca ou não?

Menezes — Tudo é uma questão de posicionamento. Sabemos, por exemplo que existem determinados produtos, que as multinacionais não vendem para as cooperativas. É que as cooperativas compram esses produtos em maior escala e acabam prejudicando a venda direta do próprio fabricante que, de acordo com o pedido, faz um preço diferenciado entre os clientes. Aí então eu pergunto, será que o produtor de Dom Pedrito já atingiu um grau de conscientização? Se vender para a cooperativa eu compro o produto, mas se a cooperativa for boicotada eu não compro esse determinado produto.

Quem são os representantes do produtor?

Abbu Bicca — Há consciência disso aí. Eu acho que por ética, não se explora e não se procura doutrinar o associado a esse respeito. Apenas por ética, porque consciência disso, existe.

Menezes — Um outro assunto. Preço mínimo da lã . . . Será que o governo tem que proteger ou não? Na realidade, todos os pedidos que têm no governo, são por parte da indústria.

Darci Maciel — Eu acho que o preço mínimo vai vir por uma pedra no sapato . . .

Menezes — E qual será a reação do produtor frente a isso?

Darci Maciel — O produtor terá que ter sempre um representante. Em assembléia os nossos representantes terão que combater.

Menezes — Quem são os representantes do produtor?

Darci Maciel — As associações de classe. E os políticos, não são representantes? Na verdade, nós vivemos numa época em que estamos dependendo de alguém que nos ajude. Dada a situação política . . . Isoladamente, se as associações de classe não tiveram uma cobertura política . . .

Menezes — Eu acho que o pedritense não confia no seu vizinho. Se ele tem plena convicção de que o outro vai, ele também vai. Depois se não for assim ele fica se perguntando: Será que vou? E se chego lá e tem apenas meia dúzia de gatos pingados?

Darci Maciel — Em matéria de cooperativa, pode existir união e confiança. Mas em matéria de política, não existe.



Sem evoluir, o cooperativismo perde seu espaço

SEM PLANTAR NÃO TEM PARA COMER



Todo ano, quando se aproxima a época de plantar feijão, seja no cedo seja no tarde, é sempre a mesma dúvida: vai dar ou não vai dar feijão este ano? Prá maioria do agricultor não tem dado. Às vezes a colheita nem dá para tirar a semente plantada. É uma plantinha ingrata mesmo. E este problema não é só de uma região não. Tanto no Rio Grande do Sul, como no Mato Grosso do Sul, se planta feijão quase só de teimosia. Poucas são as lavouras preparadas especificamente para vender a produção. Na maioria das vezes, o mínimo que se pretende é garantir o feijão de todo dia na mesa da família.

Como não é só agricultor que come feijão, mas também o pessoal da cidade, o produto anda numa escassez tremenda no mercado. O preço está que é uma coisa de louco, quase tornando o feijão um produto de luxo, pois além de caro ele está sendo meio que racionado por este Brasil afora.

O que subiu a cotação do produto — exatamente pela falta dele — é uma coisa de impressionar. Hoje o preço anda variando entre os Cr\$ 1.800,00 e os Cr\$ 2.500,00, dependendo do tipo e também do lugar onde ele é produzido. E isto é muito mais do que o preço mínimo oficial para o produto, fixado pelo Governo em Cr\$ 900,00. Só que o preço do feijão sempre foi uma das razões prá desestimular o plantio. Cansa de acontecer do produtor não receber nem o preço mínimo por ele, como conta o seu Benedito Gomes, que mora no Sítio Santa Rosa, município de Caaparó, no Mato Grosso do Sul:

— Quando vou plantar o feijão ele vale Cr\$ 1.200,00. Só que quando vou vender não me dão Cr\$. . . 250,00. Assim não pode.

Pois seu Benedito é insistente no feijão, apesar do preço e dos avessos que anda este mundo que não deixa mais se colher nada direi-

to: — Vou plantar coisa de 2 sacos, porque se deve plantar de tudo na lavoura. Mas não sei se vinga. Antes dava bom o feijão, mas agora . . . É a época avessa que está causando estes desastres. Quando se dá remédio prá uma doença, vem outras três. Quando se trata estas três, vem outras cinco. E assim é. É a lei de Deus. Quem entende tem que enxergar estas coisas. Aqui se acabou as matas e a terra vai virando areia, não tem mais oxigênio. O adubo acaba com a terra. Os venenos acabam com o Brasil.

Seu Benedito vende pouca coi-

sa do que produz. Feijão preto, diz ele, nasce melhor na região. Só que o mercado é mais para o feijão de cor então tem que plantar feijão de cor. Quem planta do preto volta prá casa com os sacos nas costas. Não vende um grãozinho. A lavoura mesmo, ele faz prá não faltar feijão em casa:

— Quem não faz passa fome.

PERIGOSO

“Agricultor fraco é meio perigoso arriscar no feijão”, conta outro mato-grossense, o seu Francisco Biagi, de Cristalina, zona que tem bastante feijão em Caaparó:

— O feijão não está dando

mais. Antigamente se plantava pouco e colhia bastante. Agora se planta bastante e se colhe pouco. Eu plantei 2 alqueires na safra da seca, mas foi meio brabo, que veio tudo que é doença. Sempre nós plantava na seca, claro que menos que o feijão da água, mas este ano deu um amarelão, as vagens tudo torta.

O seu Francisco sempre plantou mais para o gasto. Só este ano, aproveitando o incentivo dado pelo Governo para a safra da seca (que no Rio Grande se chama de safriinha) é que ele ampliou bastante a lavoura: plantou 2 alqueires, perto de 5 hectares. Colher ele não sabe se colhe: além do amarelão a planta se foi com a geadá.

E não foi só seu Francisco quem perdeu o feijão no Mato Grosso por estes dois motivos. Quase toda lavoura do tarde foi perdida, assim como aconteceu nos demais Estados do Brasil. Houve aquele programa do Governo — “Plante Mais Feijão” — e grande parte dos agricultores aumentaram consideravelmente suas lavourinhas. Só que o incentivo chegou tarde demais em relação às épocas recomendadas para plantio. Seu Francisco, por exemplo, plantou em maio a safra da seca, quase empatando com a época em que a maioria do agricul-



Francisco: a geadá colheu



Benedito: é a época avessa

tor começa a fazer sua lavoura da água. Assim, só podia acontecer o que deu: o que não sofreu com as doenças, a geadá matou.

Pois é exatamente pela constante inexistência de incentivo ao feijão — afora este programa, nunca foi dado um apoio oficial ao plantio — que muito agricultor deixou de lado uma cultura arriscada como o feijão. A planta é bastante sensível a uma séria de fatores, como temperatura, água, bactérias. Qualquer coisinha que não saia bem ao contento do feijão, ele nega a produção. Pois somando tudo isto — preço, falta de incentivo e ainda exigências técnicas — é que se pode buscar uma resposta relativamente segura para explicar porque hoje o Brasil precisa importar feijão prá que ele não falte na alimentação do povo.

CONTA A QUALIDADE

O que fala o produtor do Mato Grosso e o produtor do Rio Grande é basicamente a mesma coisa. Se planta mais para garantir o sustento em casa e não precisar comprar a um preço muito alto o feijão de fora.

“Eu penso ainda na qualidade do feijão que a gente mesmo produz”, como conta o seu Carlos Poletto, de Vila Jóia, no município de Tupanciretã, onde trabalha em 222 hectares de terra. É claro que tudo não é lavoura e o feijão ocupa só um trechinho de terra:

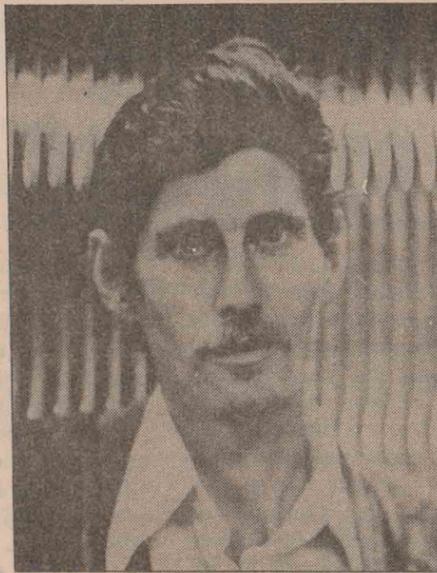
— Planto coisa de 4 hectares, mas mais para o consumo em casa e dos empregados. E praticamente toda vida plantei feijão pela escassez que sempre existe, e também pela qualidade, que o feijão que a gente compra nem se compara com o que se planta. Uma vez tive que comprar feijão para os empregados, mas ele nem nascia e nem cozinhava.

Seu Poletto tem uma porção de cuidados com a lavoura do feijão e com o produto colhido:

— O feijão tem que ser planta-



Carlos: devia valer o dobro da soja



Balduino: comprando para comer



Honório: feijão é sobremesa

do em terra de mato ou em várzea. Ele não quer terra vermelha, principalmente lavrada. É que vem a chuva e respinga nas folhas adoecendo tudo. O feijão gosta de terra escura e forte. Na hora de trilhar não pode ser com máquina, que fica tudo quebrado. Aqui se faz com manguá ou então ponho num pano e passo em cima com o rodado do trator. Outra coisa que faço é deixar o feijão no pó, limpando só quando precisa, que assim não caruncha.

VALER O DOBRO DA SOJA

Ele planta tanto no cedo como no tarde, um pouquinho a cada dia, prá evitar que uma geadá, um vento frio ou qualquer outro problema, pegue o feijão parêlho numa fase só de amadurecimento:

— Este ano tive que plantar 3 vezes por causa da seca. Mas o nosso grande problema mesmo é o burrinho. Tem que pulverizar 3 ou 4 vezes e poucos dias depois volta tudo de novo. Mesmo assim tem que plantar, mesmo não sendo uma planta lucrativa, que é tudo assim no trabalho manual. Em si é uma planta que dá, mas regula com o trigo no risco. Com o preço que está hoje, ainda por cima, tem que plantar. Antes o preço era muito baixo e sempre compensava mais fa-

zer lavoura de soja. Acho que o feijão preto tinha que ter um preço mínimo quase que o dobro da soja, que a soja dá o dobro em produção que o feijão.

DESILUSÃO

O feijão é uma planta engraçada. Não dá num vizinho e dá na lavoura da gente. Às vezes acontece o contrário. Mas foi exatamente por isto que o Nelson Corassa, da Linha 25 em Ajuricaba, resolveu parar de plantar feijão:

— Plantei uma bolsa agora no tarde e não colhi nenhuma vagem. Florescia este feijão uma coisa muito linda, mas não ligou uma vagem só. Plantei numa baixada, de terra preta, botei 4 bolsa de adubo para uma de semente e não deu nada. A primeira camada, quando floresceu, deu um vento frio. Pode ter sido isto a culpa, mas depois esquentou. Praga não deu nenhuma. Mesmo que tivesse dado não passava veneno que não tinha vagem prá defender. Só pode que o clima daqui é que não presta. Feijão, para mim, pode desmarcar.

Sorte, quem também não teve foi o seu Balduino Leopoldo Matz, da Linha 14 Norte, em Ajuricaba. Até comprar feijão para comer ele acabou fazendo este ano:

— Sempre plantava para o gasto e sempre sobrava alguma coisa. Este ano até para o gasto não sobrou. Deu cascudinho, o patriota, deu ferrugem e terminou com tudo. O cascudinho dá para controlar com o veneno até antes da floração. Mas casualmente fiquei doente e lá em casa ninguém mais lida com veneno.

Pois Balduino teve azar tanto na safra como na safrinha. Ele põe um pouco de culpa nas pragas e na geadá e outro tanto na sua terra, que diz não ser apropriada para o feijão: tudo terra vermelha e manchada que não foi recuperada:

— É o feijão que é uma planta muito variada, que não se pode contar com ela. Mas cada um tem que plantar porque assim, do jeito deste ano, não pode continuar. Pode ir de colono em colono que não tem fei-

jão em casa. Falhou prá quase todos. É por isto que não dá para ter relação de preço. Se o produto não existe não adianta ter preço alto.

É claro que não é todo mundo tão desiludido como o Nelson ou azarado como o Balduino. Pode não se acreditar tanto na planta, mas mesmo assim sempre se vai tentando. O seu Honório Burtet, de Coronel Lima, em Vila Jóia, sempre planta um pouco:

— Na última safra do cedo plantei um pouco fora de época e os fede-fede acabaram com tudo. No tarde não ia plantar. Mas depois agarrei só 2 quilos de semente e plantei. Deu bem: estou comendo feijão crioulo. Também de cada 2 dias estava lá passando pozinho.

SAFRA CHEIA

A única vez que seu Honório teve safra cheia foi há 3 anos. Plantou 30 quilos e colheu 8 bolsas:

— Mas explico: eu fiz uma aplicação de adubo foliar na soja e aproveitei para passar no feijão. Que coisa linda! Acho que foi do adubo. Se tivesse 20 sacos acho que vendia tudo, que souberam que nós tínhamos colhido e veio muita gente comprar feijão.

Seu Honório anda pensando em plantar um pedacinho maior de feijão. Fazer um risco de um hectare ou de meio hectare que seja. E, quem sabe, usar o mesmo método que o seu pai usava há anos atrás:

— Quando eu era piá, meu pai era plantador de feijão. E sabe como ele fazia? Semeava a lanço e depois passava com o boi em cima. E dava bem. Quando secava ficava assim branco de vagem.

Lavoura meio grande seu Honório acha um tanto arriscado, que “não está acontecendo planta pior que o feijão. Ele é muito rápido na floração e para fazer vagem. Se faltar chuva e fazer frio, lá se vai o feijão. Só dá mesmo se tem cobertura de Proagro a 100 por cento.

Mas até que era bom conseguir produzir bastante, como ele pensa:

— Dava para ir longe. Pelo preço que está e porque não há mais, o feijão hoje é sobremesa.



Nelson: não ligou uma vagem sequer

De repente o produtor nota que o gado está doente e não sabe o que pode estar acontecendo. Algumas doenças são conhecidas de longe, geralmente quando existe prática no lidar com os animais. Em outros casos o produtor pode acabar pensando que a morte de um touro, de uma vaca ou de uma ovelha foi provocada por uma determinada doença, quando na verdade, a doença nem sequer se aproximou do rebanho. É muito comum, por exemplo, que morra um animal na Fronteira e o produtor saia pensando que o problema é o carbúnculo. Só que pode não ser. Pode ter acontecido simplesmente do produtor não ter reparado os sintomas de outra doença que inclusive poderia ter sido tratada a tempo, salvando assim o animal. Aqui os veterinários do Departamento Técnico de Dom Pedrito e Ijuí relacionam quais as doenças mais importantes do rebanho bovino, tanto de carne como de leite, e do rebanho ovino. A importância das doenças varia de região para região, seja por sistema de criação, por clima e mesmo pela atividade desenvolvida. As doenças mais importantes no caso da pecuária leiteira não são as mesmas da pecuária de corte, apesar de algumas delas serem comuns para as duas atividades.

Entre as doenças mais importantes na região de Dom Pedrito, estão a hidatidose (ou bolha d'água), a fasciolose (conhecida como saguapé ou baratinha do fígado), a tristeza parasitária, a gangrena gasosa e o carbúnculo sintomático, o carbúnculo hemático e ainda a febre aftosa.

Já na região Pioneira da Cooperativa, onde a maior atividade pecuária é no setor leiteiro, as doenças que mais preocupam não são exatamente as mesmas: a mastite, a própria tristeza parasitária e ainda a brucelose, esta uma doença já controlada na região da Fronteira, onde existe um programa de vacinação oficial já implantado.

AS DOENÇAS QUE RONDAM NOSSO REBANHO



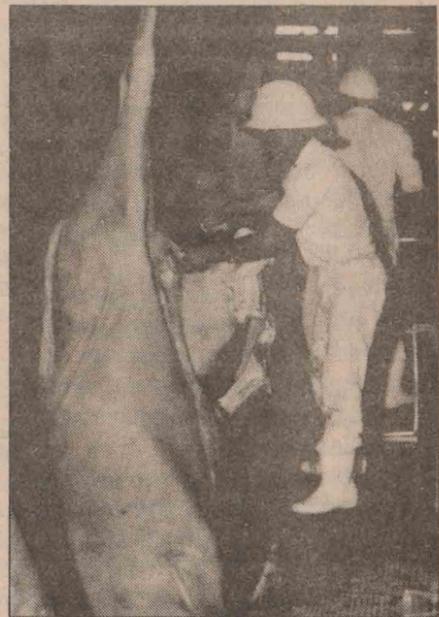
Hidatidose

A hidatidose, que é mais conhecida como cisto hidático ou bolha d'água, é uma doença constatada em 90 por cento dos animais abatidos no frigorífico em Dom Pedrito. Ela é transmitida por um parasitário (animal que vive às custas de outro), chamado de tênia e que normalmente a gente conhece como bicha. A bolha d'água é transmitida da seguinte maneira: o cão, que é o hospedeiro intermediário da tênia, defeca no campo e ali deposita os ovos desta tênia. Vem o gado, que pode ser tanto um boi como uma ovelha, e pasta naquele mesmo local, se infestando ao ingerir os ovos.

O caso é que o animal não apresenta qualquer sintoma da doença, e nem morre por causa dela, pois ele tem um ciclo de vida muito curto. O grande mal da hidatidose é que ela é uma doença transmissível ao homem. Acontece que este cisto hidático se localiza nos pulmões, no fígado ou nos rins dos animais. Quando o homem come uma destas vísceras mal cozidas, acaba também se infestando. Pelo fato de ele viver muito mais tempo que um bovino ou um ovino, este cisto vai crescendo no seu fígado, rins ou mesmo pulmões, prejudicando o perfeito funcionamento destes órgãos. A única coisa que se pode fazer para tratar a doença é uma operação para retirar a bolha d'água.

Para prevenir a hidatidose, os veterinários recomendam que se dê periodicamente aos cães, já que eles são hospedeiros das tênias, um remédio que acabe com elas. A medida principal, na verdade, é não alimentar os cães com vísceras dos

animais, como normalmente acontece quando se carneia uma ovelha ou um boi nas fazendas. Caso se pretenda continuar alimentando os cães com estas vísceras, elas pelo menos devem ser cozidas ou salgadas antes de oferecidas para os cachorros. Outra medida importante é salgar ou queimar as vísceras do gado encontrado morto no campo, para evitar que animais silvestres (como o sorro ou graxaim) se alimentem delas, e acabem sendo hospedeiros intermediários, assim como o cão, desta tênia. Outra recomendação é no caso do homem comer um fígado atingido por bolha d'água. O mínimo que se deve fazer é retirar, com todo cuidado, a parte afetada do órgão, evitando romper o cisto, pois desta forma ficam liberadas as formas imaturas da tênia e tudo fica contaminado.



A doença atinge 90% dos animais.

Gangrena gasosa e carbúnculo sintomático

Estas são doenças que andam sempre juntas. Elas são provocadas por bactérias, ou seja, pequenos micróbios, e são altamente infecciosas e contagiosas. Basta o animal ter qualquer ferimento, tanto nos cascos como no próprio aparelho digestivo (língua, boca, estômago) para que as bactérias consigam pene-

trar no seu organismo e na corrente sanguínea junto com o pasto que ele ingere.

Estas bactérias vivem na terra e ali ficam esperando uma "porta de entrada" no animal para invadirem seu corpo. Logo começam a se multiplicar, provocando transtornos cardíacos, respiratórios, locomoto-

res e por fim a morte do animal, o que acontece no máximo 48 horas após as bactérias penetrarem na sua corrente sanguínea. Os sintomas da gangrena gasosa e carbúnculo sintomático são febre, manqueira e descoordenação motora, parecendo que o animal está com as cadeiras bambas.

Prevenir a doença não é assim tão difícil: existe vacina, que deve ser aplicada de 6 em 6 meses. Como acontece com qualquer vacina, ela não oferece uma proteção de 100

por cento para o animal. Isto sem contar que qualquer outra doença que atinja o gado, como a aftosa ou mesmo uma verminose, reduzem ainda mais os níveis de imunidade proporcionados pela vacina. Por isto às vezes é preciso adotar outras medidas para controlar a doença. O tratamento curativo é feito à base de antibióticos, mas só é eficiente se iniciado imediatamente após se notar os primeiros sintomas. E isto, em animais soltos no campo, nem sempre é fácil.

Carbúnculo hemático

É outra doença contagiosa também provocada por uma bactéria que vive na terra. Ao contrário do carbúnculo sintomático, que atinge apenas animais jovens (de até 2 anos), o carbúnculo hemático aparece em animais adultos. O interessante nesta doença é que a bactéria permanece na terra por até 60 anos. Daí que muitos campos são considerados "malditos", pois é só largar o rebanho para pastar nestas áreas que logo em seguida eles morrem de forma fulminante.

A transmissão da doença acontece da mesma forma que no caso do carbúnculo sintomático: o animal ingere o pasto e, existindo uma lesão no aparelho digestivo (pode ter-se machucado ao engolir um espinho, por exemplo), a bactéria penetra na corrente sanguínea onde se multiplica violentamente e acaba provocando a morte do animal. É tão violenta esta doença que o animal nem chega a apresentar sintomas. Ele está pastando e repentinamente cai morto. Conta o Cajaty:

— O carbúnculo hemático dá normalmente em animais gordos. Só que ninguém sabe qual a razão disto.

Outra fonte de contaminação, além do pasto, são as rações e farinhas de ossos feitas a partir de animais atingidos e que não foram auto-clavadas, ou seja, submetidas a altas temperaturas.

Com o carbúnculo hemático só dá para prevenir, vacinando o animal periodicamente. Em zonas de maior incidência da doença a vacinação deve ser executada de 6 em 6 meses. Nos demais lugares de ano em ano.

Tanto no caso da gangrena como no do carbúnculo, devem ser imediatamente vacinados os animais que não morrem depois de constatado que outros foram atingidos pela doença.

Outro problema no caso da gangrena e do carbúnculo é que o homem também pode ser atingido pela doença e pode até morrer por causa dela. Basta ter um corte no corpo e entrar em contato com um animal doente para se infestar. Por esta razão, se recomenda não courear os animais dos quais se suspeita que a morte tenha sido provocada por estas doenças. A carcaça deve ser enterrada e queimada.

Depois de morto o animal no caso de carbúnculo hemático é possível ver que a causa da morte foi mesma esta doença: acontece uma hemorragia por todos os orifícios, e este sangue não é coagulado e sim de um vermelho escuro.

Além disso, a rigidez cadavérica e o inchaço do corpo são imediatos logo após a morte.

Tristeza parasitária

Os técnicos chamam esta doença, que pode se apresentar de duas formas diferentes, de piroplasmose ou anaplasmosse, dependendo do germe que a provoca. O seu nome comum é tristeza parasitária porque é transmitida por um parasito que é o carrapato. Tanto uma forma da doença como a outra podem matar em 1 dia ou no máximo em 4 o animal se ele não for tratado a tempo, pois estes germes penetram na corrente sanguínea do animal e se multiplicam com muita velocidade.

A tristeza aparece no animal quando ele é picado pelo carrapato, que injeta no seu corpo os germes da doença. O interessante é que os animais que vivem em permanente contato com o carrapato não adoecem, pois de tanto serem picados eles acabam ficando imunes aos germes.

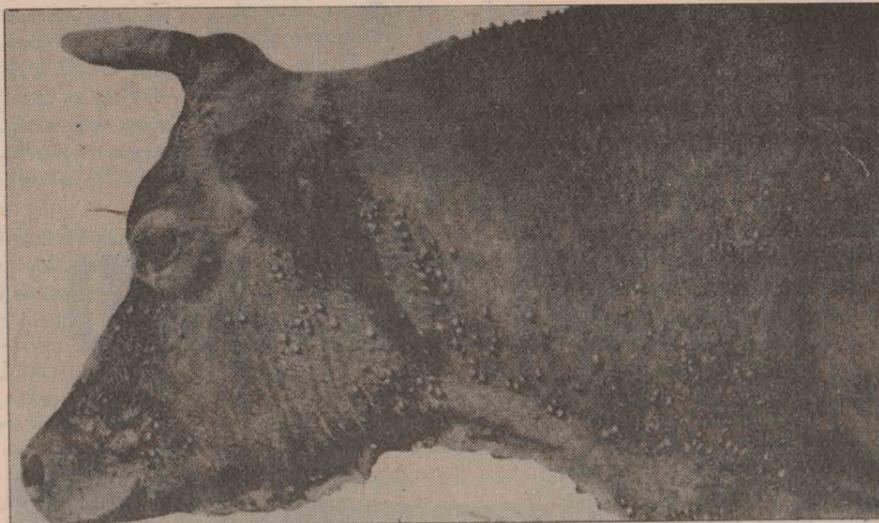
Quando dá a tristeza num bovino ele fica com febre, com os olhos amarelados, pára de comer e respiração difícil. Pode ainda acontecer, caso sua tristeza seja do tipo da piroplasmose, de sua urina ficar avermelhada ou até da cor de vinho, o que é um sinal de que o sangue também está sendo atacado.

A melhor forma de prevenir a tristeza é fazer a chamada pré-imunização do bicharedo. A pré-imunização é nada mais, nada menos, do que fazer o animal entrar em contato com o carrapato ou injetar o sangue de um animal que esteja bem carrapateado naqueles que provém de regiões onde não exista o carrapato. Este sangue, cheio de germes, age como a vacina. Aí o animal ou cria resistência a doença e não apresenta qualquer sintoma, ou fica doente e começa a ser tratado. Durante este período, que alcança geralmente 3 meses, ele é tra-

tado e acaba criando resistência a doença.

Esta imunidade, porém, não dura a vida inteira. A recomendação por incrível que pareça, é deixar o animal sempre na presença de carrapato, cuidando, porém, para que o nível de infestação não fique muito alto. Quando o número de carrapatos for grande, deve ser dado um banho carrapaticida.

Se mesmo assim o animal ficar doente, deve ser tratado imediatamente. Logo que constatados os sintomas da doença, o veterinário deve ser chamado.



O animal não pode ficar assim de carrapato

Brucelose

Uma doença importante não por sua incidência, que é relativamente baixa se comparada, por exemplo, às mastites e à tristeza parasitária que atingem o gado da região da Serra. A sua importância é pelos riscos que traz ao rebanho e que representa para a saúde pública, já que além de bovinos, ovinos, suínos, ela atinge também o homem. Os problemas da brucelose são enormes, principalmente por não apresentar sintomas nas vacas atingidas, que são muito mais suscetíveis à bactérias (do gênero brucelas) que provocam a doença, do que os machos.

Nas fêmeas a brucelose causa abortos, o que nem sempre é um sinal claro que a vaca é brucélica, pois ela pode abortar por outros motivos. No macho os sintomas são mais claros, pois ele fica com os testículos inchados e acaba estéril: No homem, a brucelose além da esterilidade e abortos, provoca ainda dolorosas inflamações nas articulações.

O animal normalmente se contamina através da alimentação ou da água. O que ocorre muitas vezes como conta o veterinário Otaliz de Vargas Montardo, é que uma vaca aborta no campo e contamina as-

sim toda área em volta, pois tanto o feto, como a placenta e água do parto estão cheias de brucelas. Desta forma, chega outro animal e, ao pastar por volta, acaba contaminando.

Uma coisa que o Otaliz chama atenção é que uma vaca brucélica pode sofrer 3 ou 4 abortos e ter depois disso um parto normal. Só que geralmente o terneiro é muito fraco e acaba morrendo em seguida. Mesmo assim um parto da vaca brucélica contamina todo ambiente.

O homem se contamina ao beber o leite cru ou de alguma vaca doente. Por isto a recomendação de sempre ferver o leite antes de tomá-lo. O pessoal do campo pode ainda se contaminar ao ajudar um parto de uma vaca que tenha brucelose, pois basta ter um pequeníssimo ferimento no corpo, às vezes nem notado, para que as brucelas o atinjam.

Para a brucelose não existe tratamento. A principal medida de prevenção da doença é a vacinação. Ela deve ser efetuada apenas nas terneiras com idade variando dos 3 aos 8 meses. No macho a vacinação não deve ser feita, já que ele é muito sensível às brucelas a partir das quais é fabricada a vacina. No lu-

gar de imunizá-lo contra a doença, a vacina transmite a brucelose para os machos. As vacas também não devem ser vacinadas, pois ao se fazer um exame de sangue, essencial para determinar se o animal está ou não doente, o resultado tanto das vacas brucélicas com das vacinadas é idêntico, o que dificulta o diagnóstico.

Este exame de sangue é uma segunda medida de prevenção recomendada. Ele deve ser feito pelo menos uma vez por ano e sempre exigido ao se comprar um animal que venha de fora. São exatamente estas compras feitas pelos produtores sem a exigência de um exame, que está alastrando a brucelose na região. Na Fronteira a brucelose já é uma doença sob controle porque a Secretaria promove a vacinação dos animais. Agora a Cotrijuí está organizando um trabalho junto à Secretaria para vacinar também os animais da Região Pioneira.

O cuidado que deve ter o produtor ao constatar que uma de suas vacas está com brucelose é abatê-la imediatamente, para evitar que a doença seja transmitida ao rebanho. A carne da vaca doente pode ser consumida tranquilamente, pois ela não contamina.

Mastite

A mastite, ou mamite, como também é conhecida, é uma doença de grande importância econômica, mesmo que o produtor muitas vezes não se dê conta dos prejuízos que ela traz. Isto quem conta é o veterinário Otaliz de Vargas Montardo, ao lembrar que o produtor teme muito mais uma tristeza parasitária no seu rebanho leiteiro do que a mastite.

A nível de produtor, explica Otaliz, repercute mais a tristeza, pois ela mata o animal. Mas as mastites trazem um prejuízo muito maior e constante. Ela é uma doença infecciosa e contagiosa que atinge o úbere da vaca, deixando-o inflamado. Ela é provocada por germes, que entram no úbere do animal e encontram no leite um excelente meio para se multiplicar, provocando sérias lesões nos tecidos do úbere e comprometendo a produção do leite.

O primeiro sinal da mastite são uns pequenos coágulos no leite, que parece mais grosso do que o normal. Podem aparecer também alguns sinais de sangue. Depois, com a evolução da doença, começa a sur-

gir também pus no leite. Na medida em que vai avançando a mastite, o úbere da vaca começa a ficar dolorido e inchado, acontecendo então uma rápida queda na produção do teto ou tetos atingidos. O leite pode ainda ficar ácido e a ordenha difícil. Nos casos mais graves acontece um comprometimento do estado geral da vaca.

A contaminação acontece fundamentalmente por falta de higiene na ordenha. "Tanto", explica Otaliz, "que as vacas de raça de corte,

que dificilmente são ordenhadas, raramente tem mastite". A contaminação pode ainda ocorrer logo após a ordenha, quando o teto não está completamente fechado. Basta a vaca deitar sobre qualquer sujeira, para que os germes penetrem, no seu úbere.

A melhor forma de prevenir a mastite é conservar muito limpo o ambiente da ordenha, assim como lavar bem as mãos do ordenhador, o úbere da vaca e todo equipamento utilizado na ordenha antes de ini-

ciá-la. Este cuidado deve ser repetido a cada vaca que vai ser ordenhada, pois também é ainda muito comum transmitir a mastite de uma vaca para a outra pelas mãos do ordenhador ou pelos utensílios empregados. Para evitar a contaminação após a ordenha deve ser mergulhado os tetos da vaca numa solução de iodo, colocada dentro de um copo ou caneco, ou ainda numa mistura de Q-Boa e água, na proporção de uma parte de produto para 500 de água.

Para evitar que uma mastite já instalada comece a progredir, a recomendação dos veterinários é recolher numa caneca os dois primeiros jatos de leite de cada teto, e ver se ali aparecem alguns coágulos. É a primeira fase da doença que ainda pode ser facilmente curada, com um tratamento específico. É interessante sempre consultar o veterinário. Outro cuidado é deixar para ordenhar por último as vacas que já tiveram mastite ou que apresentam o problema. As novilhas em primeira lactação devem ser as primeiras das quais se tira o leite.



O inchaço no úbere aparece quando a doença já avançou

Aftosa

Um animal babando, com febre e ulcerações como aftas nos cascos ou nas patas, seguramente foi atingido pela febre aftosa. Ela é uma doença provocada por um vírus que é transmitido tanto pelo ar e pela água, como pelo contato direto com animais ou homens provenientes de regiões infestadas. O surto de aftosa, que desde o início do ano começou a ser divulgado na Fronteira, está deixando criadores e autoridades preocupados.

O índice de mortalidade é muito pequeno mas, mesmo assim, os prejuízos são enormes. Devido a propagação violentíssima da aftosa, as propriedades com a doença são interditadas e proibida a comercialização da carne proveniente da região assim como canceladas quaisquer feiras ou exposições de animais. Isto sem contar que num rebanho atingido pela aftosa é grande a perda de peso — pois o animal pára de comer — e o número de abortos sofridos pelas fêmeas.

A prevenção da doença é feita a partir da vacinação periódica — e obrigatória — dos rebanhos. A

cada 4 meses é preciso vacinar todos os animais. A imunidade proporcionada pela vacina — que às vezes também tem sua eficiência discutida — não é de 100 por cento. Isto sem contar que animais mal alimentados e atingidos por outras doenças, ficam mais suscetíveis ao vírus.

Um outro problema é que não é apenas um vírus que transmite a doença. São sete, sendo que 3 deles são os incidentes nos rebanhos brasileiros. E cada um destes vírus ainda é dividido em vários sub-tipos. Desta forma, as vacinas, que normalmente são poli-

valentes, podem não ser eficientes para combater o vírus responsável pelo surto. Neste caso se faz necessária — como aconteceu no surto atual — fabricar uma vacina monovalente, específica para o tipo de vírus que está atuando.

Além da vacinação os veterinários ainda recomendam outras medidas preventivas: como a administração de vitaminas e soros.

É preciso vacinar todos os animais que estejam na propriedade, tanto os bovinos, como os ovinos, suínos, e caprinos, pois todos são atingidos pela doença, mesmo que entre os bovinos exista maior sensibilidade.



A baba é um sinal típico da aftosa

Fasciolose

Esta é outra doença parasitária, provocada neste caso por um trematódio, chamado fascíola hepática e conhecido como baratinha do fígado, pois ataca exatamente o fígado de bovinos e ovinos. Assim como no caso da hidatidose, existe para a fasciolose um hospedeiro intermediário do parasita que, neste caso, é um caramujo. Ele vive em águas paradas, em açudes, represas e barragens.

A fasciolose traz um prejuízo econômico muito grande, já que um fígado atingido pela doença não consegue se recuperar. Ele fica com um aspecto todo fibroso e perde toda sua função, que é de importância fundamental para o perfeito funcionamento do organismo de qualquer animal. A nível de frigorífico perto de 80 por cento dos fígados dos animais ali abatidos diariamente são condenados pela Inspeção Federal. Não podem ser consumidos pelo homem e acabam indo para a graxaria.

A fasciolose pode provocar a morte dos animais. Seus sintomas são geralmente bem visíveis: diarreia escura e mal cheirosa, febre, olhos amarelados (ficam assim pelo problema no fígado) e desidratação. Se diagnosticada a tempo, a fasciolose pode ser tratada com medicamentos específicos.

Uma medida do controle

é eliminar os caramujos, pois se eles não existissem o ciclo da doença ficaria interrompido, pois é apenas por ficarem junto ao caramujo por algum tempo é que eles conseguem atingir os rebanhos. Mesmo sendo a principal maneira de evitar a doença, a eliminação do caramujo é uma prática de difícil execução, principalmente em regiões como a de Dom Pedrito onde a lavoura arrozeira depende diretamente da existência de reservas de água.

A maior infestação, como observa o veterinário Caju da Rosa Freire é em campos baixos, em várzeas, exatamente os locais alagados na época da lavoura de arroz, onde depois da colheita se larga o gado para pastar.

O controle é difícil mas não impossível. A recomendação é que se coloque sulfato de cobre na água de açudes e barragens, pois este produto vai eliminar os caramujos. Um produto porém, é que além dos caramujos os peixes também serão atingidos. Isto sem contar que em grandes barragens é quase impraticável colocar as quantias exigidas de sulfato de cobre.

A melhor prevenção contra a fasciolose, conta outro veterinário, o Vanderlei Tarouco Garcia, é administrar periodicamente vermífugos aos animais, tentando evitar problemas futuros com a doença.

A seleção dos reprodutores



É preocupante o baixo índice de natalidade do rebanho

O baixo índice de natalidade de cordeiros nos estabelecimentos rurais de Dom Pedrito, e de toda região produtora de ovinos no Rio Grande do Sul, é uma preocupação antiga dos técnicos e também pecuaristas envolvidos na atividade. Pois esta preocupação levou o setor de Reprodução da Cotrijuí, na unidade de Dom Pedrito, juntamente com a Secretaria da Agricultura (através de sua Inspeção Zootécnica), a realizar um trabalho de amostragem em vinte propriedades de associados da Cooperativa.

O trabalho iniciou com a seleção zootécnica, sendo eliminado o reprodutor que não estivesse ao nível mínimo do rebanho de cada proprietário. Entre os defeitos mais comuns e de vital importância, foram encontrados: falta de peso de velo, comprimento de mecha, finura fora da característica da raça, prognatismo e defeito de aprumos.

Na segunda etapa do trabalho foi realizado o exame andrológico que é um exame clínico específico do aparelho reprodutor. O exame foi realizado apenas nos reprodutores que foram julgados aptos para procriar, dando um total de 201 animais. Este exame consistiu de palpação dos testículos, abertura do óstio prepucial e exposição do pênis. Depois disto, efetuou-se a coleta de sêmen com eletro-ejaculador ou vagina artificial, analisando imediatamente o sêmen. Nesta análise se observou: aspecto, volume, motilidade, vigor, concentração e pH. Após realizou-se os exames laboratoriais através de esfregaço comum, corado pelo método de "Williams modificado", e microscopia de "Contraste de Fase", com a finalidade de avaliar formas patológicas degenerativas temporárias ou permanentes. Foram obtidos os seguintes resultados:

Nº total de propriedades.....	20
Nº total de animais.....	201
Nº de animais aptos.....	142
Nº de animais não aptos.....	59

Percentagem de defeitos encontrados

Degeneração testicular.....	21,89%
Defeito de acrossoma.....	1,9%
Hipoplasia testicular.....	3,21%
Epididimite.....	1,5%
Hidrocele (líquido no escroto).....	0,5%

De acordo com os resultados obtidos, concluímos que todo o produtor deve realizar o exame de fertilidade de carneiros. Ele deve ser executado no mínimo 60 dias antes do período de monta ou inseminação artificial, para assim tratar aqueles animais com defeitos recuperáveis e eliminar aqueles com defeito permanente, substituindo-os por animais julgados aptos. Dessa maneira, teremos uma maior natalidade de cordeiros e aumento da produtividade da lã, carnes e peles de nossos rebanhos.

Pré-liquidação da lã

O RESTO VEM DEPOIS

A Cooperativa está distribuindo entre os associados um adiantamento acumulado da lã, das safras 79/80. A liquidação final deverá ocorrer depois de comercializada toda produção. No mesmo dia em que se apresentava esta pré-liquidação, durante uma reunião realizada em Dom Pedrito, foi criado um Conselho dos Produtores de Lã. São seus integrantes os associados Alberto Luiz Severo, Abbu Souto Bicca, Urbano Adolfo Freire, Darci Ferreira Maciel e José Pedro Silveira da Fontoura. A função deste conselho é aprofundar as discussões sobre mecânicas de recebimento, remuneração e produção de lã entre os associados da Cotrijuí. Ele se soma aos Conselhos de Produtores de Arroz e de Carne que já estão atuando em Dom Pedrito.

TIPOS	VALOR KG	VALOR ARROBA	TIPOS	VALOR KG	VALOR ARROBA
VELO					
SUPRA MERINA	120,00	1.800,00	C. 2	92,00	1.380,00
AMERINADA	120,00	1.800,00	C. 3	89,00	1.335,00
PRIMA - A	115,00	1.725,00	C. 4	86,00	1.290,00
PRIMA - B	112,00	1.680,00	BOA MERINA	97,00	1.455,00
CRUZA - 1	108,00	1.620,00	AMERINADA	98,00	1.470,00
CRUZA - 2	105,00	1.575,00	P. A.	97,00	1.455,00
CRUZA - 3	102,00	1.530,00	P. B.	93,00	1.395,00
CRUZA - 4	99,00	1.485,00	C. 1	90,00	1.350,00
ESPECIAL MERINA	111,00	1.665,00	C. 2	88,00	1.320,00
AMERINADA	111,00	1.665,00	C. 3	85,00	1.275,00
P. A.	108,00	1.620,00	CORRENTE MERINA	81,00	1.215,00
P. B.	104,00	1.560,00	AMERINADA	85,00	1.275,00
C. I.	101,00	1.515,00	P. A.	87,00	1.305,00
C. 2	98,00	1.470,00	P. B.	86,00	1.290,00
C. 3	94,00	1.410,00	C. 1	86,00	1.290,00
C. 4	92,00	1.380,00	C. 2	86,00	1.290,00
C. 5	91,00	1.365,00	C. 3	83,00	1.240,00
BOA MERINA	103,00	1.545,00	C. 4	81,00	1.215,00
AMERINADA	104,00	1.560,00	CAPACHO MÉDIO	79,00	1.185,00
P. A.	103,00	1.545,00	CAPACHO CRUZA	79,00	1.185,00
P. B.	99,00	1.485,00	CAPACHO FINO	81,00	1.215,00
C. 1	96,00	1.440,00	MANCH. CRUZA	86,00	1.290,00
C. 2	93,00	1.395,00	MANCH. FINO	87,00	1.305,00
C. 3	90,00	1.350,00	MANCH. MÉDIO	86,00	1.290,00
C. 4	88,00	1.320,00	PELEGO	73,00	1.095,00
C. 5	87,00	1.305,00	PRETA	55,00	825,00
CORRENTE MERINA	87,00	1.305,00	CAMPO	52,00	780,00
AMERINADA	90,00	1.350,00	CRIOULA	63,00	945,00
P. A.	93,00	1.395,00	RETOSA COM STE.	52,00	780,00
P. B.	92,00	1.380,00	BOR. CRUZA SUPER	66,00	990,00
C. 1	92,00	1.380,00	BOR. CRUZA ESPECIAL	64,00	960,00
C. 2	92,00	1.380,00	BOR. FINO SUPER	66,00	990,00
C. 3	89,00	1.335,00	BOR. FINO ESPECIAL	67,00	1.005,00
C. 4	86,00	1.290,00	BORREGO COM STE.	65,00	975,00
C. 5	85,00	1.275,00	BARRIGA	46,00	690,00
VELO COM DEFEITO			BARRIGA C/STE.	44,00	660,00
LÃ COM SEMENTE			PATA C/STE.	30,00	450,00
ESPECIAL MERINA	105,00	1.575,00	PONTA QUEIMADA	29,00	435,00
AMERINADA	105,00	1.575,00	PONTA DE MESA LIMPA	42,00	630,00
P. A.	102,00	1.530,00	CAPACHO CRUZA	83,00	1.245,00
P. B.	99,00	1.485,00	CAPACHO FINO	86,00	1.290,00
C. 1	96,00	1.440,00	MANCH. CRUZA	92,00	1.380,00
C. 2	93,00	1.395,00	MANCH. FINA	93,00	1.395,00
C. 3	90,00	1.350,00	PONTA DE MESA	44,00	660,00
C. 4	87,00	1.305,00	MANCH. MÉDIA	92,00	1.380,00
BOA MERINA	98,00	1.470,00	PELEGO 1/2 LÃ	78,00	1.170,00
AMERINADA	99,00	1.485,00	PELEGO 1/4 LÃ	70,00	1.050,00
P. A.	98,00	1.470,00	LÃ PRETA	58,00	870,00
P. B.	94,00	1.410,00	LÃ CAMPO	55,00	825,00
C. 1	91,00	1.365,00	LÃ CRIOULA	67,00	1.005,00
C. 2	89,00	1.335,00	CAPACHO MÉDIA	84,00	1.260,00
C. 3	86,00	1.290,00	RETOSA LIMPA	55,00	825,00
C. 4	83,00	1.245,00	RETOSA C/STE.	53,00	795,00
CORRENTE P. A.	88,00	1.320,00	SARNA	18,00	270,00
P. B.	87,00	1.305,00			
C. 1	87,00	1.305,00	OUTROS TIPOS		
C. 2	87,00	1.305,00	BOR. CRUZA SUPRA	70,00	1.050,00
C. 3	83,00	1.245,00	BOR. CRUZA ESPECIAL	68,00	1.020,00
CAPACHO CRUZA	80,00	1.200,00	BOR. CRUZA BOM	66,00	990,00
CAPACHO MÉDIO	80,00	1.200,00	BOR. C/STE.	65,00	975,00
CAPACHO FINO	82,00	1.230,00	BORREGO PRETO	51,00	765,00
MANCH. CRUZA	87,00	1.305,00	BOR. FINO SUPRA	70,00	1.050,00
MANCH. FINA	89,00	1.335,00	BOR. FINO ESPECIAL	72,00	1.080,00
PELEGO 1/2 LÃ	74,00	1.110,00	BORREGO FINO BOM	62,00	930,00
PONTA DE MESA	49,00	735,00	BARRIGA	49,00	735,00
LÃS ROSADAS			BARRIGA C/STE.	47,00	705,00
ESPECIAL MERINA	104,00	1.560,00	PATA	34,00	510,00
AMERINADA	104,00	1.560,00	PATA C/STE.	32,00	480,00
P. A.	101,00	1.515,00	PONTA QUEIMADA	31,00	465,00
P. B.	98,00	1.470,00	DESCOLE	41,00	615,00
C. 1	95,00	1.425,00	DESCOLE C/STE.	39,00	585,00

POR QUE GERMINAM MAL?

Na primavera do ano passado os produtores enfrentaram sérios problemas com a germinação do milho. Prepararam a terra, adubaram, plantaram as sementes, mas elas não nasceram como se esperava. E o problema não é só com o milho, mesmo que este seja o caso mais constante. Problemas de germinação acontecem todos os anos com sementes forrageiras, especialmente daquelas espécies de sementes pequenas, como a setária, pânico, azevém, trevos e outras, além do milho.

"Normalmente", conta o agrônomo Rivaldo Dhein, coordenador da área de forrageiras da Cotrijuf, "o produtor reclama da cooperativa, argumentando que a semente é de má qualidade, já que apresenta um baixo poder germinativo. Mas observações realizadas, ao longo de vários anos, comprovam que o problema não é da semente em si, mas sim de plantio ou semeadura inadequados, seja por plantio fora de época seja por má incorporação da semente".

Rivaldo garante que a semente comercializada pela Cooperativa obedece aos padrões mínimos de qualidade estabelecidos pela Comissão Estadual de Sementes e Mudas do Rio Grande do Sul (a CESM-RS):

— Isto significa, em outras palavras, que toda a semente é analisada em laboratório antes de ser destinada à comercialização. Ali se analisa a pureza e poder germinativo da semente, condenando-se os lotes que não apresentam os padrões exigidos.

FRIO DEMAIS

Como o milho apresentou sérios problemas, os técnicos se lançaram num estudo para determinar e analisar as possíveis causas da má germinação:

— A primeira conclusão a que se chegou foi de que todo o milho implantado antes do dia 20 de setembro foi prejudicado pelas baixas temperaturas. Pelo que se sabe — e a literatura técnica nos informa disto — o milho necessita, para germinar, de temperaturas mínimas superiores a 15°C, sendo as mais favoráveis aquelas que ficam entre 25 e 30°C.

E as temperaturas do ano passado ficaram normalmente abaixo daquelas exigidas pelo milho, o que explica as baixas germinações ocorridas nos plantios do cedo. Só para ver: entre 25 de agosto e 20 de setembro, as temperaturas máximas diárias só ultrapassaram 25°C no dia 31 de agosto. Isto sem contar que as temperaturas mínimas de cada dia, somente atingiram 15°C em quatro datas (25 e 31 de agosto e 9 e 13 de setembro). Entre os dias 14 e 20 de setembro a temperatura sempre ficou abaixo de 10°C.

É por esta razão que o produ-



Rivaldo: o problema não é da semente

tor deve considerar o período ou época de plantio de sua pastagem, tentando assim diminuir os riscos de ver o milho não germinar. Plantar antes do final do setembro se mostra bastante arriscado. Pelo menos foi assim no ano passado. Este ano ninguém pode garantir como vai se comportar o tempo, mas sempre é interessante evitar o risco de frio demais para o milho, o que vai impedir a boa germinação da semente. A época de plantio, por sinal, como recorda o Rivaldo, deve

ser observada para cada espécie forrageira.

INCORPORAÇÃO

Outro problema que ocorre com frequência no plantio especialmente das forrageiras que são de semente pequena, é a má incorporação da semente no solo. A incorporação não pode ser muito profunda pois assim as sementes não têm força para emergir até a superfície. Conta o Rivaldo:

— Embora o Departamento Técnico venha alertando neste sentido grande número de associados continua semeando forrageiras de sementes pequenas, incorporando-as com a grade, o que não é recomendado. Em situações normais, com condições de tempo favoráveis, o uso da grade poderá ser satisfatório, bem como a germinação. Mas se acontecerem chuvas pesadas, provocando a formação de uma crosta compactada na superfície do solo, dificilmente as sementes germinarão. Elas ficam sem forças, pois devido à profundidade em que foram incorporadas, precisam perfurar, em primeiro lugar, a camada de solo de-

positada sobre elas e ainda a crosta na superfície.

A recomendação é que estas sementes sejam semeadas superficialmente, passando depois com um rolo compactador sobre a lavoura. Este rolo não enterrará a semente, mas apenas a deixará comprimida contra o solo. Fala Rivaldo:

— O rolo vai promover um melhor contato entre o solo e a semente, o que é o suficiente para a boa germinação, melhorando o aproveitamento da umidade. Isto ficou mais uma vez comprovado com observações feitas também com o milho semeado na primavera passada. Sementes do mesmo lote não "nasceram" quando incorporadas com a grade, mas "nasceram" satisfatoriamente quando foi usado o rolo compactador. Da mesma forma, em algumas lavouras onde o milho no geral nascera mal, nos trilhos deixados pelo rodado do trator, a germinação foi satisfatória. Isto realmente comprova que o melhor contato entre a semente e o solo, bem como a redução da espessura da camada de solo sobre a semente, favorecem a germinação.

O rolo sem mistérios

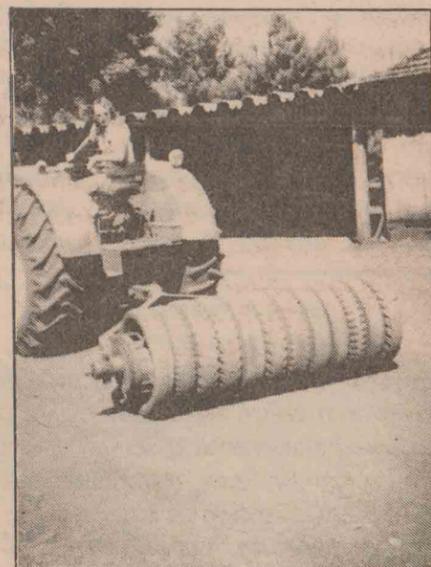
A cooperativa dispõe de um rolo compactador que tem sido "emprestado" aos associados que se interessam em experimentar a eficiência deste método na incorporação de sementes de forrageiras. Mas, atualmente, como o número de interessados no plantio de forrageiras cresce dia a dia, está praticamente impossível atender todo mundo.

O custo de aquisição de um rolo compactador é bastante elevado e, em função de sua utilização ser apenas eventual, realmente não compensa gastar uma alta soma de dinheiro comprando este equipamento. O que se sugere, como conta o Rivaldo, é que os próprios produtores fabriquem na propriedade o seu rolo. E isto é relativamente fácil e barato. Com materiais na maioria das vezes existentes na propriedade — pneus velhos, toras de eucalipto, tábuas, algumas peças de implemento fora de uso, etc — é possível fabricar um rolo de baixo custo e que pode realizar um trabalho plenamente satisfatório.

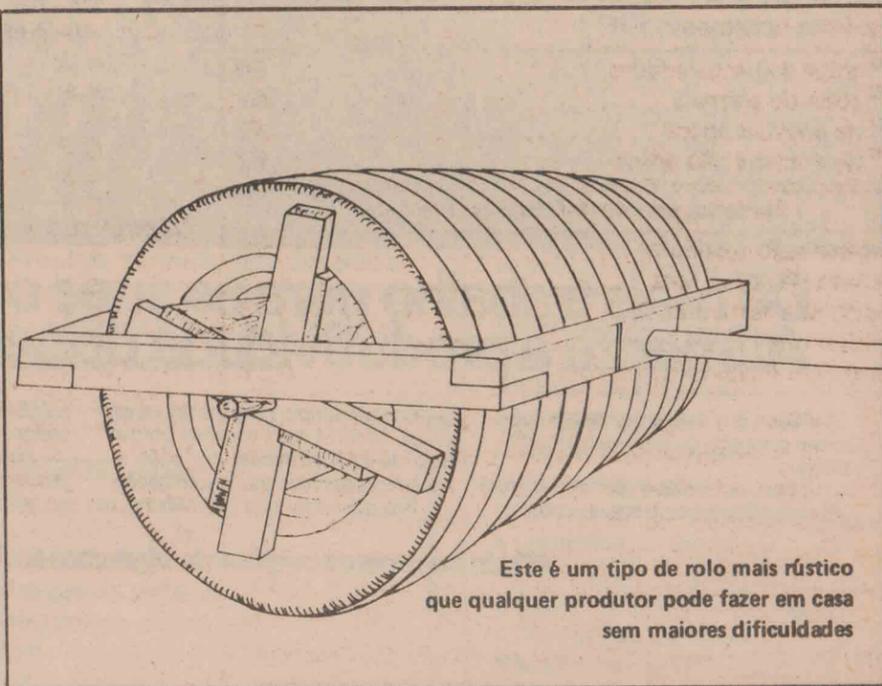
Muitos produtores já fabricaram o seu rolo, como é o caso do seu Alfredo Driemeyer, de Augusto Pestana. Ele usou para fazer o seu rolo 12 pneus usados, que envolvem uma tora de eucalipto, com diâmetro correspondente ao diâmetro interno dos pneus e um conjunto

de lança e mancais de uma grade velha, o que permite o engate e o ajuste do conjunto por trator. Estes mancais ficam fixos às extremidades da tora de eucalipto. Segundo o seu Driemeyer, o rolo caseiro tem sido usado com sucesso, realizando com eficiência o trabalho de incorporação da semente.

Um outro tipo de rolo rústico é fabricado somente com madeira e pneus velhos. A sustentação dos pneus é feita por tábuas, pregadas nas cruzes, conforme mostra o desenho.



O rolo fabricado por seu Driemeyer



Este é um tipo de rolo mais rústico que qualquer produtor pode fazer em casa sem maiores dificuldades

AFTOSA PREJUDICOU A FEIRA DO TERNEIRO

O surto de febre aftosa que atingiu os rebanhos em várias regiões do estado do Rio Grande do Sul, provocou o adiamento da realização de várias etapas da Feira do Terneiro, inclusive a de Ijuí, prevista para os primeiros dias do mês de junho. Porém, pouco mais de um mês após a data inicialmente prevista, foi realizada em Ijuí esta promoção da Secretaria da Agricultura, que contou com a colaboração da Cotrijuf e da Prefeitura Municipal. Mesmo assim o surto de aftosa teve reflexos na Feira: dos 3.150 animais inscritos, apenas foram colocados à venda 1.354 terneiros.

Em termos de vendas, a Feira de Ijuí alcançou resultados altamente expressivos: todos animais participantes foram arrematados, proporcionando negócios no valor total de 21 milhões 169 mil e 900 cruzeiros. O lote — cada um de 25 terneiros — de menor preço foi arrematado pelo valor de Cr\$ 11 mil por animal. O preço

mais alto por animal chegou aos Cr\$ 25.500,00, totalizando Cr\$ 637.500,00 por todo lote.

Tanto nesta feira, como na do ano passado, o proprietário do melhor lote era o criador Vercílio Moraes, de Cruz Alta. Quem arrematou seus animais este ano foi Edson Krüger, de Santo Augusto. Cada terneiro atingiu o peso médio de 229 quilos, o que corresponde, em razão do valor total do lote, o preço de Cr\$ 111,35 o quilo do peso vivo. O preço que os pecuaristas recebem pelo peso vivo nos animais abatidos estava em Cr\$ 92,00 na data de realização da Feira.

Criadores de Itaqui, Uruguaiana, Quaraí, Alegrete, Santiago, Santo Antonio das Missões, Cruz Alta, Cachoeira do Sul e Ijuí trouxeram os 1.354 terneiros para a Feira em sua etapa de Ijuí. Estes terneiros alcançaram as médias de 183,64 quilos de peso e Cr\$ 15.635,00 de valor por animal. O valor do peso vivo chegou a Cr\$ 85,14.



1.354 terneiros foram colocados à venda



Dê mais trabalho para as suas colheitadeiras. Aumente a produtividade do seu trigal com Afidrin.

Afidrin é o melhor inseticida que existe contra os pulgões que atacam o trigo.

E também o mais econômico: com apenas 400ml por hectare, você

garante um amplo controle sobre esta praga. Afidrin é mais eficiente porque atua de três maneiras: por ação sistêmica, por contato e fumigação. Isto quer dizer que, com Afidrin, os

pulgões localizados nas folhas e nas espigas serão amplamente controlados.

Aplique Afidrin e obtenha maior produtividade da sua lavoura de trigo ao menor custo possível.

Afidrin controla os pulgões do trigo com o menor custo por hectare.



Novo ITR preocupa os produtores

O Sindicato Rural de Ijuí enviou uma correspondência ao ministro da Agricultura, Ângelo Amaury Stábile, onde mostra a preocupação dos empregadores rurais com a nova sistemática de cálculo para o Imposto Territorial Rural. Os produtores temem que a nova regulamentação do ITR apresente reflexos negativos, especialmente nesta região. A correspondência, assinada por Reinholdo Luiz Komers, presidente do SR, tem o seguinte teor:

O Sindicato Rural de Ijuí, entidade classista patronal com sede à rua do Comércio nº 564, nesta cidade, vem a honrosa presença de V. Exa. expor e requerer o seguinte:

1º) Esta região, nos últimos anos, tem apresentado baixa produtividade agrícola, em virtude de fatores climáticos adversos.

2º) Os nossos produtores rurais empregam as mais modernas técnicas nos tratos culturais;

3º) Com vistas ao que dispõe o Decreto nº 84.685, de 06 de maio de 1980, e legislação complementar que regulamenta as modificações no cálculo do Imposto Territorial Rural (ITR), e ainda, devido à nova sistemática tributária, há grande preocupação nos meios rurais, porque a nossa produtividade está aquém das mínimas exigidas e divulgadas pelo INCRA e, essa disparidade, ocasionará significativo aumento do ITR, exatamente quando a classe rurícola vem de consecutivas frustrações e enfrentando, por isso mesmo, graves problemas financeiros.

Com vistas ao acima exposto, requer a V. Exa., com fundamento no citado decreto se digne fixar em 45% o percentual de redução do grau de eficiência da exploração, para o presente exercício.

SABÃO PODE SER VENENO

Por que gastar em detergentes e sabões sintéticos se o sabão de pedra é muito mais barato e ainda por cima menos prejudicial ao meio ambiente? Pois esta agora é uma campanha da Ação Democrática Feminina Gaúcha, um grupo de mulheres que defende a natureza e denuncia a destruição do meio ambiente. Elas declaram guerra aos chamados "detergentes duros", aqueles sabões em pó que prometem uma brancura total, os líquidos para lavar louça, vidros, etc, todos produtos sintéticos que poluem as águas e até mesmo podem prejudicar a saúde. Quem é que não sabe de algum caso de alergia nas mãos em mulheres que lidam com detergentes? Aqui, num artigo da Ação Democrática Feminina Gaúcha, chamada de ADFG, é feito um alerta a respeito dos produtos de limpeza que se usa em casa.

A mulher, como dona de casa, tem uma atuação muito grande na aquisição de artigos essenciais para a sua família. Ela compra alimentos, produtos de limpeza, eletrodomésticos e até mesmo roupas.

Neste sentido gostaríamos de alertá-la quanto aos produtos de limpeza que deve usar em sua casa. Estes produtos são encontrados em duas qualidades:

1) Produtos de origem natural, com matéria prima encontrada na natureza, como o sebo animal e o óleo vegetal, os sabões comuns de pedra, côco e glicerina. Eles limpam perfeitamente a roupa, o assoalho, as janelas, etc, e tem preço muito

mais barato — praticamente a metade dos outros produtos — representando uma economia muito boa no orçamento doméstico. E, ainda, estes produtos de origem natural não poluem as nossas águas e não prejudicam a Natureza, pois são reabsorvidos totalmente.

2) Produtos sintéticos, feitos à base de produtos químicos e que existem em dois tipos:

a) os produtos sintéticos, chamados "detergentes duros", que compreendem quase todos os sabões em pó, líquidos de toda a espécie para a limpeza de vidros, pisos, janelas, roupas, etc, que são matérias plásticas, e assim não



se dissolvem na água, formando montanhas de espuma, como aconteceu no rio Tietê em São Paulo (fato apresentado na TV há mais ou menos 3 anos). Isto mata toda a vida em nossos rios, tanto das plantas como dos peixes.

b) os produtos sintéticos rotulados como "biodegradáveis" que se dissolvem na água, mas podem formar partículas venenosas que também prejudicam e matam a vida nas águas.

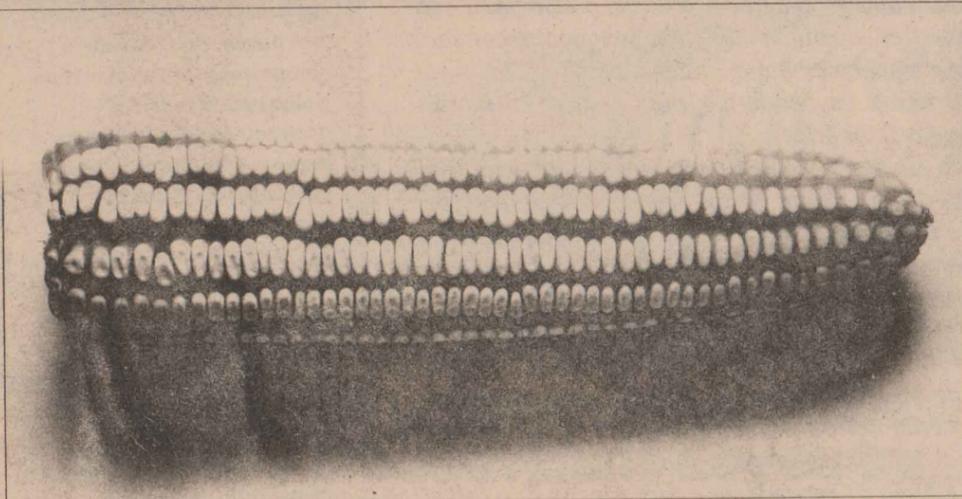
Defrontamo-nos atualmente, em todo Rio Grande do Sul, com o problema muito grave de rios praticamente sem condições para a sobrevivência de peixes e micro-organismos. E a água que usamos para beber, em nossa cozinha e para tomar banho, está cada vez mais di-

fícil de preservar.

Recomendamos para a nossa proteção e para a proteção de nossos rios, o uso de produtos naturais de limpeza doméstica, de sabões comuns de pedra, côco e glicerina, que se dissolvem completamente na água e são aceitos pela Natureza, não causando prejuízo de nenhuma forma.

Pela lei 79.094, que entra em vigor em 5 de janeiro de 1981, ficaram totalmente proibidos a produção, comercialização e importação dos detergentes chamados "duros". O Governo Federal já reconheceu o perigo que representam para nosso Meio Ambiente, decretando esta lei. Precisamos agora ficar atentos a este prazo para que realmente seja executada fielmente a lei em questão.

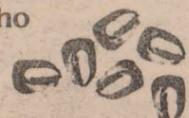
Semente Cargill é segurança.



Para que correr riscos? Plante as sementes de milho híbrido Cargill. Elas garantem maior poder de germinação. Dão plantas vigorosas, mais resistentes a moléstias e à seca. Cargill tem tradição

de alta produção. Cargill é a semente para quem quer ganhar sempre. E quem não quer?

Sementes de milho

Cargill 
Campeãs de produtividade.

Receitas caseiras

Dá para fazer em casa mesmo um sabão especial e só de produtos naturais. É o sabão de abacate que limpa mesmo prá ninguém botar defeito. Junto com esta receita aprenda ainda fazer um shampoo caseiro. As gotas de perfume que se recomenda acrescentar são para tirar um pouco o forte cheiro de ovo e também deixar seus cabelos com o cheirinho de sua preferência.

SABÃO DE ABACATE

Ingredientes: 10 quilos de abacate maduros, 1 quilo de sebo, 700 gramas de soda.

Modo de fazer: Derreter o sebo e, quando morno, juntar a massa de abacate. Acrescentar a soda. Agitar a mistura com uma pá de madeira. Despejar em caixas, forradas com papel impermeável. Deixar de 8 a 10 horas. Cortar em pedaços não muito grandes.

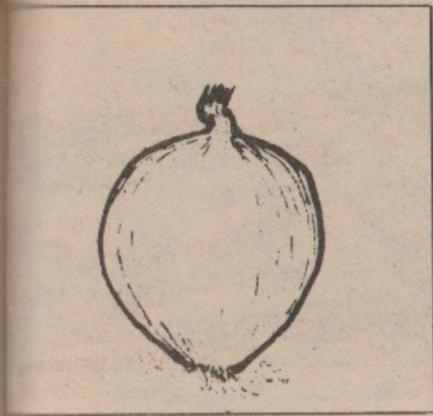
SHAMPOO

Ingredientes: 1 xícara de sobras de sabonete ou sabão de côco, 1 e meia xícara de água fervida, 4 colheres de caldo de limão, 1 colher de sopa de azeite de oliva ou glicerina, 1 gema de ovo, algumas gotas de perfume.

Modo de fazer: Ralar o sabonete. Levar ao fogo com meia xícara de água fervida. Deixar derreter. Retirar do fogo. Juntar o resto da água e o caldo de limão. Deixar esfriar. Juntar a gema, batendo bem. Misturar a glicerina ou o azeite de oliva. Acrescentar um pouco de perfume. Guardar em vidros fechados.

HORTA DO MÊS

diretamente ligados à produção dos bulbos e sua capacidade de conservação na armazenagem.



CEBOLA

As lavouras de cebolas deste ano, estão com um excelente desenvolvimento, em consequência do tempo que tem sido bastante favorável. Outro fator que está contribuindo com o bom desenvolvimento da cebola é a qualidade da semente.

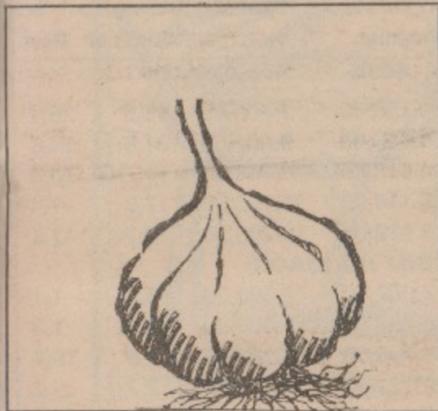
A época agora é para o transplante das mudas. Grande parte das lavouras que já foram implantadas estão apresentando um bom índice de pegamento. A aplicação de uréia em cobertura, na proporção de 40 quilos por hectare pode ser efetuada nesta época que propiciará um desenvolvimento bem mais rápido para a planta.



BATATA

Os produtores que estiverem interessados em cultivar batatas, mesmo para consumo familiar, devem se prevenir com a compra de sementes. É bom observar que as sementes, deste ano estão com preço elevado e não são de boa qualidade, em consequência da grande valorização do produto no comércio, que fez com que muita semente fosse comercializada para o consumo.

O plantio da batata normalmente é efetuado em fins de agosto. Para fazer o plantio é necessário que o tubérculo esteja brotado, o que pode ocorrer em condições naturais. Se não ocorrer, poderá ser forçado o brotamento com a utilização de produtos específicos, de acordo com a recomendação dos Departamentos Técnicos.



ALHO

Em diversas lavouras de alho tem-se verificado o surgimento de fungos junto ao dente (semente). Esse fungo apresenta uma coloração esverdeada e a planta na parte aérea fica com muito pouco vigor. Aos poucos vai definhando, até que acaba morrendo. Esta moléstia não tem controle depois de seu surgimento. Na verdade a incidência desse fungo está em parte ligada a variedade em cultivo. Ele tem aparecido mais especificamente nas variedades Centenário e Amarante e em menor escala nas variedades do grupo gaúcho.

Nas lavouras que até a esta altura estiveram apresentando um bom desenvolvimento, não deve, de maneira alguma, ser aplicado nitrogênio, seja em forma de uréia ou adubo foliar. A aplicação do nitrogênio provocará um crescimento excessivo da parte foliar e prejudicará a formação dos bulbos. Em relação a outras aplicações, o uso do Boro, Magnésio e Zinco são importantes, pois estes elementos estão



HORTALIÇAS DIVERSAS

O desenvolvimento das hortaliças de inverno continua satisfatório, tendo sido um pouco prejudicado pelas geadas. Os dias quentes e ensolarados tem proporcionado uma boa recuperação.

O cultivo das espécies de inverno e variedades para este ano ainda pode ser efetuada, porque normalmente o frio se estende até o mês de setembro. Nestas condições, com bastante frio, as variedades de inverno se desenvolvem muito bem.

A partir do próximo mês, agosto, a maior parte das hortaliças a serem plantadas deverão ser de variedades adequadas ao período quente.

Recados

Quem estiver interessado no plantio de erva-mate e eucalipto, poderá procurar mudas destas espécies em todas as unidades da Cotrijuf na Região Pioneira. É bom lembrar que estamos num período adequado para o plantio da erva-mate, proporcionando um excelente desenvolvimento da planta.

As pessoas que têm um pomar doméstico e desejam obter uma produção de melhor qualidade devem ficar atentas para esta época, que é a ideal para a poda das árvores. Esta poda deve ser feita de acordo com orientação técnica, para que a árvore não seja prejudicada. Os interessados poderão obter maiores informações e orientação junto ao Departamento Técnico de sua unidade.

O adubo está mais caro. O Conselho Interministerial de Preços aprovou um aumento médio de 20 por cento, estabelecendo os novos preços no seguinte nível: Cr\$ 494,00 para o ponto de N (Nitrogênio), Cr\$ 517,00 para o P (Fósforo) e Cr\$ 275,00 para o K (Potássio). A mistura passa de Cr\$ 907,00 para Cr\$ 1.105,00.

Uma boa oportunidade de observar o que está sendo feito na produção pecuária em alguns países do mundo será durante a 5ª Expointer (Exposição Internacional de Animais do Rio Grande do Sul). A Exposição acontece de 27 de

agosto a 7 de setembro deste ano, no Parque Assis Brasil, em Esteio.

PECUÁRIA LEITEIRA

Realizar-se-á nos dias 29, 30 e 31 de julho de 1980, mais uma exposição de gado leiteiro em Ijuí, tendo como local o Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil - BR-285/Km 334. O recebimento dos animais será nos dias 26 e 27 de julho. A Cotrijuf, através de seu Departamento Agrotécnico estará colaborando com mais uma promoção do gênero.

CONTABILIDADE AGRÍCOLA

Estiveram reunidos no dia 15/07/80 na Afucotri, o Depto. Agrotécnico da Cotrijuf e o Ceca (Centro de Ciências Agrárias) da Fidene, para avaliarem e definirem o desenvolvimento do Projeto de Contabilidade Agrícola (Cotri-Ceca) no segundo semestre deste ano. Ficou acertado que a partir desta reunião o Depto. Agrotécnico da Cotrijuf assume a fase de registros a nível de propriedade, sendo que para isto, o produtor que estiver fazendo contabilidade agrícola será visitado e orientado pelo técnico de sua região. O Ceca continuará responsável pelas fases de análise econômica e planejamento das propriedades, juntamente com o Depto. Agrotécnico da Cotrijuf.



BEM-AVENTURADOS OS QUE ACREDITAM NA TERRA

Os que permanecem no campo merecem tudo de nós: reconhecimento, amizade, apoio, atenção. Os que moram no campo também têm direito a escolas para os filhos, assistência técnica, médica e odontológica, lazer e oportunidades de progresso. Porque os que trabalham no campo abastecem os grandes centros, garantindo alimento em nossas mesas e divisas para toda a nação.

Homenagem da



— Dia do Colono —

Herbicida, fungicida, inseticida, carrapaticida ...
Tudo isto é veneno, alguns mais fortes, outros mais fracos.
Mas todos são tóxicos, para o homem e para o meio ambiente.
Antes de aplicar qualquer um deles, vá conversar com um técnico.
Ele pode ajudá-lo a não envenenar tanto este mundo.

O NOVO CUSTEIO

"Custeio seletivo" é como está sendo chamado o novo sistema de concessão dos Valores Básicos de Custeio para as safras de verão. Quanto ao espírito do sistema ninguém reclama. Os produtores só não ficaram satisfeitos com os valores fixados.

Nenhum produtor de soja receberá 100 por cento dos Valores Básicos de Custeio para esta cultura. Independente de sua classificação — mini, pequeno, médio ou grande, de acordo com a receita bruta obtida com a produção do ano passado — os sojicultores receberão apenas 80 por cento dos Valores estabelecidos pelo Governo. Já no caso do feijão, todos receberão financiamento integral, passando a existir diferença entre pequeno e grande produtor em todas as demais culturas (arroz, milho, algodão, etc). Quem obteve renda bruta superior a Cr\$ 5 milhões no ano passado — ou 2.000 MVR, que é o Maior Valor de Referência — só terá direito também a 80 por cento do VBC destinado à cultura.

A idéia inicial para o estabelecimento dos VBC da safra 80/81 era conceder financiamento integral para todos os produtos, exceto a soja, que seria limitado em 80 por cento "porque é uma cultura que tem dado bom lucro ao agricultor e ele pode tranquilamente desembolsar 20 por cento dos gastos do plantio", como justificou recentemente o ministro da Agricultura, Angelo Amaury Stábile.

ESPERANDO RETORNO

No final das contas acabou prevalecendo a idéia efetivamente adotada de diferenciar através do crédito os grandes e os pequenos agricultores. Houve quem saudasse a nova sistemática, pelo menos no aspecto financeiro, como "um novo modelo agrícola" pois pelo sistema adotado ultimamente só os grandes produtores vinham se beneficiando dos financiamentos. Outra coisa lembrada, como se comentava antes e depois do anúncio das alterações, é que se o governo liberasse financiamentos totais de plantio para todos os produtos — mesmo deixando de fora a soja — haveria a repetição do que aconteceu por muitos e muitos anos: os grandes plantadores de arroz, milho, algodão e outros produtos, tanto de exportação como de consumo interno, é quem realmente iriam se aproveitar do dinheiro.

Uma fonte categorizada em Brasília, segundo conta o jornal Gazeta Mercantil, teria afirmado o seguinte: "Se o crédito rural foi mais farto para os grandes produtores e eles não deram o retorno esperado, então vamos agora esperar que isto aconteça dando prioridade financeira aos pequenos e médios".

VALORES NÃO AGRADARAM

Mudando ou não o sistema, na verdade os valores fixados para o custeio não agradaram. A primeira ressalva feita foi em relação exatamente ao caso da soja. E

não pela limitação do crédito para esta cultura, — pois isto já existia — mas sim pelas faixas de custeio definidas. Um cálculo de Cooperativas gaúchas, catarinenses, paulistas, paranaenses e matogrossenses determinou que o VBC não poderia ser inferior a Cr\$ 15.957,72. Oras, a faixa onde serão incluídos a maioria dos produtores, prevê um VBC de Cr\$ 11.100,00. Só que o produtor não receberá este valor integral, mas sim 80 por cento dele, ou Cr\$ 8.880,00. Entre o valor necessário para preparar a lavoura e o financiamento a que terá direito, o produtor será forçado a desembolsar muito mais do que 20 por cento do custo da lavoura. Ele desembolsará quase a metade.

O que se pode temer com esta situação é que no lugar de existir uma redução na área de plantio de soja na próxima safra, aconteça uma queda grande na produtividade, pois o produtor não terá condições de investir na lavoura para empregar insumos e fertilizantes. A produção da safra passada não foi boa para todo mundo. Muitos produtores ainda não conseguiram se recuperar de frustrações gerais da soja, fora as frustrações de trigo que aconteceram nos últimos anos.

CRESCIMENTO NEGATIVO

Não são apenas os sojicultores que se mostram descontentes com os valores fixados. Os plantadores de arroz, por exemplo, receberão um aumento quase que insignificante para a formação da lavoura. Mesmo que em números absolutos (comparando os custeios do ano passado com os próximos) o aumento tenha ficado em volta de 100 por cento, a inflação está pesando bastante. Tanto que o aumento real no VBC para o arroz irrigado cresceu pouco mais de 1 por cento nas faixas de produtividade que alcançam até 3.400 quilos por hectare. No arroz do sequeiro a situação ainda é mais difícil, pois o aumento real nem existe. Comparando com os do ano passado e a taxa de inflação, o crescimento do VBC é negativo.

Para o milho as Cooperativas pediram um VBC de Cr\$ 16.921,55 para uma faixa de produtividade de até 3.000 quilos por hectare. Pelo VBC oficial os produtores receberão apenas Cr\$ 10 mil, o que representa um aumento real de apenas 16,7 por cento.

No caso do feijão a tentativa é incluir os produtores nas duas últimas faixas (veja no quadro), onde o VBC será de Cr\$ 11.300,00 e Cr\$ 13.200,00, num aumento real pouco superior a 20 por cento em relação ao do ano passado. O pedido das Cooperativas para o feijão era de Cr\$ 15.360,24.



Na soja o custeio cobre apenas a metade do gasto na lavoura



No milho o aumento real foi de apenas 16,7 por cento

Faixa de produtividade (Kg/ha)	1979/80 (média)	1980/81	Aumento Nominal	% Real
SOJA				
Até 1.250	3.136,00	7.700,00	145,5	26,1
1.251 a 1.500	3.888,00	9.000,00	131,5	18,8
1.501 a 1.750	4.518,00	9.700,00	114,7	10,3
1.751 a 2.000	5.116,00	11.100,00	117,0	11,4
Acima de 2.000	5.629,00	12.200,00	116,7	11,3
ARROZ IRRIGADO				
Até 2.800	8.082,00	16.000,00	98,0	1,7
2.801 a 3.400	9.353,00	18.000,00	97,1	1,3
3.401 a 4.000	10.748,00	23.100,00	114,9	10,4
Acima de 4.000	12.129,00	25.800,00	112,7	9,2
ARROZ SEQUEIRO				
Até 1.000	3.064,00	5.300,00	73,0	-11,2
1.001 a 1.600	4.187,00	7.000,00	67,2	-14,1
Acima de 1.600	6.016,00	10.500,00	74,5	-10,4
MILHO				
Até 900	1.847,00	3.300,00	78,7	-8,2
901 a 1.300	2.292,00	5.200,00	126,9	16,5
1.301 a 1.700	2.939,00	6.000,00	104,1	4,9
1.701 a 2.100	3.464,00	7.300,00	110,7	8,2
2.101 a 2.500	3.954,00	8.600,00	117,5	11,7
2.501 a 3.000	4.402,00	10.000,00	127,2	16,7
3.001 a 3.500	4.906,00	11.500,00	134,4	20,4
Acima de 3.500	-	13.400,00	-	-
FEIJÃO				
Até 400	-	3.500,00	-	-
401 a 600	-	8.000,00	-	-
601 a 800	4.328,00	9.400,00	117,2	11,6
801 a 1.000	4.614,00	11.300,00	144,9	25,6
Acima de 1.000	5.526,00	13.200,00	138,9	22,7
ALGODÃO				
Até 1.000	7.977,00	16.400,00	105,6	5,6
1.001 a 1.200	9.885,00	18.700,00	89,2	-2,8
1.201 a 1.400	11.270,00	23.200,00	105,9	5,7
1.401 a 1.600	12.640,00	26.100,00	106,5	6,0
1.601 a 1.800	13.988,00	29.700,00	112,3	9,0
Acima de 1.800	15.698,00	32.800,00	108,9	7,3
AMENDOIM				
Até 1.400	5.650,00	9.200,00	62,8	16,4
1.401 a 2.300	7.299,00	15.700,00	115,1	10,5
Acima de 2.300	9.712,00	18.900,00	94,6	-0,1
SORGO				
Até 2.000	2.890,00	5.100,00	76,5	-9,4
2.001 a 3.000	3.844,00	8.500,00	121,1	13,6
Acima de 3.000	4.422,00	9.600,00	117,1	11,5

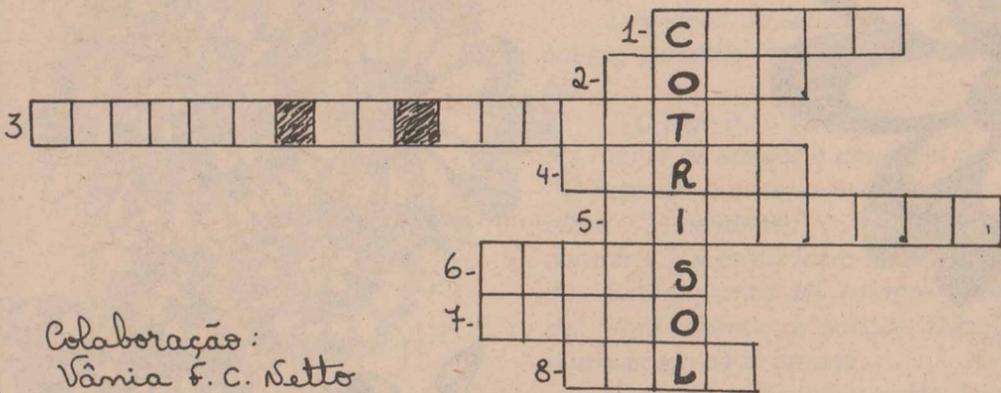


SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Vamos fazer palavras cruzadas?

- 1- Cai de pé e corre deitada.
- 2- É comprido como laço, redondo como pe-neira.
- 3- Quem compra não usa, quem usa não vê, quem vê não quer usar.
- 4- Caminha mas não tem perna, fala mas não tem boca.
- 5- Tem oito letras, tira quatro fica si-to.
- 6- São altas janelas que abrem e fecham sem ninguém tocar nelas.
- 7- Tem pé redondo e rastro comprido.
- 8- Tem bico mas não come, tem asa mas não voa.



Colaborações:
Vânia F. C. Netto

Alô, amiguinhos! É um prazer estar com vocês novamente. Esperamos que tenham gostado do COTRISOL de junho. Neste mês, em que vocês estão de férias, procuramos trazer várias brincadeiras, passatempos, historinhas para vocês se divertirem. Também há algumas sugestões de atividades, que podem ser aproveitadas na escola. Mostrem para a professora, quando voltarem às aulas. Uma coisa que nós deixamos muito contentes, são as colaborações que estamos recebendo de vocês. Chegaram várias cartinhas contendo sugestões, histórias e passatempos. Algumas já estão neste número; outras sairão proximamente. Agradecemos à: Rosane Arenhardt (A. Pestana); Vânia F. C. Netto (A. Pestana); Renate Maria Weiler (A. Pestana); Cleonice Dalalana (Itaí) e dos alunos da professora Nelcy Côrtes Reinke, da Escola Municipal Tiradentes, de Bom Retiro - Ajuricaba. Gostamos muito de receber suas cartinhas e continuamos esperando novas colaborações. Escrevam!

Respostas do número anterior

Palavras cruzadas:

- ▲ - machado
- - furos
- - sol
- ♥ - fotografia
- ★ - defunto
- ⊕ - amizade
- ☑ - veruma

Adivinhações:

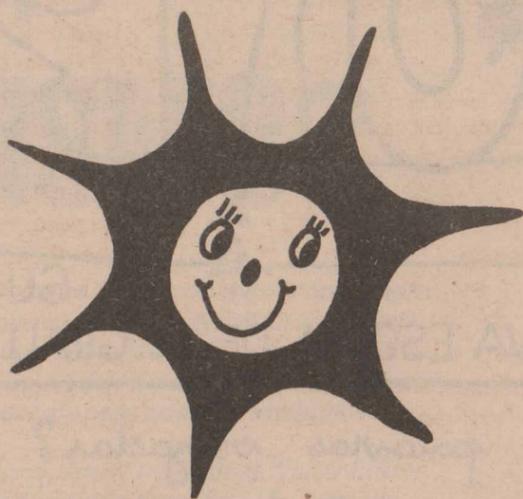
- 1- a porta
- 2- javali
- 3- para as calças não caírem
- 4- livro
- 5- com perigo de vida
- 6- duas luzes
- 7- a letra m
- 8- no nome
- 9- "Estás dormindo?"



O JOGO DO CONTRÁRIO

Quem for curioso e quiser saber o que é o jogo do contrário, venha conhecer Manequinho. Ele é um menino que sabe que as coisas são como são, mas que também podiam ser do contrário. Se de dia é claro e de noite é escuro, será que o que é assim de dia de noite não será do contrário? Pensando desse jeito Manequinho tudo faz igualzinho a todo o mundo. Mas em tudo o que faz só ele é quem vai vendo o contrário acontecendo. De manhã bem cedinho, comendo um restinho de pão, Manequinho vai andando com os livros da escola na mão. A escola está pertinho, um pouco correndo, um pouco andando, Manequinho vai pensando: "Se de dia é claro e de noite é escuro, Se a escola é assim de dia, de noite será do contrário?"

Na escola do contrário os alunos vão chegando. Já está quase na hora, todos já estão entrando. O sinal já vai bater, sentados nas carteiras ouvem a professora dizer: — Vamos começar a aula que está na hora de brincar, até a hora do recreio não quero ver ninguém estudar! Assim Manequinho acha que é a escola do contrário: em vez de estudar todos têm é que brincar. Aritmética, Linguagem, Geografia e Ciências, só na hora do recreio: durante o tempo da aula só brincar de cabra-cega, de corda e de pega-pega. Voltando da escola, Manequinho vai almoçar, mas a comida atrasa, e ele começa a fazer a brincadeira de casa.



A comida ficou pronta está na hora de almoçar. Manequinho está comendo mas não deixa de pensar: "Se de dia é claro e de noite é escuro, se de dia comer é assim, de noite será do contrário?" De dia a gente almoça porque está na hora. De noite só come quem está com muita fome. No almoço do contrário todos têm que comer doces, cremes e chocolates; só no fim é que vai ter um bife malpassado. Mas só quem tomou o refresco pode comer sobremesa; quem não bebeu tudo, vai ter que sair da mesa. O almoço já terminou. Manequinho vai passear, andando na calçada ele começa a pensar:

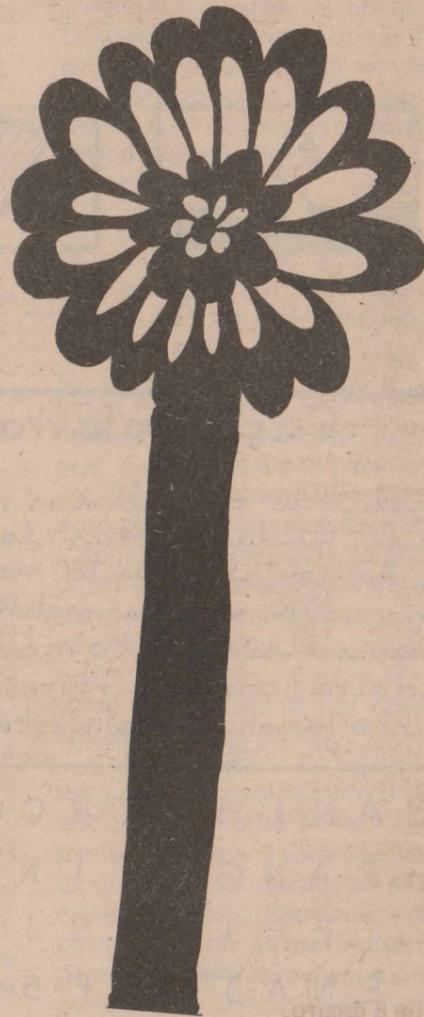


"Se de dia é claro e de noite é escuro de dia o Zoológico é assim de noite deve ser do contrário".

No Zoológico do contrário os bichos estão passeando, as pessoas que entram coisas gozadas vão vendo. Bem no meio do caminho a gente vai encontrar um elefante preocupado porque está muito magrinho. Parado no meio da grama, uma zebra sozinha está tentando abotoar seu pijama de bolinha. E lá mais adiante coisa incrível de se olhar: um camelo ensinando um pato a nadar. Mas o pato está de bóia com medo de se afogar. E no Zoológico do contrário quem não comer espiga, sorvete e pirulito vai ficar com dor de barriga. Um bicho preguiça, dançando com animação, faz uma cobra espantada levar um escorregão. No Zoológico do contrário, é muito natural ver peixinho fora d'água tomando banho de sol.

Bem no meio do caminho uma girafa está descendo, para poder ver melhor duas tartarugas correndo. No meio disto tudo, embaixo d'água corrente, um pato muito tranqüilo está escovando o dente. Já acabou o passeio. Manequinho está voltando, e no meio do caminho, ele passa bem pertinho do cinema. Um pouco correndo, um pouco andando, Manequinho vai pensando: **"Se de dia é claro e de noite é escuro, se o cinema é assim de dia, de noite será do contrário?"** No cinema do contrário o preço é um sorriso, e ainda vem de troco um chocolate bem gostoso. Para ir neste cinema tem que ser criança. Gente grande só entra em filme muito sem graça. No filme do contrário tem muito bicho e canção. As crianças entendem tudo, mas gente grande precisa de muita explicação. No caminho para casa Manequinho vai pensando:

se de noite no escuro também as pessoas são do contrário. Deve cansar muito ser sempre igualzinho, todos devem mudar nem que seja um pouquinho. Quem de dia no claro não acha nada gozado, de noite no escuro deve achar tudo engraçado. Quem de dia no claro está sempre apressado, de noite no escuro deve ficar bem sossegado. Quem de dia no claro fica sempre emburrado, de noite no escuro deve ficar muito animado. Quem de dia tem certeza que tudo o que faz é correto, de noite deve achar que o amigo é que está certo. **Se de dia que é claro a gente pensa no que passou, de noite no escuro se tem . . . saudades do futuro.**



Sugestões de atividades que você e seus amigos poderão fazer a partir da história que leu:

— O jogo do contrário — consiste no seguinte: Reúna os amigos e um deles dará as ordens: "O jogo do contrário manda falar . . . abrir os olhos . . . caminhar . . ." E como é o "jogo do contrário", a gente faz o inverso do que é pedido. Então, vamos lá! Invente ordens engraçadas, para divertir os amigos. Depois, troquem: outro amigo dá as ordens . . .

— Outra coisa interessante para fazer é desenhar. Quem não gosta de desenhar? Todo mundo, não é? Então, você e seus

amigos, peguem papel, lápis, tintas, enfim, tudo que tiverem. E vamos desenhar tudo ao contrário. Já imaginou um porco no poleiro? Ou um cavalo voando pelo céu?

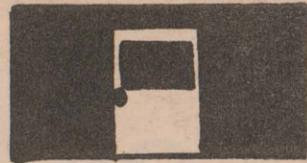
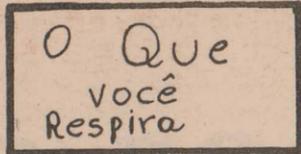
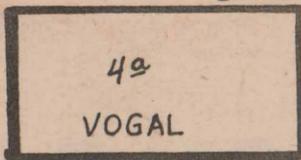
Desenhem e mandem para o COTRISOL se forem bons, bem originais, criativos, poderão ser publicados. Esperamos suas cartinhas e desenhos.

— Que tal escrever uma história? Isso mesmo! Escreva uma história bem bonita e engraçada, baseada no texto que você leu. Uma sugestão:

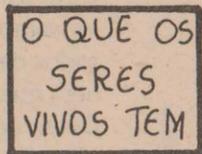
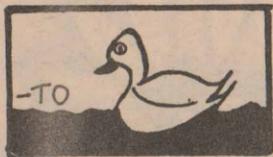
"A granja do contrário". Escreva, ilustre e mande para o COTRISOL.



DECIFRE ESTA CARTA ENIGMÁTICA



É _____ ITO IM _____ NTE



_____ RA _____ HAJA _____

Colaboração de Rosane Azevedo - 11 anos
A. Pestana

Caça-palavras

Descubra as palavras no caça-palavras abaixo. Cuidado! Elas tanto podem estar na horizontal quanto na vertical, na ordem certa ou na ordem inversa. As palavras são: automóvel, bola, quadro, cadeira, cortina, floreira, garoto, papai, gatinho, janela, panela, estufa, avental.

TE ANI H A T R O E N A P O L H
I B R A N G A T I N H O T U R O E
D Z I E H I N C N I L R E I F L I
A L E N A J O R E S O F L O S O R
L V R A T A R R O L C A D E I R A
A L O B A N T R R A J A R T A I P
T A L R D A L L D A B O P E P T A
N E F T T I O G A N H A T N A L P
E D I I G C P T U I A P A P P I A
V R O G A T O M Q O F T O A U V M
A N I T R O C E L T U A L A V N E
T E R N O I R U A U T O M O V E L
P T O R T M A R L A S A D N E L A
E L A R O T P U R R E T N I O B S

Colaboração de Renate M. Weiler

Adivinhações

- 1- O que fazem as moças depois dos 15 anos?
- 2- O que é que sentado fica mais alto do que de pé?
- 3- O que é que nasce grande e morre pequeno?
- 4- O que é que usa no pé e dói na barriga?
- 5- O que é branco como papel, é batido sem piedade e depois da surra fica mais forte, consistente e gostoso?

Colaboração de Cleonice Dalalana

Lembram que mês passado a Mara Moura, de Redentora, mandou um desenho prá gente inventar uma história? Muitas crianças escreveram sobre ela. Como não se pode colocar todas aqui no Cotrisol, publicamos a história que a Nelci Fritz, de 10 anos, que mora em Dourados, no Mato Grosso do Sul, escreveu.

O TOMBO DO RICARDO

Ricardo era um menino muito sapeca.

Certo dia ele estava assistindo televisão, quando viu um menino pulando por cima de um pau, montado num cavalo. Ele foi para fora, montou os paus e subiu no seu cavalinho e foi pular por cima dos paus e o cavalo se assustou. Ricardo caiu e se machucou muito.

Os alunos da Escola Municipal Tiradentes, de Ajuricaba, enviaram muitas histórias e desenhos para colaborar no jornal. Este é um desenho dos alunos da 1ª série da escola.

